

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ-UNIFEI
INSTITUTO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO E GESTÃO**

CAROLINE SILVA DANTAS

**MULHERES, CROCHÊ E DESENVOLVIMENTO LOCAL:
UM OLHAR PARA A SUSTENTABILIDADE DA VIDA**

ITAJUBÁ/MG

2022

CAROLINE SILVA DANTAS

**MULHERES, CROCHÊ E DESENVOLVIMENTO LOCAL:
UM OLHAR PARA A SUSTENTABILIDADE DA VIDA**

Dissertação submetida à Defesa no programa de pós-graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade, pela Universidade Federal de Itajubá – MG.

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento e Sociedade.
Orientadora: Profa. Dra. Viviane Guimarães Pereira
Coorientadora: Bruna Mendes de Vasconcellos

ITAJUBÁ/MG

2022

CAROLINE SILVA DANTAS

**MULHERES, CROCHÊ E DESENVOLVIMENTO LOCAL:
UM OLHAR PARA A SUSTENTABILIDADE DA VIDA**

Dissertação submetida à Defesa no programa de pós-graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade, pela Universidade Federal de Itajubá – MG.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Viviane Guimarães Pereira (UNIFEI)

Bruna Mendes de Vasconcellos (UFABC)

Denise Pereira De Alcântara Ferraz (UNIFEI)

Márcia Maria Tait Lima (UNICAMP)

AGRADECIMENTOS

Às minhas avós Marias, que teceram peças, caminhos, saberes e afetos.

À minha mãe, que teceu história, resistência, política e fortaleza.

Às mulheres crocheteiras do Grupo Moça, àquelas que já passaram e por motivos diversos não permaneceram e às que ainda resistem nessa luta na busca pela valorização justa de seus trabalhos. Vocês me ensinaram e me ensinam muito, agradeço de todo o meu coração aos momentos compartilhados, ao afeto e à confiança.

Às participantes da pesquisa, muito obrigada pela recepção em suas casas, por compartilharem suas histórias, suas lutas e esperanças.

Sou grata à Viviane e à Bruna, por aceitarem estar comigo nessa jornada, pela sensibilidade ao abraçar o tema e ao reconhecerem essa mistura entre a academia, extensão, afeto e luta. Por cada orientação e por me colocarem de volta aos trilhos por diversas vezes. Pela compreensão das minhas limitações enquanto mãe, trabalhadora fora do lar e pesquisadora. Muitas vezes, senti que o mestrado não era o meu lugar, mas junto de vocês consegui continuar e ocupar o que deveria ser possível para todas as mulheres, mães ou não, trabalhadoras fora do lar ou não.

À Denise e à Marcia, que aceitaram participar da qualificação, cuja leitura atenta e generosa trouxeram contribuições valiosas para este trabalho.

Agradeço aos professores e professoras do programa, que mesmo à distância tive o prazer de conhecer, beneficiar-me dos seus conhecimentos, trocar anseios e questionamentos e conhecer outras referências para repensar o desenvolvimento.

Iniciar o mestrado e me deparar com uma pandemia foi um grande desafio. A distância entre os colegas e professores gerou grandes perdas. Agradeço àqueles que, mesmo à distância, estiveram perto.

Suprindo essa lacuna da distância, agradeço ao Lucas e à Letícia, que estiveram ao meu lado em cada momento desta jornada. Muitas foram as discussões, as trocas e os incentivos. Ouviram angústias, debatemos ideias, deram-me dicas valiosas. Seguraram a minha mão nos momentos mais difíceis e me incentivaram a acreditar que era possível. Obrigada por toda ajuda na trajetória e finalização deste trabalho.

Da força que duvidei que tinha, agradeço ao Lucas. Sempre ao meu lado em todos os momentos da minha vida, meu amigo e irmão. Minha inspiração de força, fé, resistência e luta. Obrigada por me lembrar e fazer despertar ainda mais a minha força, minha fé, minha resistência e minha luta.

À Letícia, amiga do peito e de luta, sou grata pelas conversas e pela leitura atenta e sensível desta dissertação. Obrigada por toda contribuição, por estar ao meu lado, por ser minha parceira e resistir comigo nesta luta.

Agradeço ao meu filho Guilherme e à minha filha Elisa, que compreendem as minhas buscas, que tiveram paciência e entenderam a minha ausência mesmo estando perto.

À minha família, sou grata por ficarem ao meu lado, à minha mãe Rosângela, ao meu pai Nivaldo ao meu irmão Gabriel, obrigada pelo apoio incondicional.

À Lucinha e à minha mãe Rosângela, obrigada pelo cuidado com os meus filhos nas minhas ausências. Mesmo que de forma indireta, sem o apoio de vocês eu não conseguiria.

Agradeço a todos meus amigos, que me inspiram, àqueles que de uma certa forma contribuíram para a criação e a materialização deste trabalho.

Em especial, pelo resgate da minha história com o crochê e por me resgatar a esperança, do verbo esperançar, agradeço ao José Bento.

Por me incentivar e me mostrar caminho do mestrado, agradeço à Tayrine e, mais uma vez, à Letícia.

À Cristiane e à Paula, mulheres que tive a sorte de conhecer e que inspiraram com seu conhecimento, humildade e afeto.

Por fim, agradeço a Deus, a Nossa Senhora, aos Santos, Orixás, Anjos, aos quais eu sempre recorro, obrigada!

Sou e somos conscientes de que tentar pensar a partir de uma perspectiva alternativa, centrada na sustentabilidade da vida humana de um modo que seja, ao mesmo tempo, complexo, articulado e operativo, é uma tarefa difícil e arriscada. Mas não sou nem somos ingênuas, sabemos a dificuldade que isso pressupõe. Não é uma tarefa fácil tentar mudar os poderes – econômico, capitalista, patriarcal e outros – que governam e estruturam as instituições, as relações e o simbólico social com objetivos totalmente antagônicos aos que estão colocados aqui e que apresentam, além disso, uma enorme capacidade de serem reproduzidos através de múltiplos planos: político, ideológico, militar, familiar, etc. Mas não o fazer supõe também reforçar o paradigma imperante que perturba nosso devir de um modo cada vez mais insustentável. Não pretendo esgotar o tema – que sabemos que é muito complexo e com um longo percurso – mas contribuir para uma reflexão necessariamente aberta e democrática que permita seguir vislumbrando alternativas para construir um mundo possível de se viver (CARRASCO, 2018, p. 62).

RESUMO

A presente pesquisa de caráter interdisciplinar tem o objetivo de analisar a relação das mulheres crocheteiras de Inconfidentes - MG com o desenvolvimento local e com o crochê, através de elementos materiais e imateriais presentes nessa prática artesanal. O trabalho artesanal na contemporaneidade é marcado por diversas relações sociais, sendo um objeto dotado de valor social, cultural e econômico. Frente ao desenvolvimento hegemônico, o artesanato passou por diversas transformações a fim de atender o mercado consumidor nacional e global. Neste cenário, o artesanato em crochê em Inconfidentes se transformou, sendo a princípio uma atividade desenvolvida para atender demandas domésticas, e depois uma atividade geradora de fonte de renda. Passou, também, a ser produzido e comercializado em larga escala, sendo um grande impulsionador do desenvolvimento local econômico, cultural e turístico. Inconfidentes foi reconhecida como a “Capital Nacional do Crochê”. Utilizou-se como metodologia a abordagem qualitativa, sendo seus instrumentos de pesquisa: o diário de campo, o método de história de vida, entrevistas semiestruturadas e apresentação através de mônadas. As participantes da pesquisa são as mulheres crocheteiras do grupo MOÇA (Mulheres Organizadas Crochetando Autonomia) da cidade de Inconfidentes. Acreditamos que é preciso conhecer para reconhecer e, assim, visibilizar e transformar. Sobre os resultados, a pesquisa identificou a contradição com a qual o artesanato em crochê está lidando. Por um lado, subsistência social e cultural das crocheteiras e suas famílias, por outro, a invisibilidade e a desvalorização da mão de obra, desigualdade e divisão de classe e de gênero. O crochê é produzido artesanalmente em casa, predominantemente por mulheres e, assim como o trabalho doméstico e de cuidado, é marcado por relações de invisibilidade e desvalorização. Esta pesquisa aponta para a necessidade de alternativas ao desenvolvimento local, que atuem na valorização do artesanato em uma perspectiva feminista, solidária e de sustentabilidade da vida.

Palavras-chave: Artesanato; Trabalho artesanal; Desenvolvimento; Economia Feminista; Economia Solidária

ABSTRACT

This interdisciplinary research aims to analyze the relationship of women crocheters from Inconfidentes - MG with local development and crochet, through material and immaterial elements present in this craft practice. The craftwork in contemporary times is marked by various social relations, being an object endowed with social, cultural and economic value. Faced with hegemonic development, handicrafts have undergone several transformations in order to meet the national and global consumer market. In this scenario, the crochet handicraft in Inconfidentes has been transformed from an activity developed to meet domestic demands to a source of income. It also started to be produced and commercialized on a large scale, being a great driver of local economic, cultural and tourist development. Inconfidentes has been recognized as the "National Crochet Capital". The qualitative approach was used as methodology, and its research instruments were: the field diary, the life history method, semi-structured interviews and presentation through monads. The participants of the research are women crocheters from the group MOÇA (Organized Women Crocheting Autonomy) from the city of Inconfidentes. We believe that it is necessary to know in order to recognize and thus make visible and transform. About the results, the research identified the contradiction in which the crochet handicraft is exposed. On the one hand, social and cultural subsistence of crocheters and their families, on the other hand, it represents the invisibility and devaluation of labor, inequality and class and gender division. Crochet, is handmade in the home, predominantly produced by women and, like domestic and care work, is marked by relations of invisibility and devaluation. This research points to the need for alternatives to local development, which acts in the valorization of handicrafts in a feminist and life sustainability perspective.

Keywords: Handicrafts; Craftwork; Development; Feminist economy; Solidarity economy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 PERCURSO METODOLÓGICO	13
1.1.1 Classificação da pesquisa, delimitação do objeto e da área de estudo	13
1.1.2 Procedimentos de levantamento de dados e instrumentos aplicados	14
1.1.3 Procedimentos de análise de dados	17
2 O DESENVOLVIMENTO DE UMA CIDADE PELO SEU CROCHÊ	19
2.1 Conhecendo a cidade, o crochê e o modelo de desenvolvimento local.....	19
2.2 O trabalho artesanal na contemporaneidade.....	27
2.3 A cadeia produtiva do crochê em Inconfidentes	31
2.4 De qual desenvolvimento estamos falando?.....	33
3 AS ENTRELINHAS ENTRE A CAPITAL NACIONAL DO CROCHÊ E AS CROCHETEIRAS	39
3.1 A divisão sexual do trabalho: o lugar social da mulher crocheteira.....	39
3.2 Onde estão as mulheres no desenvolvimento?	44
3.3 A mulher crocheteira e o cuidado da vida humana	48
3.4 Crochetando uma nova possibilidade de desenvolvimento local pelo crochê.....	51
3.4.1 Crochetando uma nova história	54
4 AS CROCHETEIRAS	59
4.1 A história das crocheteiras.....	59
4.2 Mônadas: O crochê, a renda, o amor e o Grupo MOÇA.....	66
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	89
APÊNDICES	99
Apêndice A - Roteiro a ser seguido na obtenção da história de vida	99
Apêndice B - Entrevista semiestruturada	100

1 INTRODUÇÃO

Entre linhas e agulhas, mãos habilidosas vão tecendo objetos, peças, saberes, conhecimentos, trocas, histórias, cultura, economia. Considerado popularmente como ofício da “vovó”, o crochê é uma prática artesanal, predominantemente feita no ambiente doméstico e feminino, que consiste na técnica de produzir objetos e peças com linha, agulha e mãos. Longe de ser produzido apenas pelas “avós”, o crochê tomou conta dos mais diversos espaços e mercados, faz-se presente desde a moda no mercado popular, aos desfiles de grifes. Atualmente, o crochê conquistou as casas e as passarelas. As peças de crochê estão visíveis a todos, mas e as artesãs, mulheres crocheteiras que produzem essas peças, estão elas da mesma maneira visíveis a todos?

A pequena, ou por vezes inexistente, referência às mulheres crocheteiras em pesquisas, livros, foi a grande motivação para a realização desta pesquisa. O protagonista sempre é o crochê, a peça em si pronta. Mas quem a faz? Quem são essas mulheres? Como é essa produção e comercialização? O que mantém essas mulheres a realizar o ofício do crochê?

O ofício do crochê e suas peças fazem parte da formação e da vida de muitas mulheres na região do Sul de Minas Gerais, mais especificamente na cidade de Inconfidentes. O crochê atravessa a minha história desde a infância até os dias atuais. Cresci em meio aos fios e às peças de crochê. Sou neta e filha de crocheteira, aprendi essa técnica artesanal na infância. Inconfidentes é conhecida como “A Capital Nacional do Crochê”, posto que esta atividade artesanal faz parte do cotidiano e do desenvolvimento da cidade, movimentando há anos sua economia e turismo de compras (SILVA, 2017; IBGE, 2021).

O crochê é produzido em larga escala e suas peças feitas localmente se espalham pelas lojas e consumidores de todo país. O modo de fazer crochê do município de Inconfidentes foi reconhecido como patrimônio cultural do Estado de Minas Gerais através da lei 22.896/2018 (MINAS GERAIS, 2018). Muito crochê é tecido nesta terra, tecer é um ato político de resistência cultural e subsistência social. As mulheres crocheteiras de Inconfidentes fazem deste ofício sua cultura, sua terapia, seu trabalho e modo de sobrevivência.

Entretanto, existe um alarmante desinteresse das mais jovens em aprender a fazer crochê, colocando em risco a continuidade e manutenção dessa prática cultural. Para Rosa (2019), que pesquisou as Políticas Públicas de fomento ao crochê no município, tal desinteresse é motivado pela falta de políticas públicas que valorizem esse tipo de trabalho. No entanto, pode haver outros fatores não relatados pela autora envolvidos nessa dinâmica.

As mulheres crocheteiras aprenderam desde a infância, com outras mulheres de seu convívio, o ofício do crochê. No processo produtivo do crochê enraizado, em suas relações de produção e de comercialização, observa-se que as crocheteiras são pouco valorizadas. O valor monetário que se paga pelo trabalho artesanal do crochê não corresponde nem ao tempo que uma crocheteira gasta para a confecção de uma peça, nem mesmo ao conhecimento necessário para fazê-lo.

Ademais, na cadeia produtiva que envolve o crochê, observa-se neste cenário a desigual divisão sexual do trabalho, visto que os homens trabalham de maneira formal, são responsáveis pela produção dos fios (matéria prima do crochê) e estão assegurados por direitos trabalhistas, por outro lado, as mulheres crocheteiras trabalham no espaço doméstico de maneira informal e estão desprovidas dos direitos sociais trabalhistas, pois elas ganham somente pelo que produzem, não havendo nenhuma outra garantia ou um salário mínimo pelo desenvolvimento da função.

Neste sentido, o objetivo geral desta pesquisa é analisar a relação das mulheres crocheteiras de Inconfidentes com o crochê e com desenvolvimento local, através de elementos materiais e imateriais presentes nesse ofício. De maneira específica, temos como objetivo: (I) Identificar e analisar as relações de produção e de comercialização vivenciadas. (II) Identificar e analisar o significado do fazer crochê, seus desafios e suas potencialidades.

Dessa forma, a pergunta problematizadora que norteia este trabalho é: o desenvolvimento da Capital Nacional do Crochê beneficiou aquelas que fazem o ofício? Como hipótese preliminar, acredita-se que o modelo de desenvolvimento pelo crochê adotado se apropriou da vulnerabilidade social e trouxe ascensão econômica para poucos.

O crochê aponta caminhos relevantes para possíveis compreensões da vida social. Canclini (1989, p.53) afirma que “devemos estudar o artesanato como processos e não apenas como objetos em si mesmos, envolvendo, no processo, as relações sociais”. Na contemporaneidade o artesanato se destaca pela sua importância cultural, social e econômica. Frente ao avanço da industrialização e da globalização, os produtos artesanais se apresentam de diversas formas e observa-se a reconfiguração da atividade produtiva artesanal, bem como a importância desse segmento para o desenvolvimento econômico.

Segundo Mansur Abunasser Bassit, o artesanato brasileiro vem se fortalecendo e se apresenta como uma atividade econômica expressiva, contribuindo para o desenvolvimento econômico do País (BRASIL, 2017). Segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2013) o número estimado de brasileiros que vivem da produção do artesanato é de cerca de dez milhões de pessoas, sendo 77% do gênero feminino.

Especificamente as pessoas cuja principal fonte de renda provém do artesanato apresenta baixo nível de escolaridade, e 69% têm até o Ensino Fundamental.

Para Keller (2014), o trabalho artesanal remete tanto à tradição quanto à contemporaneidade, complementa e é fonte de renda dos artesãos e de suas famílias, entretanto, há poucas informações sobre a atividade artesanal no Brasil e sobre o seu real impacto cultural e econômico. Segundo Borges (2019) e Keller (2014), o artesanato é produzido usualmente de maneira informal, feito coletivamente por grupos de produção espalhados pelo Brasil e pela América Latina, grupos esses marcados por relações de família e de vizinhança, desenvolvido predominantemente por mulheres. Keller (2014) indica, ainda, que são mulheres de baixa renda.

Pensando pelo viés de gênero, observa-se que o trabalho feminino é marcado por práticas e relações quase sempre invisíveis (SOUZA-LOPO, 2021). Quando se trata da mulher artesã, há uma dupla invisibilidade. A desvalorização do trabalho artesanal feminino, frente ao contexto de desigualdade de acesso ao mercado de trabalho e da divisão das tarefas domésticas, faz com que o trabalho artesanal seja como um símbolo da condição feminina, “exposta muitas vezes no labor doméstico em que corpo se desgasta, sem ter seu resultado reconhecido nem valorizado no seio da esfera privada” (BARROSO, 2018).

Diante deste contexto, percebemos a contradição na qual o artesanato está exposto na contemporaneidade: de um lado, riqueza cultural e desenvolvimento econômico, de outro, desigualdade e divisão de classe e de gênero. Nesse sentido, levando em consideração que há poucas informações sobre a atividade artesanal no Brasil, que o artesanato é uma atividade econômica expressiva que contribui para o desenvolvimento econômico, que é produzido predominantemente por mulheres de baixa renda, fazem-se necessários estudos que levem em consideração a desigualdade de gênero e classe, bem como que reflitam quem está sendo beneficiado de fato com o desenvolvimento econômico alavancado pelo artesanato.

Dessa forma, o eixo teórico proposto para a presente pesquisa é a perspectiva do desenvolvimento baseada na crítica ao modelo hegemônico e alternativas de desenvolvimento; o trabalho artesanal na sociedade contemporânea e a teoria feminista na perspectiva da divisão sexual do trabalho e economia feminista. Essa pesquisa envolveu um trabalho de revisão bibliográfica das principais áreas descritas. Foi possível observar que poucas ainda são as pesquisas que analisam o trabalho artesanal relacionando-o com gênero e desenvolvimento.

Primeiramente, a fim de descrever o contexto da região e sua relação com o ofício, buscou-se a produção acadêmica local. Encontramos poucas pesquisas que se dedicaram a descrever a história e as questões sociais locais, sobretudo relacionadas ao crochê. O livro de Leyde Guimarães (2010) “Inconfidentes – a terra que me viu nascer”, descreve a história de

Inconfidentes e, de forma bastante simplificada, conta a evolução do crochê na cidade, que passou de uma atividade doméstica à geradora de renda. Tânia Gonçalves Bueno da Silva (2017) se dedicou a descrever o processo de colonização na cidade, e a trajetória da Escola Patrono de Mauá faz uma breve menção ao crochê quando pontua sobre a economia local. O único trabalho encontrado que se dedica de forma direta ao ofício de crochê no município foi da pesquisadora Mara Heid Rosa (2019), que analisou as Políticas Públicas de fomento ao artesanato tendo como foco a atividade de crochê em Inconfidentes - MG, demonstrando a importância do artesanato para a cultura e desenvolvimento econômico local. Contudo, os participantes de sua pesquisa foram os primeiros comerciantes do crochê e empresárias do ramo, diferente do que propõe essa pesquisa. Mediante esse contexto, apresenta-se a seguir como esta pesquisa foi organizada e o foco de cada um dos capítulos elaborados.

No primeiro capítulo, apresentamos a cidade de Inconfidente, descrevendo como essa prática artesanal do crochê influenciou no desenvolvimento local, demonstrando as estratégias para promoção do crochê, buscando compreender a quem esse modelo tem beneficiado. No segundo capítulo, procuramos descrever a relação de desigualdade de gênero oculta existente entre a capital nacional do crochê e as crocheteiras. No terceiro capítulo, buscamos apresentar as artesãs que dão vida as peças de crochê e que são as grandes protagonistas do reconhecimento de Inconfidentes pelo crochê.

Nesse sentido, tecendo, descrevendo e revelando os múltiplos fios do contexto do desenvolvimento econômico, cultural e social que envolve o trabalho artesanal, a mulher artesã e o desenvolvimento local, essa pesquisa tem o intuito de promover visibilidade às mãos (in)visíveis que tecem diariamente e que são as grandes protagonistas da identidade e do desenvolvimento local do crochê em Inconfidentes. Partindo da premissa de que é preciso conhecer para reconhecer, buscamos um olhar científico que contribua, mesmo de forma indireta, para melhorar e transformar a realidade posta.

1.1 PERCURSO METODOLÓGICO

1.1.1 Classificação da pesquisa, delimitação do objeto e da área de estudo

A presente pesquisa é de abordagem qualitativa, descritiva, e busca explicar a realidade manifestada pelos próprios sujeitos da situação social. Apresenta-se como interdisciplinar, já que analisa a relação do sujeito-objeto de pesquisa, sob a visão da articulação de diversos

campos de saberes, em que o foco e o objeto não encontram uma resposta somente em uma área (GARCIA- JUNIOR; VERDI, 2015). Desta forma, pretendemos analisar o objeto-sujeito pela articulação entre a perspectiva de desenvolvimento, a teoria feminista (divisão sexual do trabalho e economia feminista) e o trabalho contemporâneo do artesanato.

A escolha de Inconfidentes como área de estudo ocorreu pelo fato de ser a cidade reconhecida como a “Capital Nacional do Crochê” (SILVA, 2017; GUIMARÃES, 2010), onde o crochê é produzido em larga escala, e as peças produzidas na cidade se espalham pelas lojas e consumidores de todo país. É também a cidade da região do Sul de Minas que se estima ter o maior número de crocheteiras. Inconfidentes tem pouco mais de 7.000 habitantes (IBGE, 2019) e, calcula-se ter mais de duas mil pessoas que fazem o artesanato em crochê no município (GLOBO, 2015), que reforça o ditado popular comum na cidade, que diz: “em Inconfidentes, toda família tem uma crocheteira”.

Nessa pesquisa, as participantes são as mulheres crocheteiras do grupo MOÇA (Mulheres Organizadas Crochetando Autonomia), residentes no município de Inconfidentes. A escolha das mulheres crocheteiras do grupo MOÇA como participantes de pesquisa deve-se ao fato de esse ser o único grupo organizado de crocheteiras em Inconfidentes que vivenciam as duas experiências de produção e comercialização: a hegemônica e a contra hegemônica, por meio da experiência da produção coletiva e comercialização justa, com base na economia solidária.

Ademais, a realidade social das mulheres do grupo MOÇA representa a realidade da maioria das crocheteiras de Inconfidentes, bem como da realidade das artesãs espalhadas pelo país. São mulheres de baixa renda, baixa escolaridade, que realizam o trabalho artesanal em sua residência, conciliando este trabalho com os serviços domésticos e de cuidado (KELLER, 2014; BORGES, 2019). Para além deste ponto, a pesquisadora já tem vínculo estabelecido com as participantes da pesquisa, dimensão priorizada no método que se propõe utilizar.

1.1.2 Procedimentos de levantamento de dados e instrumentos aplicados

Neste tópico, expomos o detalhamento dos procedimentos e instrumentos de análise que foram utilizados para alcançar os objetivos desta pesquisa. Dividimos os procedimentos em três etapas. Na primeira etapa, utilizamos o instrumento diário de campo. Neste período, a pesquisadora participou de encontros das crocheteiras do grupo MOÇA e, nessas participações, foi sendo construído um diário de campo, em que eram feitas anotações gerais e, também,

transcritas algumas falas das artesãs. A segunda etapa consistiu no recolhimento de suas histórias de vida, quanto a terceira foi realizada através de entrevista semiestruturada. Para atender a segunda e a terceira etapa, foi organizada uma reunião coletiva com as participantes (as mulheres do grupo MOÇA) de forma remota. A intenção aqui é explicar a proposta e objetivos da pesquisa, bem como os procedimentos de levantamentos de dados, para identificar aquelas que aceitariam contribuir para esta pesquisa. Na reunião estavam presentes 11 (onze) mulheres, que prontamente se dispuseram a participar e contribuir. Às demais integrantes do grupo, foi encaminhado individualmente um áudio por *Whatsapp*, convidando-as a participarem e explicando a proposta e o objetivo da pesquisa. Todas as vinte mulheres que compõem o grupo MOÇA se dispuseram a contribuir com a realização desta pesquisa. As mulheres foram entrevistadas em dias e horários pré-agendados, conforme disponibilidade. As identidades das participantes foram mantidas, com o devido consentimento.

a) Primeira etapa

Em atendimento parcial aos objetivos específicos, foi utilizado como estratégia o diário de campo. Desde março de 2021, a pesquisadora está atuando em um projeto de extensão com as participantes dessa pesquisa, em parceria com IFSULDEMINAS-Campus Inconfidentes, de forma remota. As aulas foram realizadas uma vez na semana, com discussões sobre a valorização das crocheteiras e produção e comercialização dos produtos de forma justa. Percebe-se que a participação nesses encontros foi essencial para a construção do diário de campo. Ao todo, o diário de campo abrangeu conteúdo de 11 aulas e 21 reuniões do grupo. Para Oliveira (2014), o diário de campo é uma ferramenta de pesquisa que possibilita o registro de temporalidades cotidianas do que está sendo estudado.

b) Segunda Etapa

Em atendimento ao objetivo específico (II), ou seja, o de identificar e analisar o significado do fazer crochê, bem como seus desafios e suas potencialidades, foi abordada a realidade de 2 (duas) mulheres crocheteiras, selecionadas pelo recorte de faixa etária (menor idade e maior idade). Foi utilizado como técnica o método “História de Vida”, que, para Queiroz (1988), é instrumento como qualquer outro procedimento utilizado na coleta de dados, porém pode ser considerada uma técnica rica, pois consegue captar o encontro da vida individual com a social.

Segundo Queiroz (1988), o indivíduo é um fenômeno social, e, através de sua história de vida, é possível captar aspectos importantes do contexto social em que está inserido, assim como de seu grupo social, identificando comportamentos e técnicas, valores e ideologias. A técnica “História de Vida” é uma ferramenta rica exatamente por se colocar em um ponto no

qual se cruzam contexto social e vida individual. Tal técnica tem como objetivo compreender as articulações entre a história individual e a história coletiva, ou seja, realizar uma ponte entre a trajetória individual e a trajetória social (QUEIROZ, 1988). Para o autor, o vínculo entre pesquisador e as participantes da pesquisa é uma dimensão priorizada no método de história de vida. Neste sentido, na referida pesquisa, já existe um vínculo construído entre o pesquisador e suas participantes, o que justifica a escolha do método.

Com esta técnica, buscamos maior aproximação com a realidade e com as participantes do estudo, procurando colocá-las dentro desse processo, e não apenas enxergá-las como simples objeto de pesquisa, aprendendo a ouvir aquela que vivencia o contexto que se quer estudar. A técnica foi idealizada a partir da formulação de duas perguntas-chave visando a amparar os discursos das participantes de pesquisa, dando-lhes a liberdade para contar livremente sobre sua experiência pessoal em relação ao que está sendo pesquisado. Para Queiroz (1988), as interferências durante a entrevista devem ser evitadas para que a participante tenha a liberdade de falar aquilo que é mais significativo para ela. “Quem decide o que vai relatar é o narrador [...] e nada do que relata pode ser considerado supérfluo, pois tudo se encadeia para compor e explicar sua existência” (QUEIROZ, 1988, p. 21).

De acordo com a delimitação desse estudo, utilizou-se um roteiro previamente elaborado (Apêndice A) que continha a pergunta norteadora que não mencionava o crochê e depois, uma que mencionava. A intenção de tal estratégia foi a de não as levar a responder sobre o crochê desde o primeiro momento, mas sim de captar como este surgiu dentro da história da crocheteira em questão.

Dessa forma, havia uma questão norteadora, que buscava identificar a relação e a história de vida das entrevistadas com o crochê. Buscou-se compreender qual lugar o crochê ocupa na relação delas com a história de vida, questões da infância, os primeiros contatos com o crochê, e como essa relação foi construída até os dias hoje, procurando despertar as experiências e sentimentos, os desafios e as potencialidades e planos para o futuro, relacionados ao fazer crochê. Segundo Queiroz (1988), captada e analisada uma história de vida, a mesma apresenta informações que podem ser em seguida pesquisadas com a utilização de entrevista, que é o que intentamos com essa pesquisa.

c) Terceira Etapa

Depois de captar e analisar a história de vida das participantes, em atendimento ao objetivo específico (I e II), nesta terceira etapa, o instrumento foi a entrevista semiestruturada (Apêndice B), aplicada individualmente com cada participante. Foram entrevistadas 11(onze) mulheres,

participantes do grupo Moça, as quais tinham disponibilidade no momento em que as entrevistas foram aplicadas.

Doze das quatorze mulheres participantes do grupo MOÇA tinham a disponibilidade de participar. Primeiramente foi feito o levantamento do perfil socioeconômico, identificando os dados de variação de idade, renda, escolaridade, raça, local de residência (rural ou urbana), ocupação (do lar/trabalhadora diarista/profissão), necessidades especiais, entre outros. Outrossim, foram planejadas questões com assuntos não abordados e nem respondidos na história de vida e que compreendemos ser relevantes para a pesquisa, de modo que possa identificar as potencialidades e desafios na relação das mulheres organizadas com o fazer crochê e com o desenvolvimento local.

Para Quaresma (2005), a entrevista semiestrutura é composta por questões abertas, possibilitando um maior diálogo no momento de sua realização, porque permite que se saia do roteiro, se necessário for. Já a entrevista estruturada é composta por questões fechadas, geralmente com respostas curtas. Dessa forma, nessa etapa, utilizaram-se os dois métodos, variando em função do objetivo de sua utilização.

1.1.3 Procedimentos de análise de dados

A análise será feita a partir do confronto entre a realidade (contada e observada) e há em todo o percurso metodológico a proposta do método de sequência circular de pesquisa descrita por Alencar (1999) de “trabalho de campo – análise – trabalho de campo”, ilustrada na Figura 1. As análises serão realizadas a partir do cruzamento da referência teórica com os dados empíricos coletados.

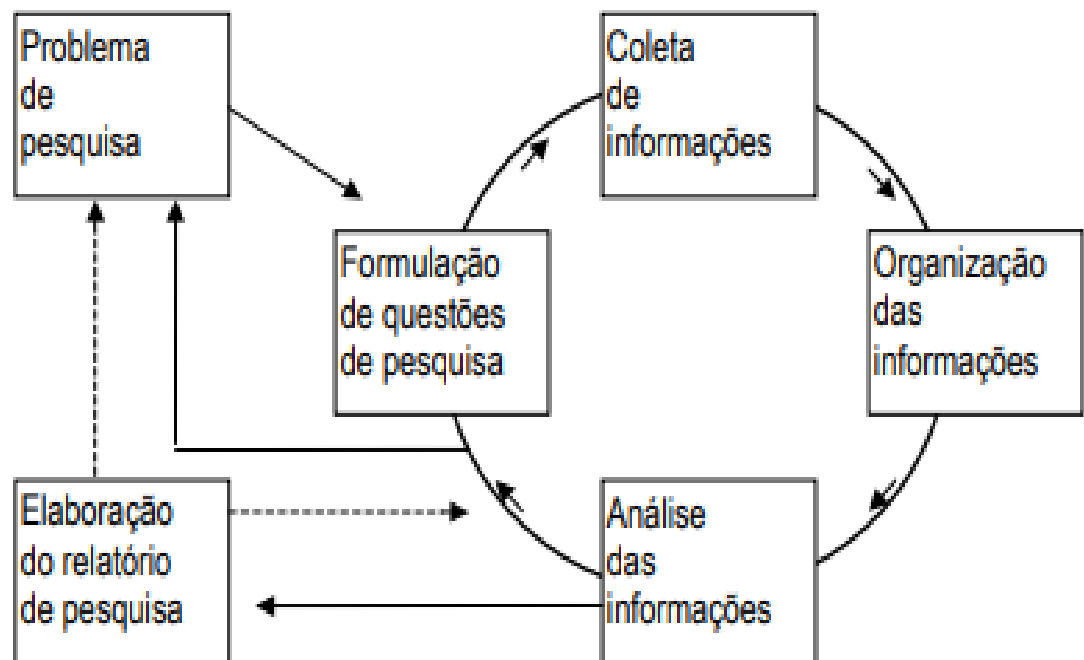


Figura 1 - Sequência circular de pesquisa em ciências sociais. Fonte: Alencar (1999, p. 16).

Na análise da história de vida, buscou-se um diálogo entre os temas aqui estudados e a realidade contada por elas, também visando a uma análise circular e dialogando com as outras etapas do trabalho. Já as entrevistas foram apresentadas no formato de mônadas, na perspectiva de Walter Benjamin (BENJAMIN, 2011), em formato de mosaicos e se apropriando da concepção de Santana e Santana (2019), que também realizaram pesquisa com mulheres e destacam o uso das mônadas para *“não somente transformar as narrativas ouvidas para o universo da produção acadêmica, mas ir além, no sentido de dar créditos às mulheres que fazem parte desse tempo de escrita, perpetuando a sua participação não somente como entrevistadas, mas também como autoras”* (grifo nosso). Benjamin (2011) propõe que a construção monadológica tem como cerne a ideia de um todo, que é dito por um pequeno enxerto de uma fala, representando suas ideias sobre o estabelecido, mas, sobretudo, sobre o experienciado. Em respeito às colaboradoras desta pesquisa, apresentamos as mônadas a elas, oferecendo a opção de suprimir qualquer parte, se assim desejassem. Vale ainda mencionar que as mônadas não possuem aspas, já que não são copiadas mas, sim, escritas.

2 O DESENVOLVIMENTO DE UMA CIDADE PELO SEU CROCHÊ

A proposta deste capítulo é apresentar a cidade de Inconfidentes, conhecida como a “Capital Nacional do Crochê”, artesanato este que ocupa um lugar histórico, econômico e cultural importante para a cidade. Além da geografia e história do lugar, trata-se de pensar qual história o crochê conta. O objetivo é apresentar como essa prática artesanal influenciou no desenvolvimento local, transformando uma tarefa historicamente feminilizada, realizada no âmbito doméstico, como parte do cuidado da casa, em fonte de renda, dentro de um processo de mercadorização do crochê.

2.1 Conhecendo a cidade, o crochê e o modelo de desenvolvimento local

Inconfidentes está localizada no interior do Sul de Minas Gerais, a 441 quilômetros da sua capital, Belo Horizonte. A cidade possui aproximadamente 7.300 habitantes e 149 Km², fazendo divisa com os municípios de Bom Repouso, Borda da Mata, Bueno Brandão, Ouro Fino e Tocos do Moji (IBGE, 2021).

A cidade apresenta na sua formação os traçados de vários povos, etnias, culturas e tradições diversas. Haja vista que sua formação começou no ano de 1909, quando o Governo do Estado doou à União 810 hectares de terras, para criação de uma colônia agrícola. Os bandeirantes, atraídos pelo ouro das Gerais, foram os primeiros habitantes da região onde hoje se situa o município de Inconfidentes (INCONFIDENTES, 2021a).

Inconfidentes foi chamada a princípio de “Núcleo Colonial de Inconfidentes”, e, então, “Colônia”, visto que era pertencente ao município de Ouro Fino, e suas terras foram distribuídas para os colonos italianos, espanhóis, portugueses, russos, estonianos, franceses, suíços, entre outras nacionalidades (GUIMARÃES, 2010). Tal território possui em sua construção histórica uma trajetória de luta e resistência com intuito de deixar de ser núcleo colonial e se desligar de Ouro Fino, para ser oficializada como município. Ademais, conta com uma luta pela regularização fundiária das terras da união ocupadas pelas famílias (INCONFIDENTES, 2021b).

Segundo Silva (2017), a cidade de Inconfidentes teve sua origem pensada e projetada pelo governo Federal para compor um Núcleo Colonial Agrícola e foi constituída a partir de dois processos migratórios: o processo de imigração europeia e o de migração interna de alunos das grandes cidades para a escola Patronato Agrícola, dada para a região nas primeiras décadas do século XX.

É importante ressaltar as ocasiões sociais, históricas e culturais da formação desse Núcleo Colonial, composto por onze etnias imigrantes estrangeiras (todas europeias), bem como a nacional e a migração de alunos do quadro discente da escola, formando um encontro de culturas de diferentes etnias (SILVA, 2017). Segundo a autora, os fragmentos históricos da cidade de Inconfidentes na implantação do Núcleo Colonial estão ligados à migração agrícola, entrelaçada à “política e economia do Brasil Republicano que objetivava um projeto reformador para colocar a nação e principalmente a agricultura nos trilhos do progresso” (SILVA, 2017).

Sobre a economia local, Guimarães (2010) destaca que a produção do alho e do crochê foram os pontos mais fortes do desenvolvimento de Inconfidentes nos anos de 1980 a 1993, contando com a realização de grandes festas, como a do “Crochalho”, organizada pela Prefeitura Municipal, Escola Agrotécnica Federal de Inconfidentes (antiga escola Patronato Agrícola) e EMATER, atraindo turistas de várias localidades, tornando o município conhecido nacionalmente como “Capital Nacional do Crochê e do Alho”. Ainda conforme a autora, os indícios históricos apontam que o crochê foi trazido pelos imigrantes, antes de tudo, como um hobby das mulheres que conciliavam a atividade com o trabalho doméstico e que, só depois de um tempo, passou a ser comercializado.

Na descrição das técnicas de produção artesanal do Programa do Artesanato Brasileiro, o crochê é definido como uma “técnica desenvolvida com o auxílio de agulha especial terminada em gancho e que produz um traçado semelhante ao de uma malha ou de uma renda” (BRASIL, 2018).

Como exposto, a origem do crochê em Inconfidentes é incerta, no contexto das lembranças, de quando Inconfidentes ainda era colônia, retratando a relação cultural e familiar exposta por Mara (2010), a autora Guimarães (2010) relata “As Tardes das Crocheteiras” (1928-29), quando sua mãe e demais vizinhas se reuniam para longas conversas e assim desenvolviam o principal “hobby” das mulheres naquele tempo, o crochê, resgatando a memória da tradição.

Como eram gostosos nas tardes quentes de verão aqueles encontros da minha mãe e suas vizinhas D. Esperança. D. Maria Pereira, Ditinha e Maria da Sá Márcia, D. Julieta, D. Olímpia Clef e muitas outras, que se revezavam sentadas nas cadeiras colocadas em frente à minha casa. Ali, era longa a conversa, e rendia o crochê, o principal hobby das senhoras daquele tempo (GUIMARÃES, 2010, p. 434).

A Escola Patronato Agrícola se tornou a Escola Agrotécnica Federal de Inconfidentes (EAFI) e, posteriormente, passou a fazer parte da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, transformando-se no Instituto Federal do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS - Campus Inconfidentes) (BRASIL, 2008). A instituição, na ocasião em que começou a oferecer cursos de ensino superior, passou a ter mais impacto econômico na cidade, visto que ofereceu oportunidades aos moradores locais, os quais, talvez, nunca teriam o acesso ao ensino superior se não houvesse a instituição no local. Vale ressaltar que as instituições de ensino superior possuem importância para o desenvolvimento de um território, inclusive, vai de encontro ao que propõe a Constituição Federal em seu Artigo 218 (inciso 2), que direciona a pesquisa tecnológica para a solução de problemas e o desenvolvimento de sistemas de produção regionais (BRASIL, 1988).

A economia local também foi transformada com o passar do tempo: de uma economia baseada somente na agropecuária, para uma economia artesanal em crochê e, posteriormente, para uma economia industrial têxtil. Nos registros históricos locais, há uma lacuna sobre essa transição e suas consequências econômicas, culturais e sociais.

Segundo Guimarães (2010), o crochê chegou a ser responsável em algum momento da história do município por mais de 80% da mão de obra, que envolvia mulheres, homens e até mesmo as crianças, movimentando diretamente a economia local. Guimarães (2010) traz, inclusive, uma fala sobre o quanto esse modo de produção garantia a renda das famílias:

Em Inconfidentes, muito pouco a população pode ser considerada de baixo poder aquisitivo, pois *“quem não vive do crochê, planta alho ou faz as duas coisas juntas, gerando uma boa renda familiar”* (José Barbosa Sobrinho) (GUIMARÃES, 2010, p. 444 - grifo nosso).

Não obstante, essa renda obtida com o crochê começou a sofrer um processo de mudança: a troca da manufatura pela maquinofatura trouxe inúmeros impactos às pessoas que viviam do trabalho artesanal no município de Inconfidentes. O protagonismo do trabalho manual se ofuscou, e esse passou, portanto, a ser apenas uma peça, ou uma parte, do processo produtivo dominante. Tal transformação aconteceu não só em Inconfidentes, vale ressaltar, mas faz parte da expansão do sistema de consumo e produção impostos pelo sistema econômico dominante. Marx e Engels (1996) problematizam esse processo. Para os autores, trata-se do momento em que os trabalhadores perderam sua independência e se tornaram um simples acessório das máquinas. Além da independência, os trabalhadores perderam também a valorização de seu trabalho, numa perspectiva de que poderiam ser facilmente substituídos.

Como se não bastasse a desvalorização do trabalho artesanal, em um movimento contrário, essa forma de trabalho começa a se expandir, posto que a maquinofatura trouxe

também a desvalorização da mão de obra, dessa forma, os trabalhadores ganhavam menos, mesmo que estivesse inserido na maquinofatura, e o trabalho artesanal passou a ser uma forma de complementar renda, e com o aumento da sua disponibilidade, a valorização monetária do trabalho artesanal ficou ainda menor. Canclini (1989), ao estudar tais transformações no México, pontua que o artesanato desempenha funções impostas a ele, de reprodução social e divisão do trabalho, as quais contribuem ainda mais para a expansão do capitalismo.

Dentro desse contexto, a partir de 1993, começaram a chegar em Inconfidentes as primeiras indústrias de linhas e barbantes, e também se iniciou a abertura das lojas e empresas para a comercialização do crochê. Posteriormente, a economia local foi se diversificando, e fábricas de roupas de malha, tear e tapetes foram se difundindo pelo município (GUIMARÃES, 2010). No entanto, como o crochê já fazia parte do cotidiano e o local já era reconhecido pela venda desses produtos, aqueles que possuíam maior poder aquisitivo começaram a tratar esse trabalho manual como um trabalho maquinal, produzindo-o em grande escala e vendendo esse produto por preços que pouco dialogam com seu valor. Rosa (2019, p. 25) retrata em sua pesquisa essa transformação:

A senhora A e o Senhor B não mais comercializam o crochê, eles contam que chegou um determinado momento em que as pessoas que possuíam uma renda maior abriram as primeiras empresas de comercialização do artesanato, acabando com os pequenos produtores e compradores, deixando o comércio por conta de alguns comerciantes.

Outra questão vivenciada em Inconfidentes é a adequação dos produtos artesanais ao mercado da moda e a globalização do mercado de produtos locais. Em 1990, por exemplo, um estilista da França esteve em Inconfidentes à procura de mão de obra para produção de roupa em crochê.

Uma crocheteira e ex-funcionária de uma das primeiras lojas de crochê de Inconfidentes/MG, teve a oportunidade de conhecer Paris e passar um mês por lá para produzir peças em crochê para uma coleção de inverno de um design francês (ROSA, 2019).

Essas peças da coleção supracitada foram produzidas pelas crocheteiras locais e da região e, posteriormente, enviadas para a França. Todavia, mesmo com esse mercado internacional, não foi percebida uma valorização social, nem financeira, que pudessem deslocar a realidade desigual a que as mulheres crocheteiras estavam expostas e submetidas. A ação se deu como um fato isolado, porém, que expandiu os modelos de peças produzidas no território. A apropriação cultural e exploração da mão de obra artesanal é algo naturalizado e recorrente no capitalismo, o mesmo ocorreu no México, conforme exposto por William (2019).

Em 2015, a grife francesa Isabel Marant utilizou em sua coleção de verão um bordado feito há 600 anos pela comunidade mexicana Santa María Tlahuitoltepec, da província de Oaxaca. A marca foi acusada de se apropriar de um símbolo da identidade dessa população ao produzi-lo em larga escala e comercializá-lo como uma peça “tribal”. O mais grave, porém, é que o bordado era produzido por mulheres da comunidade a um custo aproximado de R\$ 65 e vendido pelo equivalente a R\$ 1.000 sem nenhum repasse dos lucros a suas criadoras (WILLIAM, 2019, p. 61).

Em 2001, Inconfidentes é inserida no Circuito das Malhas, impulsionando o setor têxtil na cidade, sendo, também, promovida a 1ª Festa do Crochê Malhas (GUIMARÃES, 2010). Observa-se, então, que o crochê se estabeleceu na economia do município (SILVA, 2017; IBGE, 2021). Conforme exposto, passou a ser produzido em larga escala, sendo a única fonte de renda, ou a principal, de muitas mulheres de Inconfidentes e região.

Segundo Rosa (2019):

O artesanato, em específico em Inconfidentes/MG, tem um papel importantíssimo dentro do desenvolvimento local, desde a sua fundação em 1963. Apesar da atividade local sempre ter sido voltada para agricultura familiar, desenvolvida pelos colonos de diversos países¹ como Portugal, Espanha, Itália, entre outros, as mulheres desenvolviam trabalhos manuais como crochê, tricô e bordado, sendo para uso pessoal ou como complemento de renda. Assim, com o passar dos anos houve o fortalecimento da atividade artesanal do Crochê, tornando o município de Inconfidentes conhecido como a capital nacional do crochê, tendo fábricas de torção dos fios e lojas que comercializam os produtos desenvolvidos pela comunidade local. Como na cidade não há grandes indústrias e o comércio é pequeno, a maior fonte de renda vem da agricultura em que muitas vezes há oscilações da renda, assim a alternativa para aumentar a renda das famílias é o artesanato. Mas além da renda, o crochê em Inconfidentes/MG tem um valor cultural e familiar, sendo passado de geração em geração, agregando um valor emocional ao produto (p.9).

O crochê passou a fazer parte do dia a dia da população, configurando-se como identidade cultural do município e como fonte de renda de muitas pessoas, deixando um legado histórico, econômico e cultural para a cidade. Andando pela cidade, podemos visualizar a beleza dos tapetes, colchas e roupas de crochê nas vitrines das lojas, assim como encontramos as mulheres produzindo peças em praças e calçadas. O modo de fazer crochê do município de Inconfidentes foi reconhecido como patrimônio cultural do Estado de Minas através da Lei nº 22.896 de 2018 (MINAS GERAIS, 2018).

Observa-se que a gestão pública adotou estratégias de impulsionamento do desenvolvimento do setor. Primeiramente, foi criada a festa do crochê, inicialmente nomeada “Festa do Crochalho”, sendo resgatada futuramente como “Crochemalhas”, tornando-se um importante evento da cidade, com exposições, desfiles, shows e outros eventos organizados para atrair turistas de todo o país e de toda população das cidades vizinhas.

¹ Não é encontrado nos registros bibliográficos, se dentre as etnias estavam povos escravizados/ colonizados, foram estes invisibilizados na história do município?

Hoje, o município se reconhece com o título de “Capital Nacional do Crochê” (Figura 2 desenvolvendo diversas ações que trazem o tema (INCONFIDENTES, 2021).

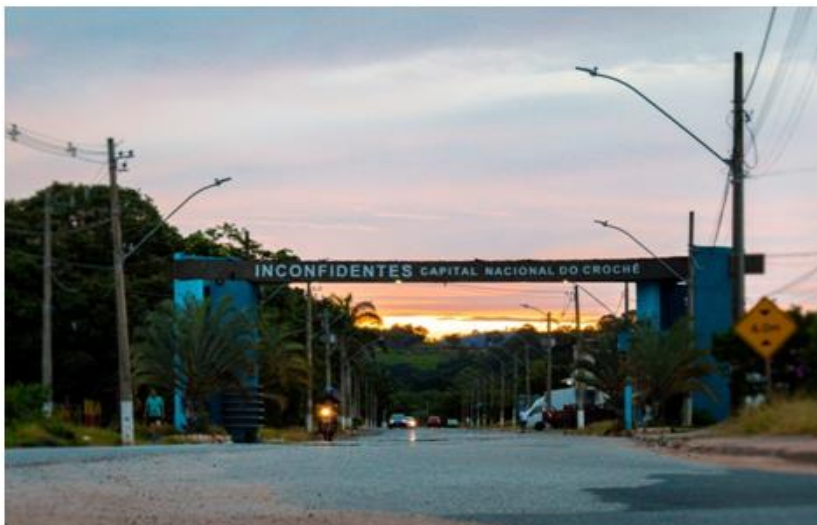


Figura 2 - Entrada da Cidade de Inconfidentes. Fonte: Inconfidentes, 2021.

Ainda sobre as ações desenvolvidas com o tema Crochê, podem ser citados diversos exemplos, tais como:

- Em 2005, Inconfidentes entrou para o RankBrasil como o maior artesanato linear em Crochê do Brasil com um tapete de 2.578,09 metros (Figura 3). A peça de crochê foi estendida desde a entrada da cidade, passando pela avenida principal, decorando toda a praça da igreja e entrando até o pavilhão de exposições da CrocheMalhas (RANKBRASIL, 2005).



Figura 3 - Maior Artesanato Linear em Crochê do Brasil. Fonte: RankBrasil, 2005.

- Em 2014, 14 mil peças foram confeccionadas em Inconfidentes para cobrir de crochê 50 árvores do cenário da novela “Meu Pedacinho de Chão” da Rede Globo (REDE GLOBO, 2014).



Figura 4 - Cenários coloridos e criativos da novela "Meu Pedacinho de Chão".

Fonte: Renato Rocha Miranda/TV Globo, 2014.

- Em 2014, as árvores da Avenida principal também foram revestidas de crochê, tornando-se um cartão postal da cidade. Tradição que se enraizou na cidade e é realizada periodicamente pela Prefeitura Municipal em parceria com os comércios. Observa-se, todos os dias, turistas tirando fotos com as árvores de crochê e muitas reportagens são realizadas em Inconfidentes para canais de televisão, jornais e revistas.



Figura 5 - Árvores de Crochê em Inconfidentes. Fonte: Inconfidentes, 2021.

- Já no ano de 2017, a Prefeitura do Município montou a maior árvore de natal de crochê do Brasil (Figura 6) (INCONFIDENTES, 2017).



Figura 6 - Maior Árvore de Natal de Crochê do Brasil. Fonte: Inconfidentes, 2014.

Para a gestão pública municipal, as ações dessa natureza visam ao fortalecimento do comércio, à divulgação da identidade de Inconfidentes, bem como atrair turistas para conhecer o crochê e todos os outros atrativos de Inconfidentes (INCONFIDENTES, 2017). Contudo, o que realmente é importante e necessário promover, quando pensamos no desenvolvimento da cidade pelo crochê? O que existe por trás da beleza e dos pontos do artesanato em crochê no município de Inconfidentes? Qual o lugar ocupado pelas crocheteiras diante de toda essa história e como são reconhecidas nesse processo? O fortalecimento do turismo e do comércio, sem avaliar as relações sociais, serve a quem?

Se por um lado estas ações voltadas ao “desenvolvimento local” promovem o impulsionamento econômico e turístico local, por outro, resultam na intensificação da sua produção e terminam por moldar o artesanato para o sistema mercadológico. Partimos da posição de que as ações para a promoção do artesanato devem ser realizadas considerando não só o aspecto econômico, mas principalmente os aspectos social e cultural que envolvem o

produto. É preciso conhecer a rede de significados que há por trás da cadeia produtiva e do fazer manual do artesão para compreendê-la.

Os produtos artesanais carregam consigo a cultura e a história local, haja vista que muitas vezes são produzidos em meio a rituais, que traduzem a profunda conexão entre o trabalho artesanal e outros aspectos da vida, como o convívio social e a religião, por exemplo. Dessa forma, o artesanato manifesta não só aspectos individuais, como, também, aspectos coletivos. A forma com que esse produto foi feito fica registrada no objeto, junto com outros atributos, como estética e valores, e a junção desses elementos contam uma história (ARTESOL, 2022).

Ainda conforme Artesol (2022), fazer com as próprias mãos é o que diferencia o produto artesanal do produto produzido de forma industrial. Nesse processo, pode haver a utilização de ferramentas e equipamentos que ajudem na construção do produto, mas tais ferramentas nunca sobressaem ao trabalho manual, sendo apenas auxiliares do processo. Frente ao avanço da industrialização e da globalização, os produtos artesanais se apresentam de diversas formas e observa-se a reconfiguração da atividade produtiva artesanal, tal qual a importância desse segmento para o desenvolvimento econômico.

A complexidade que envolve os estudos sobre o artesanato decorre do fato de que este, na qualidade de elemento componente do patrimônio cultural, incorpora-se ao conjunto de monumentos, documentos e objetos que constituem a memória coletiva de um povo e, portanto, deve ser considerado do ponto de vista social e cultural. Por outro lado, o artesanato também possui características que atendem aos interesses da sociedade de consumo, como o valor estético e o simbólico; dessa forma, seu potencial econômico é crucial para o acirramento das discussões (SILVA, p.3, 2016).

Para a compreensão das questões descritas, devemos, então, investigar as modificações que estão acontecendo na estrutura e na significação social do artesanato, atentando-se para os modos estratégicos de reprodução e de transformação do capitalismo que intervêm na “produção, na circulação e no consumo do artesanato” (CANCLINI, 1989, p. 73).

2.2 O trabalho artesanal na contemporaneidade

O artesanato é uma atividade milenar, que ainda resiste na contemporaneidade e se configura como um elemento da cultura material e imaterial, possuindo importância cultural, social e econômica. É produzido predominantemente pelas classes populares, movimentando a economia e o turismo local (BARROSO, 2018; KELLER, 2014).

O artesanato tradicional compreende os saberes e modos de fazer artesanal que são passados de geração em geração em uma comunidade. Os objetos tradicionais fazem parte do modo de vida das pessoas de um local, em atividades cotidianas ou eventos importantes. Eles materializam valores culturais ancestrais, transmitindo histórias e conhecimentos ao longo do tempo (ARTESOL, 2022).

A produção artesanal para o autor Keller (2014) remete tanto à tradição quanto à contemporaneidade, complementa e é fonte de renda dos artesãos e de suas famílias. Entretanto, há poucas informações sobre a atividade artesanal no Brasil e sobre o seu real impacto cultural e econômico. O segmento artesanal segue predominantemente na informalidade, sendo um dos grandes desafios para o setor (BRASIL, 2017; KELLER, 2014; BORGES, 2019). Outros desafios apontados pelo Plano Setorial do Artesanato são: carência de políticas públicas e o campo da produção e comercialização do artesanato, sendo o estímulo público insuficiente para suprir a demanda apresentada (BRASIL, 2017).

No campo da produção e comercialização, Keller (2014) alerta que o mercado consumidor global, com suas forças, atua na transformação do produto artesanal, tanto para destruir esta forma de produção, quanto para reconfigurar os formatos do trabalho artesanal, transformando-se em uma “atividade precária”. Desta forma, para o autor, “as diversas formas de produção social de artesanato no mundo contemporâneo podem caracterizar tanto formas de subsistência social quanto de resistência cultural” (KELLER, 2014, p. 325).

Com a chegada das máquinas na era industrial, o trabalho manual sofre uma queda rigorosa, com o crescimento do modo de produção industrial, Marx indica um processo de “decomposição da atividade do artesão nas diversas operações que a compõem” (MARX, 1995, p. 389). Segundo Lima (2005), no Brasil, a industrialização ocorreu de forma mais intensa a partir de 1950, influenciando a produção do produto artesanal para atender ao modelo de mercado imposto.

Na contemporaneidade, os produtos artesanais se apresentam de diversas formas. Frente ao avanço do capitalismo, observando a importância desse segmento para o desenvolvimento econômico, vivenciamos a reconfiguração da atividade produtiva artesanal.

De um modo ou de outro, por intermédio das políticas estatais para o artesanato percebemos quais as funções que as culturas populares tradicionais podem cumprir no desenvolvimento econômico e na reelaboração da hegemonia. O avanço do capitalismo nem sempre precisa da eliminação das forças produtivas e culturais que não servem diretamente ao seu desenvolvimento se estas forças proporcionam coesão a um setor numeroso da população, se ainda satisfazem as suas necessidades ou as necessidades de uma reprodução equilibrada do sistema (CANCLINI, 1989, p. 71).

Os pesquisadores Carvalho-Bendassolli (2019) e Keller (2014) evidenciam o pensamento do sociólogo Canclini, constatando em suas pesquisas que no contexto atual do mercado capitalista, o produto artesanal inevitavelmente é produzido conforme as forças do

mercado. O produto artesanal passa por um processo de adequação para atender ao mercado consumidor nacional e global (KELLER, 2014). Segundo o autor, o mercado consumidor global atuou para a “mercadorização do produto artesanal”.

As principais mudanças do artesanato na sociedade contemporânea estão ligadas aos processos de mercadorização do produto artesanal e internacionalização da venda de artesanato. [...] A produção artesanal no mundo contemporâneo está imersa em relações de produção, de comercialização e de consumo capitalistas (Keller, 2014, p. 3-4).

O termo mercadorização do produto artesanal é utilizado pelo autor a fim de explicar o processo de transformação que vem ocorrendo no campo do artesanato para atender o mercado, como: alterações nas formas de produção e de comercialização, novos insumos, novas relações de trabalho, novos saberes e formas de organização do trabalho, etc. Para o autor, “mercadorização” é sinônimo de mercantilização e significa comércio. Nesse caso, compreende-se a mercadorização como ato ou efeito de tornar o produto artesanal em uma mera mercadoria, como sendo um objeto de compra ou venda, desconsiderando seu valor simbólico e cultural, como se este não tivesse diferença se comparado ao produto industrializado.

Para Carvalho-Bendassolli (2019), quando a favor do mercado a atividade artesanal perde sua centralidade na relação entre arte, criação e artesanato, e o artesão vai ocupando o lugar de operário. Nessa lógica, Canclini (1989) revela que, quando a produção do artesanato segue o modelo de produção capitalista, vivenciamos a proletarização dos artesãos e, mesmo que essa atividade seja realizada em casa, essa relação é semelhante, pois caminha para o mercado capitalista.

Neste último caso, a proletarização dos artesãos é evidente porque pode ser vista no processo mesmo de trabalho. Mas a situação dos artesãos que fazem todo o trabalho dentro da unidade doméstica deve ser vista também como relativamente semelhante, uma vez que grande parte do seu trabalho, realizado de acordo com padrões simbólicos e de trabalho pré-colombianos, acaba por desaguar no mercado capitalista. Não são proletários, estritamente falando, porque conservam a propriedade dos seus meios de produção, mas a sua dependência do capital comercial os coloca numa situação muito próxima disso (CANCLINI, 1989, p. 79).

Nessa perspectiva, observa-se a condição vulnerável que se encontra o artesão na contemporaneidade. Quando analisamos o artesanato pela questão de gênero, essa condição se torna ainda mais vulnerável. As pesquisas indicam que o artesanato é reconhecido como um ofício predominantemente feminino e está intimamente ligado com a divisão sexual do trabalho (KELLER, 2014; BARROSO, 2018). O número estimado de brasileiros que vivem da produção do artesanato é de cerca de dez milhões de pessoas, sendo 77% do sexo feminino (SEBRAE, 2013).

As mulheres artesãs vivenciam a invisibilidade, a desvalorização, e a falta de políticas públicas locais. Segundo Barroso (2018) e Keller (2014), o trabalho artesanal, em sua produção, agrega uma série de condições de trabalho precárias.

As artesãs não são asseguradas dos direitos trabalhistas, apresentam rendimento baixo, falta de formalização e de regulamentação da atividade, além de que agregam a dupla função no lar de trabalho doméstico e do trabalho artesanal (KELLER, 2014; BARROSO, 2018).

Segundo Barbosa-D'Avila (2014, p. 142), “a mulher artesã, enquanto mulher trabalhadora, lida cotidianamente com esta ideologia de naturalização de ‘papéis sociais’ sexuados e desiguais”. A produção do artesanato é predominantemente feminina e realizada em casa, o que nos faz refletir sobre a continuidade da reprodução dos papéis sexuais estabelecidos, fazendo com que as mulheres tenham uma dupla, ou até mesmo tripla, jornada de trabalho.

Jornadas que não são remuneradas, ou, se são, que não refletem o seu real valor, sendo difícil sair dessa condição e alimentando um sistema ao qual elas não pertencem. Para Costa-Moreira (2018, p. 137), essa conciliação do trabalho doméstico com a atividade artesanal “pode reforçar não só uma sobrecarga para as mulheres, como também uma dupla invisibilidade de seu trabalho remunerado e não remunerado”.

Barroso (2018), Barbosa-D'Avila (2014) e Costa-Moreira (2018) pesquisaram o trabalho artesanal pelo viés da divisão social e sexual do trabalho. Foi constatado por estas pesquisas que o reconhecimento das peças artesanais nos espaços de comercialização, assim como, a convivência em grupos de produção, geram sentimentos positivos, de satisfação das artesãs, de autovalorização; justamente o sentimento de reconhecimento e autonomia que elas não vivenciaram no lar por meio do trabalho doméstico. Entretanto, apesar destes sentimentos positivos, para as autoras o artesanato feito por mulheres agrega uma dupla desvalorização social.

Quando pensamos no artesanato em crochê, pouco ainda são os estudos. Segundo Souza-Jucá (2020), o crochê movimenta a economia local, mas não valoriza o artesão. Os autores buscaram compreender a importância social da prática do trabalho artesanal do crochê e do bordado para emancipação das mulheres da cidade de Nova Russas, no Ceará. Constatou-se então que este trabalho informal movimenta fortemente a economia local, mesmo que marcada pela desvalorização dos artesãos, que seguem sem apoio e assistência. Ainda para os autores, os artesãos são desvalorizados em consequência da “globalização, que rima com desterritorialização, [e que] deixa à margem de suas metas os artesãos populares, sempre louvados, mas não recompensados como deveriam ser, sempre sem apoio e assistência eficaz de que são merecedores” (p. 50-51).

Para Bianca Lemes (LEMES, 2017), pelo viés do empoderamento, o “ofício do crochê é um instrumento de independência, voz e pertencimento social das mulheres por meio das vendas das peças e pelos demais fatores individuais e coletivos implícitos ao fazer artesanal” (p. 96). Para a autora, o ofício do crochê carrega consigo valores para além das peças tecidas.

As participantes dessa pesquisa eram as mulheres crocheteiras da região Sul de Minas Gerais, nas cidades de Três Corações e Campanha. Contudo, tais participantes eram crocheteiras autônomas, diferente do que ocorre em Inconfidentes, onde observa-se uma cadeia produtiva pré-estabelecida.

2.3 A cadeia produtiva do crochê em Inconfidentes

A fabricação dos fios, a produção em larga escala e a comercialização em atacado e varejo representam a cadeia produtiva do crochê em Inconfidentes, que segue uma linha mercadológica.

A cadeia inicia-se na preparação dos fios, realizada nas fabricas locais. Esse serviço é realizado pelos homens com as garantias sociais trabalhistas. Já o processo de produção do crochê acontece de maneira informal, por meio da contratação individual dos serviços das crocheteiras pelos empresários revendedores. Os empresários disponibilizam às mulheres as linhas para a produção e o modelo da peça a ser produzida, pagam a mão de obra e revendem as peças em atacado e varejo, nas lojas bem como pela internet. As peças se espalham para outras cidades do Brasil e até para outros países. Além da comercialização pelas empresas, também se observa atravessadores entre as crocheteiras e os lojistas/empresários, desvalorizando ainda mais a mão de obra, já que, nesse caso, parte dos rendimentos fica com o atravessador (Figura 7).

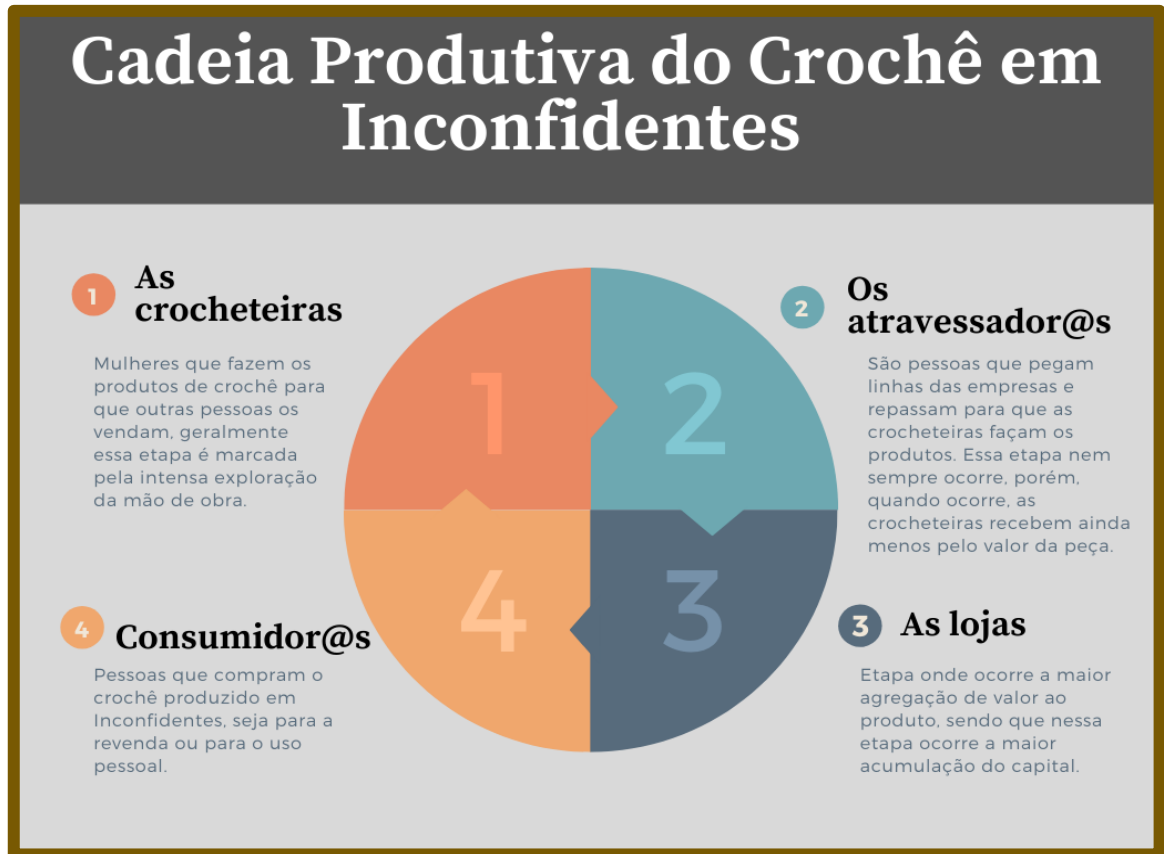


Figura 7- Cadeia produtiva do Crochê em Inconfidentes. Elaboração própria (2021).

A produção dos fios na própria cidade não iniciou junto à produção do crochê. A instalação da primeira fábrica de fios em Inconfidentes foi no ano de 1993, e, a partir de então, abriram mais fábricas de linhas e barbantes, bem como empresas e lojas de comercialização do crochê no município, alavancando o setor de vendas e o turismo de compras. Em alguns casos, os donos das fábricas de fios, também são os donos das lojas de comercialização das peças em crochê, o que fortalece a hegemonia de mercado.

Assim, a cadeia produtiva vivenciada em Inconfidentes visa a produção em massa. Como consequência, observa-se a desvalorização da mão de obra apesar de uma dedicação intensa das mulheres ao crochê (mesmo que sem retorno financeiro adequado, nem direitos trabalhistas). Lima (2005) alerta sobre o respeito ao ritmo de produção do artesanato, que, para atender o mercado, conduz a uma maior produção, alterando sua cadência. Observa-se assim que a produção em larga escala provocou, além de alterações no ritmo da produção artesanal, mudanças nas próprias características do fazer crochê. Podemos citar como exemplo as crocheteiras mais antigas de Inconfidentes que adaptaram o modo de pegar na agulha para que pudessem fazer o crochê mais rápido e, dessa forma, conseguir obter uma produção maior de

peças. Este modo de fazer crochê em Inconfidentes é reconhecido como patrimônio cultural de Minas Gerais (ROSA, 2019).

Pensando assim, podemos observar que a relação de produção e comercialização do crochê, bem como as políticas de estratégias para alavancar o setor, estão intimamente ligadas ao seu potencial econômico, seguindo a lógica da mercadorização do produto artesanal apresentada pelo autor Keller (2014). Com a ascensão do crochê no mercado, a mão de obra local não atendeu à demanda de produção. A partir daí observa-se um deslocamento dos empresários e atravessadores em busca de mão de obra em outras cidades da região e até de outro estado (Paraná). Tais peças eram feitas em outros municípios e vendidas pelos empresários localmente, fato que ainda ocorre atualmente.

Dowbor (2017) pontuou uma problemática que, aqui, pode ser relacionada ao artesanato e à cadeia produtiva do crochê de Inconfidentes. De acordo com o mesmo: “produzir rende pouco. O que rende é intermediar a produção dos outros. Não há nada muito novo nisto. Todos sabemos do peso dos atravessadores”. O autor utilizou como exemplo a agricultura, mas reconhece que tal afirmativa é válida para um leque amplo de atividades.

Deste modo, por meio do diário de campo, constatamos que a produção do crochê segue atualmente essa linha; isto é, para o produto chegar ao consumidor final ele deve antes atravessar várias mãos. Assim, fica a pergunta: quem ganha mais com a produção do crochê? Quem ganha menos já é sabido.

Segundo Silva (2016 p. 3) as políticas públicas, para promoverem o “desenvolvimento” do setor do artesanato, “vêm sendo fortemente disseminadas na contemporaneidade”. Contudo, essas políticas de “desenvolvimento” não podem estar voltadas somente para o produto, mas principalmente para o seu produtor, o artesão. O desenvolvimento tendo como base a economia não é o único desenvolvimento possível. Existem outras concepções de desenvolvimento que consideram a centralidade da pessoa humana, seu modo de vida, seus valores, a solidariedade, a sustentabilidade ambiental, a justiça social, a cidadania, a valorização da diversidade cultural, articuladas às atividades econômicas.

2.4 De qual desenvolvimento estamos falando?

Que desenvolvimento nós queremos? Ou nós queremos envolvimento com o lugar que nós vivemos? A gente foi colonizado pela ideia do desenvolvimento. Será que não está na hora da gente pensar em envolvimento com o mundo que nós compartilhamos? (KRENAK, 2017).

O Plano Setorial do Artesanato (2017, p. 07) indica a necessidade da “adoção de um plano de desenvolvimento mais eficiente, eficaz e efetivo para o artesanato brasileiro”. Mas de

qual desenvolvimento eficiente, eficaz e efetivo precisamos? Segundo Acosta (2016), o conceito de desenvolvimento e seus múltiplos sinônimos, que geraram erros e limitações, têm mostrado os resultados do mal desenvolvimento que foi arraigado. Vivenciamos a progressiva desigualdade social e a destruição da natureza (ACOSTA, 2016; DOWBOR, 2016).

Conforme Furtado (1974), o desenvolvimento é um mito que alimenta um sistema excludente, e que é anunciado de forma atraente e, por isso, convincente. Para o autor, é essa mentira que tem tornado possível tirar as atenções da “identificação das necessidades fundamentais da coletividade e das possibilidades que abrem ao homem o avanço da ciência, para concentrá-las em objetos abstratos como são os investimentos, as exportações e o crescimento” (p. 75).

Atualmente vivenciamos os resultados do mito do desenvolvimento, inclusive para os países considerados “desenvolvidos”. Tal mito pode ser considerado devastador, insustentável e tem trazido consequências danosas à humanidade (SEN, 2010; DOWBOR 2016; ACOSTA 2016; KRENAK 2016). A maioria das pessoas não alcançou o bem-estar material prometido, não participou de seus supostos benefícios trazidos pelo “progresso”, nem tampouco a fome foi erradicada no planeta (ACOSTA, 2016).

Shiva (2006) diz que esse modelo de desenvolvimento e as ideias que os mesmos carregam são causadores de pobreza. Diz ainda que tal pobreza não é somente monetária, mas apenasuma das muitas pobrezas existentes no sistema.

A pobreza é um estado final, não um estado inicial de um paradigma econômico, que destrói os sistemas ecológicos e sociais que mantêm a vida, a saúde e a sustentabilidade do planeta e das pessoas”. Pobreza cultural, pobreza social, pobreza ética, pobreza ecológica, pobreza ambiental, etc., são todas as formas da pobreza (p.3).

Para Dowbor (2020a) o desenvolvimento não pode ser projetado para o crescimento econômico sem antes pensá-lo em conjunto com a dinâmica cultural e política para a transformação da vida social. Segundo o autor, atualmente observa-se três dinâmicas que “desequilibram de forma estrutural o desenvolvimento e a qualidade de vida no mundo”: drama ambiental, a tragédia social e o caos financeiro.

A violência contra o planeta é também social, vivemos uma desigualdade crescente (atingiu níveis obscenos). Aqui, além da constatação óbvia de que vivemos um crescimento que reproduz a exclusão, vem a constatação mais grave da ausência de um sistema de governança adequado (DOWBOR, 2017, p. 21-22).

Segundo Acosta (2016), aceitamos a devastação ambiental e social em troca do desenvolvimento, e é evidente a inutilidade de seguir esse caminho. Surge então o estímulo à busca de alternativas ao desenvolvimento. Para Santos (2002): “A falência da miragem do

desenvolvimento é cada vez mais evidente, e, em vez de se buscarem novos modelos de desenvolvimento alternativo, talvez seja tempo de começar a criar alternativas de desenvolvimento” (p. 28).

A questão central é desmistificar o conceito de desenvolvimento convencional e de progresso. Tal ideia desconhece os territórios e violenta as lutas e modo de vida dos povos “subdesenvolvidos”, negando suas raízes históricas e culturais em troca da modernização. Percebe-se então uma imitação dos países desenvolvidos, tirando a possibilidade de uma modernização própria que respeite o modo de vida e história dos territórios (ACOSTA, 2016).

Para trilhar um caminho diferente, é preciso superar o objetivo básico e os motores do modelo ocidental de desenvolvimento. Deve-se propiciar uma transformação radical das concepções e linguagens convencionais do desenvolvimento e, sobretudo, do progresso, que nos foram impostas há mais de quinhentos anos (ACOSTA, 2016, p. 29).

Nessa perspectiva é fundamental e urgente ter uma nova compreensão acerca do desenvolvimento, bem como discutir alternativas; sendo necessário, para isso, propor novos modos de viver e pensar. É preciso intervenções que visem ao desenvolvimento equilibrado e não excludente, bem como repensar formas mais eficientes de produção sustentável, novos padrões e alternativas.

Para Freitas, Cruz e Radomsky (2016) as perspectivas pós-desenvolvimento surgem como um movimento contrário e em construção, pretendendo lançar um olhar crítico sobre os efeitos sociais causados pela ideia de desenvolvimento. Para os autores, o pós-desenvolvimento tem se destacado ao demonstrar os impactos negativos das políticas desenvolvimentistas e ao dar enfoque às resistências alternativas. Essas são protagonizadas por movimentos sociais ou atores locais.

Nessa perspectiva, não se pode deixar de lado o chamado “desenvolvimento local”. Quando se fala em desenvolvimento local, existe uma certa dificuldade em colocar a economia e o bem-estar local em um único conceito, sobretudo, pela imensidão de definições encontradas na literatura, que, muitas vezes, acabam criando controvérsias (DORSA, 2019). No entanto, conceituar o desenvolvimento local enquanto uma forma de ruptura no desenvolvimento tradicional em nível local traz profundas reflexões sobre a importância da mudança de “baixo para cima” e, assim, aponta para possibilidades econômicas advindas de pequenos grupos que nunca sequer foram considerados nas decisões locais (SANTOS; RODRIGUEZ-GARAVITO, 2006).

Já na abordagem geográfica do desenvolvimento, os lugares e os agentes locais fortalecem as horizontalidades, contrapondo-se aos modelos e aos padrões de produção impostos pela ideia de desenvolvimento e globalização. Deste modo torna-se possível a

construção de ações locais fortalecidas pela coesão da sociedade civil e pelo interesse coletivo (SANTOS, 1996).

Para Ávila (2000), o desenvolvimento local não somente fortalece grupos marginalizados, como também estimula as vocações locais, potencializa as competências, capacidades e habilidades; também ativa ações colaborativas entre agentes externos e internos, criando uma cultura solidária e promovendo qualidade de vida obtida a partir das potencialidades locais.

Segundo Acosta (2016), apesar da situação de dominação e exploração de vários séculos existente dentro do modelo capitalista de produção, muitos povos conseguiram sobreviver e caminham com novos projetos na construção de alternativas ao modelo dominante. Sendo assim, o autor propõe uma recriação do mundo por meio de uma transição que deve iniciar no âmbito comunitário.

Na mesma linha de pensamento, Scholz (2016) acrescenta que iniciativas com cunho coletivo surgiram de grupos marginalizados e/ou trabalhadores explorados. O autor pontua, inclusive, que atualmente a Economia Solidária emprega mais pessoas do que todas as multinacionais juntas. É importante lembrar então que, de acordo com os princípios da Economia Solidária, todas essas iniciativas citadas por Scholz (2016) são locais.

Dowbor (2016), após décadas de experiências em projetos de desenvolvimento, observou que, no local, temos uma grande capacidade de auto-organização. Já Acosta (2016) trouxe como proposta o “desenvolvimento autocentrado”, que parte da localidade, incentivando o poder popular, envolvendo ativamente a população, priorizando os mercados locais. Assim, dialogando com Acosta, Dowbor (2016) contribui para o reconhecimento do poder local. Para o autor, pensar em ações nessa esfera constitui-se como atividade necessária, ainda que não suficiente.

Estamos sem dúvida na era da globalização. Mas nem tudo é global: a qualidade das nossas escolas, das nossas ruas, a riqueza cultural da nossa cidade, o médico da família, as infraestruturas de esporte e lazer, o urbanismo equilibrado – tudo isso depende eminentemente de iniciativas locais (Ladislau Dowbor, 2016, p. 19-20).

Krenak (2020), líder indígena, ambientalista e escritor brasileiro, nos conduz a pensar sobre a humanidade e a forma de vida valorizada pela sociedade capitalista. O autor nos alerta para sua insustentabilidade, uma vez que respeita o organismo vivo que é a Terra, seus recursos naturais e o próprio ser humano. O autor faz ainda uma crítica sobre a prioridade dos governos à economia:

Dizer que a economia é mais importante é como dizer que o navio importa mais que a tripulação. Coisa de quem acha que a vida é baseada em meritocracia e luta por poder. Não podemos pagar o preço que estamos pagando e seguir insistindo nos erros (p. 7).

Contudo, para Acosta (2016), apesar dos malefícios da economia tradicional, sua importância não pode ser desprezada dentro dos processos alternativos ao modelo hegemônico.

Devemos entender de uma vez por todas que a economia não é mais importante que as amplas demandas sociais ou – menos ainda – que as capacidades da Natureza. Mas tampouco deve ser desprezada (ACOSTA, 2016, p. 185).

De fato, a economia não pode ser ignorada. Sendo assim, o fortalecimento de iniciativas coletivas deve ser visto como um propulsor do desenvolvimento local; sem deixar de lado, porém, as mudanças estruturais, uma vez que, iniciativas coletivas são diariamente minadas por empreendimentos integralmente capitalistas, seja na batalha de preço, em artimanhas de marketing e/ou na rotulação das iniciativas solidárias como sendo subversivas (SATRÚSTEGUI, 2009; SCHOLZ, 2016).

Nessa perspectiva, vale mencionar que para Martins e Caldas (2009) “refletir sobre o desenvolvimento local desdobra-se em duas frentes: uma de reprodução da lógica capitalista em escala localizada (tradicional) e outra de tentativas contra hegemônicas (solidárias)”. Quando as iniciativas optam pela primeira frente, há uma chance de que as mesmas reproduzam a lógica tradicional do desenvolvimento; por outro lado, quando optam pela segunda frente, elas deixam de reproduzir a lógica tradicional e correm o risco de serem minadas por iniciativas tradicionais. Dessa forma, fica evidente que essas iniciativas devem ser fortalecidas pelo poder público local. A análise dos autores que estudaram iniciativas que optaram pela segunda frente, concluiu que tais iniciativas buscam a distribuição de riquezas e o fortalecimento social, ficando evidente sua importância para o desenvolvimento local.

Dialogando com os parágrafos anteriores, Oliveira (2001) traz que o desenvolvimento local possui ao menos três limitações. De forma geral, as principais limitações versam sobre a distribuição desigual de poder e os conflitos e debates locais que precisam ser trabalhados. No entanto, é importante observar que a soma de todos os poderes locais não irá promover o desenvolvimento global, a não ser que tenhamos mudanças estruturais.

Apesar das mudanças estruturais serem necessárias e urgentes, as iniciativas locais apresentam-se como uma potencialidade, superando parte dos impactos do desenvolvimento tradicional e trazendo qualidade de vida para o território. Pode-se dizer, então, que a partir das mudanças locais cria-se um estímulo às mudanças estruturais.

À esta lógica encaixa-se a teoria do “Bem Viver” proposta por Acosta (2016). Tal teoria propõe outra economia e se apresenta como um caminho e horizonte alternativo para a ideia de desenvolvimento. Segundo Acosta (2016), o Bem Viver distancia-se do conceito de desenvolvimento alternativo e aproxima-se de uma alternativa a todas as ideias de desenvolvimento.

Para Acosta (2016), o Bem Viver implica em uma transformação que demanda emancipação do eurocentrismo por meio da luta social e do combate ao capitalismo. Ainda para Acosta, o Bem Viver deve partir de uma nova economia que tenha como base principalmente a solidariedade e a sustentabilidade, em que o objetivo seja o de construir um sistema econômico sobre bases comunitárias, orientadas por princípios diferentes dos que propagam o capitalismo. Segundo o autor devemos:

[...] permitir a satisfação das necessidades atuais sem comprometer as possibilidades das gerações futuras, em condições que assegurem relações cada vez mais harmoniosas do ser humano consigo mesmo, dos seres humanos com seus congêneres e dos seres humanos com a Natureza. É disso que fala o Bem Viver (p. 166).

Nesta perspectiva, o Bem Viver, ao propor a superação do capitalismo, traz uma transformação profunda, uma mudança civilizatória; o que não significa que temos que sair do capitalismo para só então vivenciar essa nova perspectiva. Existem vivências próprias do Bem Viver que resistem desde a época colonial.

Também é importante mencionar que o Bem Viver emerge dos modos de vida tradicionais, sendo uma organização social praticada por diversos povos e que abarca relações sociais, ambientais, e até mesmo econômicas, desociedades em que o capitalismo não era a única forma possível de se organizar (GONÇALVES, 2018). Santos (2010) destaca que o Bem Viver é um conceito nativo, mas que não vem a ser entendido como uma propriedade exclusiva dos indígenas; antes deve ser entendido como, uma contribuição dos povos indígenas para todas as outras etnias presentes na América Latina.

Entretanto, quando pensamos em alternativas de desenvolvimento, não podemos deixar de incluir nessa discussão a questão do gênero, timidamente discutida, apesar de essencial para o debate. Para Scott e Quadros (2018), o chamado “desenvolvimento” é repleto de processos sociais que acabam sendo colocados em apenas um “rótulo”, e essa visão simplificada infere diretamente na estruturação, principalmente, das desigualdades de gênero.

3 AS ENTRELINHAS ENTRE A CAPITAL NACIONAL DO CROCHÊ E AS CROCHETEIRAS

"Inconfidentes se autodenomina a CAPITAL DO CROCHÊ, o produto é responsável por boa parte da economia. No centro da cidade existem lojas bonitas, bem decoradas, que exibem os trabalhos das crocheteiras. Parte do turismo da cidade se deve a isso! (...) Mas as mãos que fazem todo o trabalho, as mãos de senhoras simples que se movimentam o dia todo, o mesmo movimento, com os dedos e pulsos doloridos, respirando o pó que se solta do barbante e se prende pela casa toda, suando neste calor de 34 graus aumentados pelos tapetes que vão ganhando forma sobre suas pernas! Essas são subvalorizadas." Relato de uma filha de crocheteira (Shirley Rocha, 20 de setembro de 2019).

Entre a capital nacional do crochê e as crocheteiras existe uma relação parcialmente oculta, invisível para muitos. Como retratado no primeiro capítulo, o modo de produção do crochê em Inconfidentes segue uma linha de produção e comercialização similar à dos produtos industrializados. O crochê é produzido em larga escala, por meio da mão de obra artesanal, em um contexto de mercadorização e precarização do artesanato frente à globalização e à industrialização.

Essa relação que reflete os papéis sociais de gênero é prioritariamente feminina e executável na esfera doméstica. As mulheres dividem o tempo de cuidado/trabalho doméstico com o do trabalho mercantil, que, para Carrasco (2003), representa o confronto entre o sistema social e o econômico, marcados pelas relações de gênero e de poder. Assim, o objetivo deste capítulo é demonstrar essas relações ocultas de invisibilidade, bem como as distâncias entre o crochê e as mulheres crocheteiras, a partir de reflexões sobre o diário de campo e as seguintes categorias teóricas de análise: desenvolvimento, artesanato, divisão sexual do trabalho e gênero.

3.1 A divisão sexual do trabalho: o lugar social da mulher crocheteira

(...) se uma mulher costurava algumas roupas, tratava-se de “trabalho doméstico” ou de “tarefas de dona de casa”, mesmo se as roupas não eram para a família, enquanto, quando um homem fazia o mesmo trabalho, se considerava como “produtivo (FEDERICI, 2017, p. 182-183).

Historicamente acompanhamos a desvalorização do trabalho feminino, desvalorização ainda mais perceptível quando este é realizado em casa, sendo remunerado ou não. Para Federici (2017, p. 184) qualquer trabalho realizado em casa, remunerado ou não, historicamente foi definido como “tarefa doméstica”, estabelecido como não trabalho. Segundo a autora, as consequências

dessa visão imposta foram devastadoras, pois “a pobreza foi feminizada” e o trabalho da mulher foi estabelecido como um recurso natural que estava fora das relações de mercado.

Com sua expulsão do ofício e a desvalorização do trabalho reprodutivo, a pobreza foi feminizada. Para colocar em prática a “apropriação primitiva” dos homens sobre o trabalho feminino, foi construída uma nova ordem patriarcal, reduzindo as mulheres a uma dupla dependência: de seus empregadores e dos homens (FEDERICI, 2017, p. 191).

As relações de poder e de desigualdade entre mulheres e homens, assim como a divisão sexual do trabalho já estavam estabelecidas antes mesmo do surgimento do capitalismo, conquanto a desvalorização e a exclusão das mulheres do contexto do trabalho socialmente reconhecido e das relações monetárias se intensificaram e se associaram à gênese do capitalismo (FEDERICI, 2017).

Nesse contexto histórico de desvalorização do trabalho feminino, remunerado ou não, estão as mulheres artesãs. A atividade artesanal, assim como a produção do crochê, é prioritariamente feminina e executável na esfera doméstica (SEBRAE, 2013; KELLER, 2014; BARROSO, 2018). Como vimos no primeiro capítulo, o artesanato agrega uma série de condições de trabalho precário, além de gerar a dupla função no lar entre o trabalho doméstico e o trabalho artesanal (KELLER, 2014; BARROSO, 2018).

Essa atividade revela facetas existentes da divisão sexual do trabalho, que historicamente e socialmente representa a divisão do trabalho social por meio das relações sociais entre os sexos, onde há uma separação e hierarquização entre trabalhos construídos como femininos e masculinos (HIRATA; KERGOAT, 2007). Em uma pesquisa comparativa internacional, Hirata (1995) analisou a questão das mudanças na configuração da divisão sexual do trabalho a partir de comparações entre o Brasil de um lado, e o Japão e a França de outro.

No que concerne à organização do trabalho, a primeira conclusão que se impôs foi que, nos estabelecimentos dos três países, o pessoal empregado era masculino ou feminino, de acordo com o tipo de máquinas, o tipo de trabalho e de organização do trabalho. O trabalho manual e repetitivo era atribuído às mulheres, o que requeria conhecimentos técnicos aos homens. Um outro traço comum encontrado nos estabelecimentos dos três países — os empregadores reconheciam, de bom grado, qualidades próprias à mão-de-obra feminina, mas não há um reconhecimento destas qualidades como sendo qualificações profissionais.

A constatação de que o trabalho do crochê é manual e repetitivo, como já mencionado, feito majoritariamente por mulheres, além de ser realizado no âmbito doméstico e não em um ambiente fabril, vai de encontro à constatação de Hirata. Em Hirata este tipo de trabalho é atribuído às mulheres e não é reconhecido como uma qualificação profissional. Contrariamente ao que acontece no caso da mão-de-obra masculina, o que desvenda o poder dos estereótipos sexuais relacionados ao trabalho (HIRATA, 1995).

Neste sentido, para entender esse contexto de desvalorização social e econômica da mulher crocheteira, é necessário compreender os princípios da divisão sexual do trabalho e suas modalidades que, segundo Hirata e Kergoat (2007, p. 599), têm dois princípios organizadores: “o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher)”.

Se os dois princípios (de separação e hierárquico) encontram-se em todas as sociedades conhecidas e são legitimados pela ideologia naturalista, isto não significa, no entanto, que a divisão sexual do trabalho seja um dado imutável. Ao contrário, ela tem inclusive uma incrível plasticidade: suas modalidades concretas variam grandemente no tempo e no espaço, como demonstraram fartamente antropólogos e historiadores(as). O que é estável não são as situações (que evoluem sempre), e sim a distância entre os grupos de sexo. Portanto, esta análise deve tratar dessa distância, assim como das “condições”, pois, se é inegável que a condição feminina melhorou, pelo menos na sociedade francesa, a distância continua insuperável (p. 599-600).

Os contextos mudam, mas essa distância entre os gêneros e as classes permanece. Em Inconfidentes, na cadeia produtiva do crochê, entre a distribuição das linhas e a produção da peça de crochê, existe a preparação dos fios. Essa produção dos fios é realizada pelos homens, por meio de emprego formal, assalariados e com direitos trabalhistas garantido. Já o trabalho das mulheres crocheteiras segue na informalidade, frente à desvalorização da mão de obra artesanal, desprovidas dos direitos trabalhistas.

Entre a distribuição das linhas e a comercialização do crochê, existe outra relação: a das mulheres empresárias do ramo do crochê e as crocheteiras. Algumas mulheres crocheteiras se tornaram empreendedoras/empresárias do ramo do crochê e viraram empregadoras informais de outras mulheres crocheteiras. Rosa (2019), nos conta um pouco sobre o surgimento dessa nova classe em sua pesquisa, para a qual entrevistou mulheres empresárias do ramo de crochê, na cidade de Inconfidentes. Em seu relato, a senhora A conta que aprendeu a arte do crochê bem nova, que o artesanato veio juntamente com os imigrantes para Inconfidentes, mas esses faziam mais o tricô, que eram peças mais infantis e cachecóis, e com o passar dos anos desenvolveram o crochê. Ela e seu esposo o senhor B sempre faziam o crochê para vender, mas no início eram pequenas vendas, mas no decorrer dos anos percebeu que poderia aumentar seu ganho aumentando a produção e começou a trazer a linha, material utilizado para confecção do crochê, e repassava a outras crocheteiras, que faziam as peças ou pedaços delas, e levava para ela e o marido finalizar e revender, com isso começou a comercializar o produto. Isso ocorreu no final da década de 70 e início da década de 80 (ROSA, 2019, p. 19).

Em seu relato a senhora C, empresária em Inconfidentes/MG, conta que desde os 14 anos de idade trabalha com o crochê. Quando se formou no magistério e iniciou como professora, fez do crochê um ganho extra. Ao perceber que poderia expandir seu ganho modelando mais peças e criando outras formas, além das toalhas e caminhos de crochê, passou a criar roupas e acessórios, e até hoje busca formas de aprimorar o artesanato (ROSA, 2019, p. 20).

Essa transformação nos fez refletir: de que forma a presença das mulheres empresárias alterou ou não a vida das crocheteiras? O que mudou no fato de ser uma mulher empresária dentro dessa relação de invisibilidade e deslegitimação do trabalho artesanal das crocheteiras?

De acordo com Hirata e Kergoat (2007), existem três novas configurações que assumem a divisão sexual do trabalho. É importante ressaltar que as autoras utilizaram como campo geográfico de pesquisa o continente europeu, entretanto, foram encontradas correlações (Quadro 1).

Quadro 1 - Correlações entre as novas configurações que assume a divisão sexual do trabalho (HIRATA; KERGOAT; 2007) e Inconfidentes- MG. Elaboração própria (2021).

Configuração proposta por Hirata e Kergoat (2007)	Correlação com as crocheteiras de Inconfidentes - MG
<p>Trata-se antes de tudo da aparição e do desenvolvimento, com a precarização e a flexibilização do emprego, de “nomadismos sexuais” (KERGOAT, 1998): nomadismo no tempo, para as mulheres (é a explosão do trabalho em tempo parcial, geralmente associado a períodos de trabalho dispersos no dia e na semana); nomadismo no espaço, para homens (provisório, canteiros do BTP* e do setor nuclear para os operários, banalização e aumento dos deslocamentos profissionais na Europa e em todo o mundo para executivos). Constata-se que a divisão sexual do trabalho amolda as formas do trabalho e do emprego e, reciprocamente, que a flexibilização pode reforçar as formas mais estereotipadas das relações sociais de sexo.</p>	<p>Em Inconfidentes o “nomadismo sexuado” trazido pela autora é visualizado por meio do: nomadismo de tempo (trabalho em tempo parcial: divisão do trabalho não remunerado doméstico com o trabalho de mão de obra artesanal remunerado), o que segundo a autora influencia diretamente na qualidade dos empregos adquiridos pelas mulheres, pois, devido à necessidade de conciliar as atividades domésticas e mercantil, muitas vezes estas se sujeitam a ocupações mais precárias, com jornadas mais flexíveis ou reduzidas, em atividades informais ou com pouca regulação. Nomadismo de espaço para os homens (no setor de produção das linhas como operário).</p>
<p>O segundo exemplo é o da priorização do emprego feminino, que ilustra bem o cruzamento das relações sociais. Desde o início dos anos 1980, o número de mulheres contabilizadas pelo Institut National de la Statistique et des Études Économiques – Insee (pesquisas de emprego) como “funcionários e profissões executivas de nível superior” mais do que dobrou. Cerca de 10% das mulheres ativas são classificadas atualmente nessa categoria. Simultaneamente à precarização e à pobreza de um número crescente de mulheres (elas representam 46% da população ativa, mas são 52% dos desempregados e 79% dos baixos salários), observa-se, portanto, o aumento dos capitais econômicos, culturais e sociais de uma proporção não desprezível de mulheres ativas. Assiste-se, também, ao aparecimento, pela primeira vez na história do capitalismo, de uma camada de mulheres cujos interesses diretos (não mediados como antes pelos homens: pai, esposo, etc.) opõem-se frontalmente aos interesses daquelas que foram atingidas pela generalização do tempo parcial, pelos empregos em serviços muito mal remunerados e não reconhecidos socialmente e, de maneira mais geral, pela precariedade.</p>	<p>O surgimento das mulheres empresárias no ramo do crochê em Inconfidentes gerou o aumento dos capitais econômicos destas mulheres, entretanto, a porcentagem de mulheres que são empresárias do crochê é mínima perto daquelas que são crocheteiras. Além do mais, a realidade das mulheres crocheteiras não mudou desde que essas mulheres escolheram manter a relação hegemônica de produção. Aqui, podemos observar, também, uma desigualdade de raça, visto que essas mulheres empresárias são em sua maioria brancas. Essa relação não interferiu na realidade das mulheres crocheteiras, que seguem sendo muito mal remuneradas e não reconhecidas socialmente. Para Hirata (p. 602), “Duas relações sociais entre mulheres, inéditas historicamente, estabelecem-se dessa maneira: uma relação de classe entre as mulheres do Norte, empregadoras, e essa nova classe servil (...)”.</p>
<p>As mulheres das sociedades do Norte trabalham cada vez mais e, com uma frequência cada vez maior, são funcionárias e investem em suas carreiras. Como o trabalho doméstico nem sempre é levado em conta nas sociedades mercantis, e o envolvimento pessoal é cada vez mais solicitado, quando não exigido pelas novas formas de gestão de empresas, essas mulheres, para realizar seu trabalho profissional, precisam externalizar “seu” trabalho doméstico. Para isso, podem recorrer à enorme reserva de mulheres em situação precária, sejam francesas ou imigrantes.</p>	<p>Como o trabalho artesanal assim como o trabalho doméstico nem sempre são reconhecidos pelo mercado economicamente e socialmente, a busca das mulheres para entrar no mercado de trabalho “reconhecido economicamente e socialmente” fez com que algumas mulheres crocheteiras de melhor poder aquisitivo seguissem esse exemplo, que, ao investir na sua carreira, tornaram-se empresárias do ramo do crochê, contratando mão de obra artesanal de outras mulheres de menor poder aquisitivo, ou seja, externalizando o ofício artesanal a outras mulheres.</p>

Em Inconfidentes, fica evidente essa distância, posto que aumenta o número de empresárias/empreendedoras e cresce o número de mulheres crocheteiras, estas últimas continuam vivendo em situação precária, tanto socialmente quanto economicamente. Esse fenômeno, apesar de demonstrar um deslocamento de parte das mulheres em assumirem essas lideranças empresariais, não quebra o padrão hegemônico de desvalorização do trabalho, a partir do momento em que mantém a condição social das mulheres crocheteiras, isto é, de forma desvalorizada e ainda obstruída para os seus direitos. Nessa relação, observa-se que, à medida que as mulheres com melhores oportunidades foram assumindo seus postos de trabalhos valorizados, mesmo com uma distância visível dos homens, esse trabalho doméstico, assim como o artesanal, foi sendo transferido para as mulheres que vivem em condição de vulnerabilidade social e econômica.

Continuando a criar distâncias, alimentando as desigualdades, dessa vez não tão fomentadas pelo gênero, mas pela classe, pelas distâncias entre produzir e vender, em alimentar essa engrenagem e esse modo de produção hegemônica que só pode existir junto a exploração. Neste sentido, apesar dos avanços da inserção da mulher nas atividades de reconhecimento social e econômico, a diferença entre as mulheres que exercem funções como o trabalho artesanal e doméstico é marcante.

Como supracitado, é perceptível a diferenciação social no capitalismo entre o corpo das mulheres brancas e das mulheres negras, dentro de uma matriz de opressão moldada não somente pelas condições de gênero, mas, também, de raça. A universalização da categoria mulher carrega em si uma potencialidade coletiva, ao mesmo tempo que pode apagar as nuances da interseccionalidade entre elas. Antes mesmo das mulheres sufragistas lutarem pelas suas condições de emprego, as mulheres negras estavam sendo escravizadas, estupradas, desumanizadas de todas as maneiras possíveis, carregando uma série de outras pautas no seio de sua luta.

Vivemos em uma sociedade em que existem mulheres brancas, negras, indígenas, ciganas, quilombolas, estrangeiras, latino-americanas, asiáticas, mulheres cisgêneras, transexuais, heterossexuais, lésbicas, bissexuais, mulheres com deficiência, etc. Essa pluralidade de mulheres também fez com que o feminismo pudesse se organizar em muitas vertentes como: transfeminismo, feminismo negro, feminismo marxista, entre outros. Assim, pensar somente na categoria gênero é insuficiente, quando temos uma multiplicidade de mulheridades atravessadas pela raça, classe, território, etnia, sexualidade, deficiência, entre muitos outros fatores. Desta forma, podemos perceber que o que moldam as relações de poder

não são apenas os dois princípios de separação e hierárquico, mas muitos outros estabelecidos em sociedade.

Nesse sentido, não se trata de movimentar algumas pessoas dentro de uma estrutura criada para a desigualdade. Isto porque ainda que algumas mulheres façam a ruptura com o lugar social e profissional que ocupam, a engrenagem se mantém de forma desigual. Percebemos então que a mudança que permitirá que essa situação saia da habitualidade da hierarquia não é a ascensão das mulheres a empresárias, mas o questionamento ao próprio sistema de produção, que só consegue existir baseado num modelo de desenvolvimento que precisa criar hierarquias para continuar existindo. Desta maneira, o que de fato poderia produzir fissuras e quebras nesta lógica seria outro modelo de desenvolvimento, pautado em uma nova ética que visasse à solidariedade e à equidade. No entanto, para que esse deslocamento ocorra, é preciso perguntar: qual o papel efetivo ocupado pelas mulheres nesta engrenagem a fim de transformá-la?

3.2 Onde estão as mulheres no desenvolvimento?

A proposta hegemônica de desenvolvimento, centrada apenas em aspectos econômicos, abstendo de outros aspectos da vida social, como as relações de gênero, promoveu a exclusão das mulheres do projeto de desenvolvimento (BARRAGÁN *et al.*, 2020; FRAGA; GONÇALVES-JÚNIOR, 2020).

Segundo Cepal (2019), a desigualdade de gênero se apresenta como um obstáculo ao desenvolvimento e sustenta que as ações de alternativas ao desenvolvimento que levem em consideração a igualdade de gênero e a autonomia das mulheres devem acontecer com urgência. Fraga e Gonçalves-Junior (2020) afirmam que dentro da perspectiva do desenvolvimento a questão de gênero é invisibilizada, sendo os estudos de gênero essenciais para desvendar o “viés sexista e androcêntrico” das teorias e políticas ligadas ao desenvolvimento.

As teorias feministas em suas variadas perspectivas, desde a década de 1970, têm criticado o conceito de desenvolvimento, que não compunha a participação das mulheres. Em suas leituras mais clássicas, os trabalhos construídos como masculinos, ligados ao mundo da vida pública, do trabalho produtivo-remunerado e das finanças eram os únicos referentes para se pensar o desenvolvimento. Por outro lado, os trabalhos que visavam a garantir a reprodução de nossa espécie e cuidado da população, historicamente constituídos no ocidente como

femininos, não eram visibilizados como parte do modelo de desenvolvimento almejado (BARRAGÁN *et al.*, 2020).

Conquanto, as primeiras críticas feministas sobre o conceito de desenvolvimento pautavam sua luta na demanda pela entrada das mulheres no mercado de trabalho e, portanto, em suas possibilidades de inserção no modelo de desenvolvimento proposto. No entanto, essa pauta política invisibilizava o fato de que historicamente muitas mulheres, especialmente de classes sociais marginalizadas, cujos corpos são racializados, ou que dependem da agricultura, sempre trabalharam no país, em sua imensa maioria de modo muito precário e exploratório. A reivindicação era, no limite, a possibilidade de melhora de condições de trabalho remunerado para as mulheres brancas ou de classes sociais privilegiadas (BARRAGAN *et al.*, 2020; VERGÈS, 2020).

O feminismo negro traz consigo uma série de críticas e questionamentos à própria história e ao papel social das mulheres em relação ao trabalho e aos direitos de cidadania. A pesquisadora Djamila Ribeiro (2017) rememora em seu livro “O que é lugar de fala?” a história de Sojourner Truth, abolicionista afro-americana, escritora e ativista dos direitos da mulher, que em 1851 participou da Convenção dos Direitos da Mulher, na cidade de Akron, em Ohio, nos EUA, onde apresentou seu discurso mais conhecido denominado “E eu não sou uma mulher?”:

Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregar elas quando atravessam um lamaçal e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e nenhum homem conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também aguentei as chicotadas! E não sou uma mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher? (RIBEIRO, 2017, p. 13).

Ao rememorar o discurso de Sojourner Truth em seu livro, Ribeiro (2017) nos lembra que são muitas as mulheres no feminismo. Lembra-nos que suas pautas estão entrelaçadas pelas questões de raça, classe, território e outros inúmeros recortes que dão contorno a essa vivência e a essa desigualdade. Na década de 1970, com os movimentos feministas e apropriação do sistema econômico neoliberal dessa luta pelo conceito de desenvolvimento, observa-se a entrada no mercado de trabalho de milhões de mulheres, contudo:

As transformações do capitalismo oferecem uma oportunidade decisiva para a exploração de baixos salários e para a precarização, sobretudo por meio da feminização, em escala mundial, dos empregos subqualificados nas zonas de abertura econômica e informal. Durante essa década, os progressos observados na feminização dos empregos são acompanhados pelo aumento muito evidente das desigualdades no mundo (VERGÈS, 2020 p. 68-69).

Segundo Vergès (2020), isso se dá por um feminismo que não quer entrar em confronto com a colonialidade, que não quer atribuir a responsabilidade aos verdadeiros culpados. O pensamento de Vergès (2020) e de Barrafgan *et al.* (2020) dialoga com os estudos de Fraga e Gonçalves-Junior (2020) que, segundo a autora, não seria apenas colocar as mulheres dentro do desenvolvimento, mas, sim, repensar a ideia de desenvolvimento, que tem sua origem na colonização de um pensamento/concepção masculina dos fenômenos sociais.

Assim como a proposta do Bem Viver, que se apresenta como alternativa ao desenvolvimento, sendo um de seus pilares a exigência por outra economia, a economia feminista também apresenta uma insatisfação à economia dominante. Propõe-se a responder aos principais desafios da sociedade, de forma a repensar a economia para ser compreendida e definida por um olhar que priorize a sustentabilidade da vida humana, ou seja, por uma preocupação com o todo e não somente pelo viés do mercado (TEIXEIRA, 2018).

No caminho da insatisfação com o desenvolvimento hegemônico e com a economia dominante, que desprezam questões que compreendemos como essenciais para o desenvolvimento de forma integral, a economia feminista se apresenta como alternativa, retomando a sustentabilidade da vida humana como eixo central a partir do qual podemos repensar a economia (TEIXEIRA, 2018).

Segundo Barrafgan *et al.* (2020), é na economia feminista que há críticas e teorizações frente às estruturas do sistema e do mito do desenvolvimento, como a concepção da natureza, o modo de produção capitalista, a esfera da reprodução e sua relação com a produção.

As economias feministas, em primeiro lugar, desconstruem alguns mitos das ciências econômicas hegemônicas: em vez de apoiar a hipótese de que o mercado funciona de maneira neutra e gera bem-estar para todos e todas indiscriminadamente, perguntam quais os valores estão sendo criados na economia e para quem. Em segundo lugar, criticam o mercadocentrismo das ciências econômicas, argumentando que o mercado não é o único âmbito em que se realizam atividades econômicas, e sim que existe uma ampla mescla entre mercado privado, serviços estatais, atividades sem fins lucrativos, setores informais e os lares. Assim como Maria Mies, elas partem da hipótese de que o trabalho não remunerado realizado no âmbito do lar gera valor econômico na medida em que mantém a força de trabalho das pessoas desse lar (Barrafgan *et al.*, 2020, p. 229).

A economia feminista propõe uma integração entre a economia e o trabalho de reprodução em um só sistema e tem como objetivo revelar os efeitos maléficos da economia tradicional, confrontando o mito de sua neutralidade e promoção de relações desiguais. Também, vale dizer, busca desenvolver novas perspectivas e novas formas de ver o mundo social e econômico, de forma a tornar visível os efeitos perversos que a economia predominante não revela (TEIXEIRA, 2018).

Na economia feminista, procura-se quebrar os padrões de produção baseados tanto na exploração da mão de obra, quanto na divisão social do trabalho. Para Carrasco (2018), a divisão social do trabalho é baseada na mulher como “cuidadora e trabalhadora doméstica” e o trabalho doméstico e o cuidado são bases da vida, dessa forma, a desvalorização da mão de obra feminina funciona como uma estrutura do sistema econômico. Para a mesma autora: “[...] *só a enorme quantidade de trabalho e de cuidados que as mulheres realizam desde sempre permite que o sistema econômico e social possa seguir funcionando* (p. 48, grifo nosso)”.

Ainda segundo a autora:

O problema fundamental é que o trabalho doméstico e de cuidados não é discutido no terreno político, sua dimensão social é ocultada e a possível solução é deixada nas mãos das mulheres. Novamente, uma dupla tensão. Por um lado, o capital atacando as formas de vida, insistindo na despossessão e por outro, as mulheres resistindo, tentando manter a vida inclusive às custas da sua própria vida. Conflito (com letra maiúscula) capital-vida (p. 52).

Nesta linha, a economia feminista foi se deslocando conceitual e politicamente para a ideia de sustentabilidade da vida, que abrange as múltiplas dimensões das relações entre o econômico, social, ambiental e o humano, tendo como foco a centralidade da vida (CARRASCO, 2018).

O conceito de sustentabilidade da vida é complexo devido às múltiplas dimensões que implica, mas na minha opinião, apresenta vantagens em relação ao de reprodução social. É mais explícito porque considera que o objetivo é a vida (humana e não só humana apenas), permite de forma mais clara dar conta da relação profunda entre o econômico e o social, considera as múltiplas interdependências e interrelações entre o ecológico, o econômico, o social, o humano, concebendo como prioridade, como objetivo fundamental, as condições de vida das pessoas, mulheres e homens e, explicitamente, é uma aposta política para transformar as relações de poder capitalistas heteropatriarcais. Ocultar as relações de interdependência relacional só conduz a uma sustentabilidade impossível. É necessário torná-las transparentes se pretende-se transformar as atuais relações de exploração (da economia de mercado capitalista sobre o planeta e sobre o âmbito doméstico) em relações cooperativas e respeitadas (CARRASCO, 2018, p. 56-57).

Pensar em sustentabilidade da vida implica pensar em transformações que demandam luta social e combate ao modelo hegemônico de desenvolvimento, que promove a desigualdade e a divisão social de classe e gênero. As mãos que tecem o crochê são as mesmas que tecem as possibilidades de movimentar uma outra economia, de provocar rachas no capitalismo, de abrir frestas diante do patriarcado e de enovelar uma outra história para todas nós.

3.3 A mulher crocheteira e o cuidado da vida humana

(...) acredito ser conveniente começar essa reflexão lembrando uma coisa que, mesmo sendo de bom senso, usualmente se esquece: as necessidades humanas são de bens e serviços, mas também de afetos e relações (CARRASCO, 2003, P. 14).

O cuidado é base da vida e do sistema econômico, sendo as mulheres a sustentação dessa estrutura social e econômica (CARRASCO, 2018). Não obstante, as produções e atividades de cuidado da vida humana não têm reconhecimento social e são invisíveis (CARRASCO, 2003). Resultado de uma sociedade que historicamente valoriza apenas as atividades dos homens, por meio de uma ciência e cultura que são produzidas pelo poder masculino (CARRASCO, 2003).

As produções e atividades de cuidado não valorizadas são as que estão “diretamente comprometidas com a sustentabilidade da vida humana”, estas permitem o funcionamento da sociedade (CARRASCO, 2003, p. 17).

Constituem um conjunto de tarefas que tendem a dar apoio não só às pessoas dependentes por motivos de idade ou saúde, mas também à grande maioria dos homens adultos. São tarefas que incluem serviços pessoais conectados usualmente com necessidades diversas e absolutamente indispensáveis para a estabilidade física e emocional dos membros do lar. Elas incluem a alimentação, o afeto e, por vezes, aspectos pouco agradáveis, repetitivos e esgotadores, mas absolutamente necessários para o bem-estar das pessoas. Implicam atividades complexas de gestão e organização, necessárias para o funcionamento diário do lar e de seus moradores, realizadas dia após dia nos 365 do ano, no lar e fora dele, no bairro e desde o posto de trabalho assalariado, que cria redes familiares e sociais, oferece apoio e segurança pessoal e permite a socialização e o desenvolvimento das pessoas (CARRASCO, 2003, p. 17).

Sendo essas atividades essenciais para a vida humana, quais são os motivos da sua invisibilidade? Não vamos adentrar com profundidade nessa questão, todavia consideramos relevante apresentar suas razões. Para Carrasco (2003), a invisibilidade dessas atividades apresenta duas razões: o caráter ideológico patriarcal e o caráter econômico. As atividades ligadas à sustentabilidade da vida humana são desenvolvidas tradicionalmente por mulheres (CARRASCO, 2003) que, historicamente, como já mencionado, têm suas atividades, remuneradas ou não, desvalorizadas, diferente das atividades masculinas. Já o sistema socioeconômico se apresenta como autônomo e desconsidera toda a atividade que não é mercantil, e oculta a atividade doméstica e de cuidado, ainda que essas atividades mantenham seu funcionamento.

Historicamente, a ideologia dominante, sem levar em consideração as mulheres que sempre exerceram o trabalho fora do domicílio por questões que perpassam por raça e classe, a estrutura familiar se formou por meio de valores morais, sendo “o homem chefe de família e tem obrigação de prover à família por meio de um emprego em tempo integral. A mulher realiza

as tarefas de afeto e cuidado, sendo tratada como esposa e mãe, e não se aceita socialmente que a casada tenha emprego (CARRASCO, 2013 P. 23)”. Ou seja, as mulheres cuidam de toda atividade de cuidado e doméstica (filhos, pessoas idosas ou doentes, alimentação, etc.) para que os homens possam exercer a sua função de trabalho em tempo integral.

Com a entrada da mulher no mercado de trabalho, quebra-se o estereótipo do homem como provedor e a mulher dona-de-casa, ainda que a mulher não abandone suas atividades de cuidado e doméstico. Elas assumem, sim, a dupla jornada: a familiar e o do trabalho fora do lar (CARRASCO, 2003). Essa conciliação de tempo e trabalho (familiar e trabalho fora do lar) exige que a mulher desenvolva diversas formas de resistência individual, ou seja, as formas específicas de se integrar no mercado de trabalho.

As mulheres tiveram que se adaptar, pois sua inserção no mercado de trabalho formal significa a inserção em um mundo definido e construído para homens (CARRASCO, 2003). Este fato fomenta as dificuldades das mulheres de inserção e permanência no mercado de trabalho e acarreta, por vezes, duplas e triplas jornadas. Em termos de formas específicas de integração ao mercado de trabalho, o trabalho informal se torna uma opção para essa conciliação. Acompanhamos, então, a deterioração das condições de trabalho feminino, contribuindo para que a sua inserção se dê em condições precárias e inseguras e sem direitos sociais trabalhistas garantidos.

Pelas falas das participantes registradas no diário de campo, identificamos que o trabalho informal do artesanato em crochê sempre foi uma forma de conciliar o trabalho doméstico não remunerado com o trabalho remunerado. Tal fato se tornou ainda mais intenso devido à recente pandemia causada pelo novo coronavírus, que exigiu o isolamento social, intensificou ainda mais a sobrecarga das mulheres no trabalho doméstico e nas atividades de cuidado, ficando evidente ainda mais a divisão sexual do trabalho existente. Segundo o IPEA (2020, p. 9), “a divisão sexual do trabalho socialmente construída e difundida na cultura nacional atribui tradicionalmente os trabalhos de manutenção do lar e de cuidado dos membros da família às mulheres”. No caso das mulheres crocheteiras, podemos observar nos relatos o aumento do trabalho de cuidado e doméstico, evidenciando a carga de cuidado que recai sobre a mulher.

Tudo mudou, não estou conseguindo fazer o crochê, estou cuidando do meu pai e da minha casa (Ana Maria).

A pandemia mudou muito, a gente tem que está dando aula para as crianças, e não é fácil, eles têm que fazer educação física, a gente não está prepara pra isso, então a rotina dos trabalhos de casa aumentou na vida nossa. Na parte da manhã, a gente tem que dar aula pra eles, também eu fazia unha aqui em casa, algumas pessoas que vinham hoje estão restritas tem que fazer pouco, no ano passado eu fiquei o ano inteiro sem fazer de ninguém (Raqueline).

O primeiro e o segundo relato apresentam, ainda, outra questão vivenciada na pandemia: a mudança nas atividades de geração de renda. Como as mulheres exercem atividades informais, a pandemia afetou diretamente estas atividades e sua renda. Em um dos encontros, relataram-se as mudanças que a pandemia ocasionou.

Ano passado eu não fiz nada de crochê para vender e ter renda, porque o barbante tá caro, e tenho medo de comprar e não vender e não ter retorno do dinheiro, então eu não fiz praticamente nada de crochê, esse ano eu não fiz nada, peguei a COVID, fiquei muito ruim, demorei para recuperar. Com a pandemia eu não fiz nada de crochê, nada, nada. Tenho medo de comprar o barbante e não ter retorno do dinheiro, entendeu? Eu não vou comprar, que se não vender como é que fica, não vou fazer crochê comprando barbante pra eu fazer, não, vou esperar (Iracema).

Eu só tive renda quando a gente foi um pouquinho, né, que Deus preparou, aquele dia que a gente foi em Poço Fundo fazer feira. A pandemia mudou muito a vida da gente (...) estou com problema de saúde (...) e sem barbante e sem condições, tem aquele lá que fiz, que está parado, aquelas toalhas de pôr na mesa, mas não vendi nenhuma, porque quem vai comprar as coisas minha? Essa pandemia mudou muita coisa, prejudicou muita gente, os mais necessitados que levam a pior, mas é como eu falei, não pode perder a fé. Tá muito ruim sem a presença das amigas, pelo menos a gente se divertia, um ensinava o outro, está muito desamparado o povo. Estou aqui com as minhas plantinhas e esperando ter barbante de novo pra gente aprender as coisas (Creusa).

Pra mim, também mudou muito, tudo mudou, a gente não poder reunir, está faltando até barbante agora. Também não estou fazendo nada, só vendendo perfume. Eu no momento não estou fazendo nada, porque não está tendo barbante da pessoa que eu faço, está em falta. No momento estou vendendo vários cosméticos da Avon, Natura, Jequití, entre outros, aqui só o meu marido que trabalha, então tenho que fazer alguma coisa pra ajudar, ainda mais que eu tenho vários problemas de saúde (Débora).

Acho que pra todo mundo mudou, teve que dar aula para os filhos, se reinventar, não é fácil. Porque parou muitas indústrias, daí quando voltou não tinha barbante, faltou matéria prima, aumentaram muito os preços, então a gente não tinha barbante pra comprar o material, e com medo de fazer e não vender, então é melhor a gente não fazer, eu até tenho um pouco de barbante meu, mas não fiquei animada pra fazer para vender, porque eu vou vender como? Ano passado eu pagava R\$10,50 no quilo do fio, em junho 2020 subiu para R\$12, em 2021 subiu para R\$15 (Maria Rosa).

Outra identificação constatada nos encontros é sobre a relação de valor simbólico/imaterial que as crocheteiras têm com o crochê. Em um dos encontros, foi pedido para que falassem sobre o que era ser crocheteira para elas. Os relatos a seguir demonstram a força dessa relação e a importância dessa atividade na vida delas, que vai além do valor material.

Pra mim, para as colegas que é profissional que tem muita autoridade, é uma maravilha um dom de Deus (...) a gente que sabe fazer é um orgulho pra gente e pra sociedade porque é umas coisas que é muito difícil. Assim, da gente fazer de um fio, a gente criar um tapete, uma rosa, criar muitas coisas boas, então eu acho que não é pra qualquer um, não, é um dom de Deus na vida de cada um que é crocheteira, seja o crochê, que for, seja fino seja grosso, o importante é o talento, está de parabéns todas as crocheteiras do mundo. É um dom, é um privilégio (Creusa).

Fazer crochê pra mim é um dom que Deus deu para nós crocheteiras, e para quem está aprendendo também. Eu comecei fazendo passadeira, hoje eu faço qualquer tipo de crochê. Eu gosto muito de fazer crochê, crochê é uma terapia (D. Maria).

Eu faço crochê desde os cinco anos de idade. Então posso dizer que não vivo sem o crochê, amo (Rosilene).

Ser crocheteira é bom, eu gosto, distraio, e ainda ganho um dinheiro. É gostoso ver a peça pronta. Gosto de ver a pessoa feliz com o crochê que eu faço, é gostoso ouvir que não tem uma peça igual a sua (D. Ana Maria).

As mulheres crocheteiras sofrem com a impossibilidade de custear suas produções devido às competições com as fábricas locais, à inexistência de lugares onde possam comercializar suas peças, à sazonalidade das vendas, à divisão social e sexual do trabalho, à dupla desvalorização e à falta de políticas públicas locais.

Por outro lado, essas mulheres e suas famílias sobrevivem parcial ou totalmente do artesanato em crochê, observando-se uma relação profunda que se entrelaça entre o econômico, o social e o humano, todas comprometidas com a sustentabilidade e cuidado da vida humana.

Para Carrasco (2018), é preciso tornar transparentes essas múltiplas interdependências e interrelações para que sejam transformadas em relações mais justas.

3.4 Crochetando uma nova possibilidade de desenvolvimento local pelo crochê

O trabalho das mulheres nas atividades de artesanato é repleto de contradições. Por um lado, desvalorização e invisibilidade, por outro, representa a possibilidade de geração de renda e ocupação, em sendo essa atividade meio para a manutenção e reprodução material de suas vidas e de suas famílias. Keller (2014, p. 8) se refere a essa condição como “economia substantiva (produzir para viver)”, que segundo o autor é uma forma estratégica de acessar os direitos básicos. As artesãs do grupo MOÇA, nos encontros do grupo, trazem relatos sobre a manutenção e reprodução material de suas vidas e suas famílias com a renda do crochê.

Eu criei meus filhos e reformei toda a minha casa com dinheiro do crochê. As minhas crianças, quando eu vim da roça, não tinha nem sapatinho pra ir pra escola, e foi com o dinheiro do crochê que eu consegui comprar os sapatinhos pra eles irem na escola (Ana Maria).

Quando os meus filhos eram pequenos, eu comprava roupa, sapato, tudo pra eles, com dinheiro do crochê, eu fazia crochê e eu comprava as coisas para as minhas crianças, pra mim. Porque a vida era difícil, então a gente comprava as coisas para os filhos, roupa, sapato, as coisas pra casa. A primeira estante que eu comprei para pôr minha televisão foi com o dinheiro do crochê, fiz muita coisa na minha casa, quando eu tinha casa de barro, eu comprei cimento, comprei brita, comprei tudo, e paguei o pedreiro com o dinheiro do crochê, fazendo de pouquinho. Eu fazia tapete o mês inteiro, e vinha aqui em Inconfidentes, pegava o dinheirinho do crochê, e eu comprava dois sacos de cimento, eles davam a notinha pra mim, e ficava guardado pra quando eu inteirasse o tanto certo, pra eles levarem pra mim. Aí quando deu, eu levei, fiz o meu chão, pintei minha casa, fiz tudo que eu tinha vontade com o dinheiro de crochê,

graças a Deus multiplicou. Hoje, a gente não consegue mais, por causa do baixo preço hoje do crochê, o alto preço das coisas que está, a gente não conseguiria hoje, fazer o que a gente conseguiu naquele tempo atrás. Mas foi muito bom, eu agradeço a Deus por ter aprendido a fazer o crochê, a pessoa que me ensinou, e o que eu pude fazer com o dinheiro do crochê. Hoje eu falo para os meus filhos, eles não acreditam, eles andavam tudo arrumadinho, com tênis novo, tudo com o dinheiro do crochê. Eu fazia o mês inteiro, eu tinha minhas crianças pequena, e Deus abençoou que cheguei até aqui e até hoje eu estou fazendo, então eu agradeço a Deus, porque hoje apesar dos pesares, Deus tem me dado força pra eu fazer meu crochê. Hoje, a gente trabalha para as lojas aqui, trabalha o mês inteiro pra ganhar R\$ 150,00 R\$ 200,00, consegue pagar só uma prestação, não dá pra fazer nada, creio eu que um dia vai mudar essa história, se Deus quiser (D. Maria).

Observamos com os relatos, que o trabalho artesanal historicamente tem valor no sustento da família das artesãs, e está relacionado ao suprimento das necessidades extremamente básicas. As mulheres do grupo MOÇA são mulheres de baixa renda, baixa escolaridade, algumas têm o crochê como a única fonte de renda e sustento familiar, outras dividem o trabalho artesanal com a agricultura familiar, outras com atividades informais, como diarista na colheita do café e na faxina, entre outros.

A principal forma de produção e escoamento das peças em crochê em Inconfidentes é para as lojas do comércio local e por meio de atravessadores de outras marcas pelo país. Em geral, observa-se que o crochê é desvalorizado e subavaliado pelos comerciantes/empresários/atravessadores locais. As artesãs do grupo MOÇA relatam as percepções sobre essa relação:

Não somos valorizadas pelos empresários, esses que têm as fábricas aí. Não somos valorizadas, porque igual eu já falei, a gente fica o dia inteiro se matando, eu mesmo fico o dia inteirinho pra fazer um jogo de banheiro para ganhar R\$10,00. Então eu acho que não tem valorização da parte deles (Ana Maria).

Agora está tudo muito difícil, a gente pra comprar um barbante e fazer para vender a gente nem tem condições. Eu estou fazendo jogo de passadeira para uma loja da cidade. O trabalho da gente tem que ser valorizado, a gente faz um tanto de crochê eu mesmo estou com 20 par aqui para entregar, e dá pouco. Crochê a gente faz porque a gente gosta de fazer. Aqui na cidade precisava valer mais, uma pessoa trabalha fora e ganha um salário, a pessoa trabalha no crochê o dia inteiro para ganhar R\$10,00, olha que diferença, a pessoa trabalha do mesmo jeito, talvez mais do que a pessoa que está trabalhando fora né, e deixa muita coisa sem fazer para poder ganhar um dinheirinho, porque está tudo difícil, agora não tem valor, precisava ganhar um salário se fosse justo, é uma vergonha aqui (D. Maria).

Deveria ser mais valorizada, a gente não ganha o que merece, porque dá trabalho fazer uma peça de crochê (Ana Paula).

Não tem valorização, eu vou mandar uma foto e mostrar o caminho (peça de crochê) que vai dois cones de linha, pra ganhar R\$ 11,00. Fala pra mim o que você faz com R\$11,00? Se eu pegar firme é 4 dias para fazer. Não tem valor aqui em Inconfidentes não! (Ana Maria).

O crochê não é valorizado, ninguém valoriza o crochê da gente aqui na cidade, chega até ser uma exploração, você ter que fazer um kit de passadeira, por R\$10,00. Mas como muitas de nós, não tem outro jeito, outro ganho, tem que fazer o crochê (Ana Paula).

Nesta realidade, destacamos a informalidade e a precariedade das condições de vida e de trabalho das artesãs. Os relatos das crocheteiras apresentam de forma clara a desvalorização

econômica que envolve a produção do crochê, retratando a precarização do artesanato e do emprego feminino. Essa desvalorização pode se dar por vários motivos, mas compreendemos que seja principalmente por se efetivar em casa, revelando os estereótipos de gênero construídos historicamente de desvalorização do trabalho feminino, seja ele remunerado ou não. Até os dias atuais, conforme discutido, ainda não há valorização do trabalho doméstico e de cuidados. Em contrapartida, o sistema hegemônico aproveitou-se para se apropriar da mão de obra feminina e obter mais lucros.

Como, portanto, iremos superar esse contexto de desvalorização? Como seria possível valorizar, dentro do sistema capitalista, o trabalho artesanal? A valorização pode ocorrer dentro desse sistema, que lucra com a desvalorização?

Não se pode, também, deixar de refletir que a desvalorização do artesanato é um processo construído pelo próprio sistema capitalista, visto que:

[...]o desejo deliberado de abolir o objeto feito à mão em prol do feito à máquina obedeceu a visão de que a tradição da manualidade era parte do passado de atraso, subdesenvolvimento e pobreza, que o futuro promissor proporcionado pelas máquinas nos faria superar. Em nome do progresso e da desejada inserção do Brasil no concerto das nações desenvolvidas, melhor seria sepultar essas práticas empíricas e substituí-las pelo Novo, N maiúsculo, redenção que seria trazida por um futuro pautado pelos princípios puramente racionais – a Ciência, a Tecnologia, a Metodologia (BORGES, 2019, p. 31).

Para Torres (2019), é possível entender que cada território é capaz de definir suas próprias formas de organização de produtores artesanais, com a capacidade de se consolidarem e institucionalizarem estruturas de organização, variando em função da relação existente entre artesãos/artesãs, poder público e sociedade civil.

Já Cassandre *et al.* (2010) também pontuam a importância de haver uma relação entre os artesãos/artesãs e o poder público, pois para os autores, ao estudarem iniciativas intituladas como coletivas, quando não há políticas públicas efetivas, eficientes e eficazes, tornam programas sociais de geração de renda e trabalho vulneráveis, podendo esses, mesmo com nomenclaturas diferentes, explorar a mão de obra artesanal.

Nesse sentido, enxerga-se a Economia Solidária como um mecanismo que pode vir a trazer a valorização da mão de obra, tanto por sua natureza contra hegemônica, quanto por seu caráter coletivo, tendo em vista que a Economia Solidária tem seu início em grupos marginalizados e trabalhadores desvalorizados (SCHOLZ, 2016).

3.4.1 Crochetando uma nova história

Pensando na perspectiva coletiva solidária e de sustentabilidade da vida, em 2019, por meio de um projeto em parceria entre o CRAS (Centro de Referência em Assistência Social) e o IFSULDEMINAS, campus Inconfidentes, nasceu o Grupo das Mulheres Organizadas Crochetando Autonomia – MOÇAS. A formação do grupo foi um dos resultados de um projeto de extensão por meio de um edital IFMulher.

Essa iniciativa surgiu por meio do encontro de duas frentes de transformação, ambas na perspectiva de reparação das desigualdades de classe e gênero: a educação e uma nova economia. Desse encontro nasceu o projeto “Capacitação e alfabetização das mulheres crocheteiras de Inconfidentes”. A iniciativa de organizar as mulheres que trabalham com o crochê em Inconfidentes surgiu da necessidade de valorizar e dar visibilidade às mãos que fazem o crochê na cidade, em sua maioria de mulheres e em condições de vulnerabilidade social e com baixa escolaridade.

Antes da escrita do projeto, foi realizado um diagnóstico sobre as demandas e desejos das mulheres. Diante das informações levantadas, organizou-se a execução do projeto em dois eixos de atuação: formação para geração de renda com base em outra economia e formação social e cidadã. No texto a seguir, são compartilhados trechos do texto do projeto desenvolvido e das demais ações realizadas, escritos a muitas mãos, explicando o caminho de ações que foi trilhado para contemplar os objetivos almejados:

“Assim, o primeiro eixo contemplou a socialização dos princípios da economia solidária e do cooperativismo e associativismo. Fundamentadas nesses princípios, o objetivo foi o de instrumentalizar as crocheteiras sobre formas de se organizar enquanto grupo, pautada nos princípios da economia solidária, meios para criar uma marca de crochê que exprima a singularidade de seu trabalho, contemplando as suas características sociais e culturais. A proposta visava, também, a proporcionar geração de renda de forma autônoma e coletiva, capacitando e fortalecendo as mulheres para comercializar diretamente com o consumidor e conquistar, a longo prazo, autonomia produtiva em todo o processo, desde a concepção das peças até a definição do preço. Ainda nesse eixo formativo, a equipe trabalhou também a criação da identidade do grupo, visando à discussão e à problematização de “quem somos nós? o que desejamos? quais nossos desafios?”, sempre enfatizando os princípios da coletividade e da sustentabilidade. No projeto, foram desenvolvidas diversas atividades, as quais sempre valorizaram a troca de saberes e o reconhecimento dessas mulheres. Este eixo

foi concebido e executado pelas profissionais e idealizadoras do projeto, Caroline Dantas e Letícia Moreira.

O segundo eixo, que contemplou a formação social e cidadã, foi executado pelas professoras Cristiane Cordeiro Camargo e Paula Inácio Coelho e teve por objetivo o enriquecimento das habilidades de leitura e escrita das mulheres, bem como a troca de saberes por meio do estímulo à fala e à reflexão. Nesse grupo, havia mulheres em diferentes níveis de compreensão e elaboração da linguagem escrita. Como metodologia, foram utilizadas as Tertúlias Literárias Dialógicas, atividade em que as pessoas se encontram para a leitura de textos literários e discussões a respeito de suas impressões da leitura. Nessas discussões, todas as pessoas têm direito à voz e todas as vozes têm o mesmo valor. Nos encontros das Tertúlias, diversas questões sociais e culturais surgem por meio dos apontamentos de cada participante, o que favorece ao grupo oportunidades de reflexões a respeito de seus modos de vida, das relações sociais em que estão inseridos, das questões de gênero, entre tantos outros. Além disso, é um espaço de escuta e constituiu-se em um meio de promover a aproximação entre as mulheres e seu fortalecimento identitário.

O grupo começou com aproximadamente 38 mulheres, no entanto, no decorrer do curso, muitas desistiram, por vários motivos. O grupo, que permaneceu com 20 mulheres, dedicou-se com afinco aos encontros e às atividades propostas. Muitas relataram que, ao iniciarem o curso, imaginavam que iriam aprender apenas novas técnicas de fazer crochê, mas, à medida que foram entrando em contato com as discussões a respeito da economia solidária e com as leituras e discussões promovidas nas Tertúlias, o campo de percepção se ampliou.

Começaram a compreender que estavam fazendo parte da construção de algo maior, que envolve reflexões a respeito de condições de trabalho e gênero, formas solidárias de produção, a importância da solidez das relações entre elas, meios sustentáveis de produção, ampliação do repertório cultural e conhecimento das histórias de vida de cada uma. O fato de estar em um coletivo, de dividir angústias, narrativas e histórias, fez com que as mulheres percebessem o grupo como um espaço de trocas, compartilhamento de experiências e reflexões sobre a vida e as questões sociais. Percebemos que o grupo se habituou ao momento das Tertúlias, demonstrando apreço pelo diálogo que se segue logo após a leitura da obra literária.

Em 2020, a equipe deu continuidade ao projeto com nova submissão da proposta aos editais disponíveis. Conseguiu, mais uma vez, angariar recursos para sua continuidade. No entanto, veio a pandemia e, com ela, as dificuldades e desafios para viabilizar a continuidade da proposta de forma virtual, já que muitas das mulheres não tinham acesso à internet com facilidade. Foi feita, então, uma adequação da proposta, e as atividades foram retomadas em

2021. Neste ano, a equipe conseguiu organizar com as crocheteiras uma linha de peças com o tema do “Caminho da Fé” com o objetivo de atingir o público turístico deste roteiro, os peregrinos e os ciclistas. Foram firmadas parcerias com estabelecimentos comerciais credenciados ao Caminho e também com as pousadas. O grupo conseguiu dar os primeiros passos para a geração de renda. Ao vender as peças diretamente para os consumidores/peregrinos do Caminho da Fé, as crocheteiras puderam receber, também, a valorização e o reconhecimento do seu trabalho.

Os resultados destas ações trouxeram maior visibilidade ao grupo, que passou a ser conhecido na cidade, sendo convidado a participar de eventos públicos no município e, também, no IFSULDEMINAS, campus Inconfidentes. Além disso, o grupo conseguiu recursos para dar início ao processo de formalização de uma Associação. Não podemos deixar de destacar, também, que o projeto que resultou na formação do grupo MOÇAS atualmente foi classificado entre os três finalistas no X Prêmio Mineiro de Boas Práticas da Associação Mineira de Municípios, na categoria Assistência Social.

Todas essas conquistas têm sido possíveis por meio da persistência das mulheres e da parceria entre a Prefeitura e o IFSULDEMINAS. Atualmente as MOÇAS estão no processo de formalização para se transformarem em uma Associação. Devido à amenização dos efeitos da pandemia de Covid-19, as feiras de economia solidária e de artesanato estão retomando as atividades e o grupotem conseguido participar e vender suas peças.”

Assim, com a estruturação do projeto MOÇA, vai se tecendo uma nova história em Inconfidentes, como explícito nas palavras de Figueira (2017), as produções artesanais que são desenvolvidas em grupo e de forma solidária inferem diretamente na qualidade de vida e na autoestima daqueles que produzem, uma vez que em tais práticas são desenvolvidas habilidades criativas, sociais e culturais. Araújo (2018) pontua que a Economia Solidária surge como uma alternativa à produção capitalista, desenvolvida por aqueles que vivenciam o processo de exclusão social resultante do referido sistema econômico, que gera pobreza e exclusão social.

Já para Silva, Silva e Dantas (2012), ao estudarem um coletivo de artesãos e lhes propiciar formações em Economia Solidária, concluíram que graças a tal ferramenta foi possível inseri-los no mercado, dando a eles uma alternativa viável à precarização do trabalho.

Na mesma linha, Albuquerque e Bunde (2020) estudaram o município que é considerado o maior produtor de lã do país e constataram que, através da Economia Solidária, é possível a construção de um desenvolvimento local socio-econômico-cultural-sustentável no referido território.

Para Barroso e Frota (2010), o trabalho artesanal gera sentimentos positivos e de

satisfação nas mulheres, pois elas se sentem bem e capazes, tornando-se admiradoras de si mesmas e de suas habilidades. Para as autoras, o mais significativo nesse processo é “serem reconhecidas publicamente, pelo fato de comercializarem em espaços públicos, talvez seja a maior recompensa exatamente porque essas mulheres não vivenciam esse reconhecimento em casa, no lar, por parte da família”.

Dessa forma, o artesanato é visto como uma forma de empoderamento da mulher, na medida em que lhes oferece um papel de transformação e de mudanças nas tradições. Nesse contexto, as mulheres assumem seu papel de importância na economia, no empreendedorismo e na erradicação da desigualdade e pobreza (FIGUEIREDO *et al.*, 2014). Pelo exposto, o papel da mulher em empreendimentos solidários é de grande relevância, sendo que elas são maioria nos diversos tipos de empreendimentos dessa natureza desenvolvidos no Brasil (MARTINS *et al.*, 2018).

Assim sendo, e com a possibilidade de a Economia Solidária trazer a valorização da mão de obra das crocheteiras de Inconfidentes, a cadeia produtiva imaginada é ilustrada a seguir (Figura 7), contrapondo-se à cadeia produtiva tradicional, apresentada anteriormente.

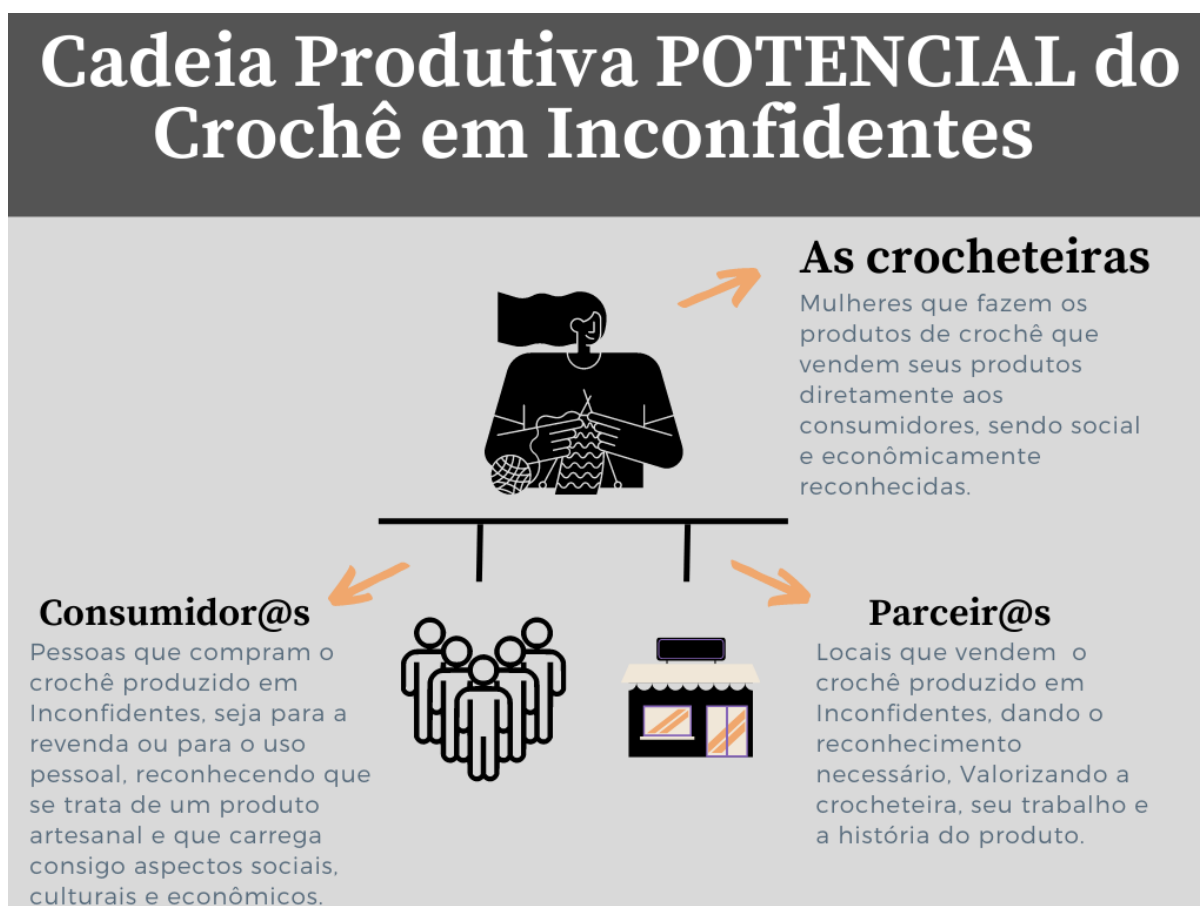


Figura 7- Cadeia produtiva *POTENCIAL* do Crochê em Inconfidentes. Fonte: Elaboração própria (2022).

Dentro desta perspectiva coletiva, o que interessa nesta pesquisa é perceber a potencialidade presente na resistência estabelecida neste grupo de mulheres crocheteiras em tecer uma nova possibilidade de desenvolvimento local, vibrando pela sustentabilidade da vida no seu cerne. Partindo da premissa de que só é possível contemplar essa demanda em uma luta que pense economia e gênero como fatores imbricados e indispensáveis nas novas resistências e articulações humanas:

As demandas políticas por sobrevivência, nesse novo cenário, ganham novos contornos. Elas saem do lugar de lutas subalternas no campo das articulações feministas para disputar lugar como centrais para o enfrentamento das opressões. A sustentabilidade da vida adquire uma posição de princípio articulador de diversas lutas coletivas protagonizadas por mulheres na América Latina. Na perspectiva da sustentabilidade da vida, as atividades de cuidados são colocadas como centro político e econômico e como uma responsabilidade de todas e todos. Não se trata de que as mulheres se tornem as únicas salvadoras do planeta ou que uma relação mais forte e empática entre mulheres e natureza esteja relacionada com características biológicas e intrínsecas ao sexo feminino, mas de saber ler o que sua luta nos coloca em termos de demandas políticas e sociais (LIMA; VASCONCELLOS; JALIL, 2021, p. 20-21).

Deste modo, unir as pulsões feministas pela erradicação da desigualdade de gênero e encontrar possibilidades de resistência políticas e sociais mediante o desenvolvimento local são lutas que precisam caminhar juntas e em consonância, visto que “a economia Solidária, em sua perspectiva transformadora, deve ser também um espaço de discussão e combate às outras formas de opressão que não só a de classe, por isso a necessidade de refletir sobre a reprodução das desigualdades de gênero dentro da economia solidária” (ABREU; OLIVEIRA, 2020, p. 38).

Partindo da crítica de que a economia solidária e outras formas de resistência e articulações econômicas devem ser também espaços de discussão quanto ao combate a outras formas de opressão das desigualdades de gênero, esta pesquisa aponta para a importância de pensar em uma cadeia produtiva que mostre a valorização do artesanato em uma perspectiva feminista, solidária e de sustentabilidade da vida.

4 AS CROCHETEIRAS

(...) foi uma crocheteira, mas quem é essa crocheteira? Como que é a vida dela? Como que ela vive? Ninguém sabe, entende? É isso! (Dona Iracema).

Por ser conhecida como a Capital Nacional do Crochê, há em Inconfidentes muitas lojas com belas peças e bem trabalhadas, no entanto, o turista/consumidor não sabe quem são as artesãs que deram vida a essas peças. Esse capítulo tem o objetivo de dar visibilidade às crocheteiras, as grandes protagonistas do reconhecimento de Inconfidentes pelo crochê. Terra do crochê? não! Terra das crocheteiras.

Das mulheres que compõem o grupo MOÇA, 50% delas são provedoras do lar, 41% delas têm como única atividade de geração de renda o crochê, uma possui emprego formal e 50% restantes conciliam o crochê com outra prática informal (cuidadora, faxineira ou venda de produtos diversos). Das 12 participantes, apenas duas delas têm filhos menores de 10 anos de idade, as demais possuem filhos adultos, e apenas uma crocheteira tem uma filha que seguiu o ofício, ou seja, que também trabalha com o crochê atualmente. Uma delas é negra e as demais brancas, 41,67% (cinco) delas possuem renda familiar menor ou igual a meio salário mínimo, 41,67% (cinco) possuem até dois salários mínimos, 8,33% (uma) possui renda de um salário e 8,33% (uma) possui renda familiar maior que dois salários mínimos. Apenas uma delas estudou até o ensino médio, uma não foi alfabetizada e as demais estudaram até o ensino fundamental, completo ou incompleto. As entrevistadas possuem de 30 a 64 anos, e o valor que elas ganham mensalmente com o crochê é de R\$150,00 a R\$550,00. Não foi possível identificar ao certo o valor por hora trabalhada, levando em consideração que essas mulheres não contabilizam as horas que se dedicam ao ofício, já que dividem seu tempo entre o trabalho doméstico e de cuidado e o crochê. Foi feita uma média do valor, de acordo com o relato de uma das participantes de pesquisa, Eliane, que tem o crochê como única fonte de geração de renda. Eliane relatou que realiza três horas de trabalho para fazer um jogo de banheiro (contendo três peças) por R\$ 10,00 (dez reais) dando em média R\$3,33 por hora.

4.1 A história das crocheteiras

Narrar a vida é dela se reapropriar, refazendo os caminhos percorridos, o que é mais do que "revivê-los" (BOSI, 1987 p. 55).

Buscou-se, através das histórias das mulheres organizadas com o crochê, o significado do fazer crochê, os desafios e potencialidades. Iremos conhecer a seguir qual é a história de vida de 2 (duas) mulheres crocheteiras, e como o crochê surgiu e permaneceu em suas vidas. A identidade das crocheteiras foram mantidas, de modo a contar uma história nunca antes contada no município, afinal, quando se mostra o crochê da cidade, elas sempre ficam em segundo plano. Dessa forma, a manutenção de suas identidades buscou não as invisibilizar mais uma vez.

Ao ser apresentada a história de vida das crocheteiras, retiraram-se marcas de oralidade que não prejudicam seu conteúdo, além disso, foram inseridas notas explicativas para facilitar a leitura, e inseridas, também, pequenas explicações entre colchetes, e as intervenções feitas pela entrevistadora foram sublinhadas e, também, colocadas entre colchetes. Já as frases de destaque foram marcadas em negrito, sendo essas as que mais dialogavam com o tema aqui estudado. Contudo, conforme propõe a metodologia utilizada, separaram-se as histórias em fases da vida.

A primeira história aqui contada é de Dona Ana, que aprendeu a fazer o crochê desde cedo. O crochê para ela veio junto à sua preparação para a juventude, “pois tinha que ser prendada”.

A infância, a família e o crescimento de Dona Ana

“A história de vida da gente nunca foi fácil, nasci no meio de 6 irmãos. Minha mãe era muito doente, tinha muito problema de saúde, comecei a ir na escola com sete anos, andava três quilômetros para ir e três para voltar. Naquele tempo não tinha merenda na escola, não tinha nada, daí fui crescendo, e quando eu tinha, assim, uns 12 anos e pouco, minha avó pegou uma linha de crochê e pegou uma agulha, uma agulhinha velha enferrujada, e falou você vai aprender a fazer os pontinhos e as correntinhas, daí aprendi a fazer comecei daí a tecer alguma coisa. **Naquele tempo que eu jovem as moças para casar tinha que ser prendada, tinha que saber cozinhar, fazer crochê, tudo isso, então a gente começou assim, né, porque precisava saber de tudo.**

Daí depois mais pra frente, eu fiquei mais mocinha um pouco, daí a gente começou a ganhar algum dinheiro com o crochê. Daí teve uma febre² muito grande dos xales, aí a gente conseguia ganhar dinheiro, para ajudar meu pai, comprar comida e tudo, fazia crochê à noite, com lamparina de querosene, você já imaginou? Não era fácil, não. Não tinha luz elétrica, nada,

² Termo regional utilizado para explicar algo que se popularizou em um curto espaço de tempo. No caso dos xales, foi uma tendência trazida pela moda na época.

de dia a gente fazia um pouco porque tinha que ajudar a minha mãe na casa, e também ajudava meu pai na roça. A gente saiu cedo da escola, porque não tinha como continuar o estudo né, naquele tempo não tinha, não tinha ônibus pra pegar ninguém na roça, ninguém estudava, aí ajudava meu pai na roça, minha mãe em casa, e ainda fazia crochê, para comprar um perfume, comprar um shampoo e foi indo, minha vida não dá pra falar tudo, resumi em poucas palavras, **a vida minha, falar pra você, nunca foi fácil, nunca foi!**”

O casamento, a fome e crochê de Dona Ana

“[...] Depois casei, fiz muito crochê pra matar a fome da gente mesmo, porque não tinha serviço na roça, daí eu fazia crochê e comprava comida ``. (intervenção entrevistadora “Ele trabalhava na roça e a senhora fazia crochê?”). “Eu fazia crochê pra ajudar, até meu filho ajudava eu a fazer umas correntes pra adiantar eu, ele era pequeno veio a febre dos biquínis né, aí tinha que fazer correntinha pra colocar e amarrar atrás, ele ajudava a fazer. Daí casei e continuei fazendo os crochês, eu andei bastante, trabalhei, morei um monte de lugar, mas sempre fazia meus crochezinho. Eu casei achando que as coisas iam ser mais fácil, e ficou difícil, foi muito difícil, ele era jovem e eu também, a gente era pobre, **a gente achou que podia conseguir alguma coisa junto, só que não foi possível**. Eu lutava, fazia crochê o que podia, mas ele entrou pro lado da bebida... eu sofri muito, tinha que fazer crochê, até chegar a ajudar ele na roça eu cheguei a ajudar, naquele tempo da “panha” de café eu ia para a roça. (intervenção entrevistadora “quando você apanhava café, você não fazia o crochê?”) Não, aí não dava tempo, tinha que sair muito cedo de casa e voltava tarde... sei que agora o **crochê é a vida da gente, é minha vida!**”.

O que o crochê significa e trouxe para a vida de Dona Ana

“Ele trouxe, falar bem a verdade para você, só **trouxe coisa boa**, foi triste até ficar parado, né, por causa da doença³, nós paramos [nesse período], mas foi uma coisa muito boa na vida da gente ``. (intervenção entrevistadora “O que a senhora fala que foi bom?”). “Foi bom porque a gente ficou conhecendo outras pessoas que a gente não conhecia, estou falando do grupo⁴, foi muito bom, a gente formar esse grupo, a gente vai lá trocar uma ideia, uma faz uma coisa bonita, outra faz uma coisa diferente, e o crochê é assim é bom, porque você faz, a gente quer ver a peça montadinha e prontinha, né?!”. (intervenção entrevistadora “Então a senhora

³ O marido de Dona Ana adoeceu no ano de 2021, e a doença se agravou no ano de 2022, necessitando dos cuidados de Dona Ana.

⁴ Dona Ana se refere ao grupo MOÇA.

sempre fez crochê a vida inteira?”). “A vida inteira, comecei com uns treze anos, aí foi aperfeiçoando”. (intervenção entrevistadora “A primeira geração de renda da senhora foi o crochê?”). “Foi o crochê”. (intervenção entrevistadora “E por muito tempo foi a única fonte de renda?”). “A única fonte de renda que eu tive foi o crochê, depois a gente começou a trabalhar na chácara, né [como caseiros, pessoas que cuidam e moram no local], além do crochê eu ajudava a cuidar da chácara, fazia o serviço da chácara e fazia meus crochês”. (intervenção entrevistadora “A senhora sempre fez para empresa, para outras pessoas?”) Sempre, uma época eu comprei linha e fiz umas coisas, pra mim, sabe? **Mas aí a situação apertou, eu peguei e vendi, vendi tudo que eu tinha feito pra mim**, sempre fiz pra outras pessoas, minha avó ensinou a fazer as correntinhas, a Lucinda [uma amiga] me ensinou a fazer uma toalha e depois a Corinda⁵ foi a primeira pessoa que pagou a gente pra fazer o crochê, [nesse período] a gente começou a ganhar um dinheirinho, e foi melhorando o negócio de crochê, foi expandido para outro lugar... **sei que o crochê faz parte da nossa vida inteira**. Meu filho sabia até fazer toalhinha, minhas irmãs, não foi preciso [eu] ensinar, elas aprenderam vendo eu fazer, era gostoso a gente sentava, eu minhas irmãs, e às vezes vinha mais alguém de fora”.

Já a segunda história aqui contada é da Ana Paula, que aprendeu a fazer crochê aos 9 anos com mãe, porque era uma fonte de renda da mãe para sustentar a família, uma vez que “o pai era falecido”.

A infância, a família e o crescimento de Ana Paula

“Eu me chamo Ana Paula, minha mãe teve oito, desses oito, um é falecido, meu pai faleceu também quando eu tinha nove anos, e minha mãe que me criou com os meus mais sete irmãos, com muita luta, **porque criar filho não é fácil**, ainda mais antigamente, mas **até os dias de hoje ela cuida da gente**, minha mãe é uma guerreira. E eu **aprendi a fazer o crochê com nove anos**, com nove anos, **minha mãe me ensinou a fazer o crochê**. (intervenção entrevistadora: você estudava e fazia crochê?) **Eu ia para escola, voltava e fazia o crochê**, as passadeiras, os parzinhos⁶, **brincava na rua com os meninos de bolinha de gude, de soltar pipa...** Até uma das mães dos meninos [que ela brincava] pegava os sacos de barbantes [para as duas fazerem o crochê para determinada pessoa, pois os sacos eram grandes e pesados], nisso eu já tinha 14 anos, nós pegávamos o saco de barbante e ficava até onze horas/meia noite, fazendo par de peixe⁷, na época eles pagavam R\$ 1,80 o par, o preço era pouco né?! R\$1,80,

⁵ Empresária do crochê.

⁶ Parzinhos é um tipo de crochê feito em Inconfidentes, que possui dois tapetes iguais.

⁷ Modelo de crochê que lembra a estrutura de um peixe.

mas, mesmo, assim nós fazíamos, porque nós precisávamos. Aí eu brincava um pouco e ia fazer crochê, porque eu fui “mulecona” até os meus 15 anos. Eu parei de estudar, eu tinha 15 anos, parei no sexto ano. Foi quando eu comecei a beber, a fumar. Matava aula pra ficar na rua, eu me arrependo muito disso, mas hoje graças a Deus estou estudando de volta, vou me formar no nono ano, esse mês eu me formo graças a Deus, e vou fazer o ensino médio e em nome de Jesus, e o superior, né, faculdade de enfermagem. Depois eu comecei a apanhar café, daí eu fazia crochê e quando era época de “panha” de café, eu apanhava café.

O casamento, a violência e crochê na vida da Ana Paula

Me casei aos 16 anos, tive três filhos, ele judiava muito de mim, me batia muito, mas mesmo assim ainda vivi com eles por nove anos, aí acabei me separando, arrumei outro rapaz achando que seria diferente, foi a mesma coisa, e assim até o último, que tentou me matar, passou com o carro por cima de mim, eu fraturei o tornozelo, cheguei no hospital quase morta, mas eu estou aqui hoje, graças a Deus, estou andando, eu agradeço a Deus todos os dias por isso e eu fico muito feliz, muita grata de todas as pessoas que me ajudaram até aqui e estão me ajudando até hoje, porque eu tenho três filhos e eles me ajudam bastante, porque o pai deles é falecido. E eu aprendi a fazer o parzinho primeiro, **hoje em dia eu faço roupa até olhando na revista**, sou quase um design **de moda de roupa de crochê**, porque tudo que pede eu faço. Mas a minha **vida foi muito sofrida**, com todos os maridos, sou grata a Deus pelos meus filhos, mas sou uma guerreira e assim eu continuo vivendo, me batizei na igreja, tive vícios com álcool, mas, dia 27 de julho agora, em nome de Jesus, vai fazer um ano que eu não bebo, que eu estou limpa, e que **eu estou viva**, agradecendo a Deus por tudo. O crochê entrou na minha vida devido à minha mãe, devido ser o ganho de todo mundo aqui em Inconfidentes era o crochê, então quando eu tinha 9 anos de idade minha mãe já fazia crochê para outras pessoas, aí foi onde ela me ensinou e comecei a fazer com 9 anos de idade. (intervenção entrevistadora: você acredita que o crochê contribuiu na sua vida?) Muito, muita das vezes ajudou eu a comprar um leite para os meus filhos que eu não tinha. Pedia dinheiro adiantado para as pessoas que davam pra gente o crochê, pra não deixar faltar pra eles. O crochê é bom.

O que o crochê significa para Ana Paula e o que trouxe para sua vida

O crochê [está] em toda minha vida, desde os nove anos até agora, que eu estou com trinta. De bom o crochê ele é... como que eu vou explicar? ele desestressa a gente, quando a gente está estressada você vai fazer o crochê. **O dinheiro que você ganha que ajuda bastante, quando se pega pra vender por encomenda, né, porque quando você pega para fazer pros**

outros não tem, não, muito ganho, não. Só trouxe de bom, cada dia mais eu me aperfeiçoando no crochê, aprendendo a fazer novas coisas, eu comecei a fazer tapete, e hoje eu faço roupa de crochê, então foi uma evolução muito grande e de **negativo é o valor que eles pagam aqui na cidade nossa, né, devido ser a capital nacional do crochê, as crocheteiras deveriam ser mais valorizadas.** [intervenção entrevistadora: o que faz você permanecer fazendo crochê?] É porque o crochê, querendo ou não, a renda sendo pouca ou não, **é a renda que eu tenho, entendeu?**

O que a história de Dona Ana e de Ana Paula diz sobre o crochê e demais temas aqui estudados? Como o crochê se tornou algo tão importante para elas? Como a organização coletiva contribuiu para seus desenvolvimentos? Quais foram as circunstâncias que as fizeram criar essa forte relação com o fazer crochê?

No início de sua história, Dona Ana cita como aprendeu a fazer crochê. Diferentemente de outras participantes da pesquisa, ela conta que aprendeu a fazer crochê com o intuito de se tornar “prendada”, e que aprendeu o ofício desde muito cedo. Nesse momento, encontra-se uma correlação direta com o que colocam Soares-Júnior e Carvalho (2021):

O trabalho artesanal, em uma perspectiva ontológica, é detentor de signos e sentidos distintos para determinados grupos de artesãos – especialmente quando se trata do trabalho feminino, na medida em que é transmitido através de gerações, sendo uma atividade aprendida ainda na infância, podendo ser compreendido como uma ação estabelecida com a finalidade de se rememorar o passado –, tendo essas significações influenciadas pela temporalidade e espaço inserido (p.13).

Apesar de não ser citado, existe uma correlação direta do ofício de fazer crochê com a impossibilidade de conquistar qualidade de vida, sobretudo, no que diz respeito à dificuldade de outra forma de obtenção de renda.

Na fala de Ana Paula, por sua vez, ela comenta que aprendeu a fazer crochê com a mãe bem jovem, porque essa era a fonte de renda da mãe. Ela conta que, a princípio, conciliava o crochê com a escola e o brincar, mas que poucos anos depois abandonou a escola.

Em diversos momentos, Dona Ana e Ana Paula citam que o crochê contribuía para sua obtenção de renda, no entanto, o fazer crochê não trouxe a elas ascensão econômica, sobretudo por se tratar de um trabalho mal remunerado. Nesse sentido, comprova-se que o crochê em Inconfidentes seguiu a lógica do desenvolvimento hegemônico, que tal ofício não recebe a remuneração adequada e que muitas vezes é tratado como um produto produzido em grande escala. Principalmente, em termos de monetização e, para além disso, em diálogo com os capítulos anteriores, o crochê trouxe ascensão social para poucos, à custa da falta de valorização da mão de obra da base dessa cadeia produtiva (KELLER, 2014).

[...] “artesanato na contemporaneidade enfrenta duas questões que o excluí: Primeiro porque é constituído como um ofício que não se enquadrou na produção massificada contemporânea, por ser um trabalho manual produzido de maneira unitária. Segundo, pois no percurso histórico, o fazer manual fora uma tarefa principalmente feminina – como apontado no decorrer da pesquisa, profissões ditas femininas foram socialmente desvalorizadas em um contexto histórico – usado como forma de mantê-las atreladas ao espaço doméstico [...]Na sociedade contemporânea, o artesanato tradicional, muitas vezes é submetido a processos que o modificam em consequência da industrialização, da globalização e do advento de novas tecnologias, que modificam a maneira que o mesmo é produzido. Nesse contexto, muitos artesãos deixam a sua ocupação tradicional para se adaptarem ao novo cenário. Os artesãos por si só não são fortes o suficiente para lutar neste mercado competitivo, onde produtos substitutos e mais baratos feitos com máquinas estão facilmente disponíveis e grandes empresas e investidores estrangeiros prenderam todo o mercado. Nessas circunstâncias, as iniciativas com cunho social podem ser mecanismos que auxiliam esses artesãos, protegendo seus interesses econômicos e a manutenção do artesanato tradicional. Estas iniciativas podem auxiliar na produtividade e na comercialização dos produtos artesanais, para, além disso, poderem proteger seus membros contra a exploração de seus trabalhos (SOARES-JUNIOR; CARVALHO, 2021, p.12).

Ademais, a relação direta entre artesanato e a pobreza ficou evidenciada na história de Dona Ana e Ana Paula. Falas como: “muita das vezes ajudou eu a comprar um leite para os meus filhos que eu não tinha”, “fiz muito crochê pra matar a fome da gente mesmo, porque não tinha serviço na roça, daí eu fazia crochê e comprava comida” ou “eu casei achando que as coisas ia ser mais fácil, e ficou difícil, foi muito difícil, ele era jovem e eu também, a gente era pobre, a gente achou que podia conseguir alguma coisa junto, só que não foi possível”, evidenciam que o trabalho artesanal agrega condições precárias de trabalho (KELLER, 2014; BARROSO, 2018), para além disso, apesar de trazer certa renda e ser visto como uma potencialidade (LE MOS, 2011), o trabalho artesanal, quando feito individualmente e sem condições de competir no mercado, mantém aqueles que o fazem em um contexto de vulnerabilidade social (SOARES-JUNIOR; CARVALHO, 2021).

Em diversos momentos, é possível identificar que o crochê/trabalho artesanal se concilia com a função reprodutiva e de manutenção do espaço doméstico, por exemplo, em momentos que Dona Ana cita que utilizava do crochê para “matar a fome” ou que fazia o crochê “para ajudar”, fica em evidência essa sua relação, assim como a Economia Solidária traz aspectos positivos a produção do crochê, quando ela diz: “*Foi bom porque a gente ficou conhecendo outras pessoas que a gente não conhecia, estou falando do grupo, foi muito bom, a gente formar esse grupo, a gente vai lá trocar uma ideia, uma faz uma coisa bonita, outra faz uma coisa diferente, e o crochê assim é bom, porque você faz, a gente quer ver a peça montadinha e prontinha, né?!*”. Fica em evidência como a Economia Solidária fortaleceu enquanto artesã. Apesar de não citar aspectos econômicos, ela ressalta a experiência de troca que o grupo MOÇA trouxe para ela.

Nesse sentido, observa-se uma correlação direta com o trazido por Gaiger (2007), que coloca os empreendimentos solidários não só como fontes de geração de renda e de trabalho, mas pontua o quanto eles fortalecem os indivíduos, tornando a luta pela dignidade e emancipação econômica e social mais efetiva. Ainda:

[...] as mulheres são, na maioria das vezes, as primeiras vítimas do desemprego, subempregos e da tão intensa desigualdade. Assim, os empreendimentos solidários são uma oportunidade efetiva para romper com essa realidade (OLIVEIRA, 2008, p. 339).

Oliveira (2008) traz também que o modelo de desenvolvimento adotado pelo Brasil e ausência total do estado em garantir qualidade de vida aos seus cidadãos criam cenários de desigualdade e exclusão social. Para a autora, o país ainda precisa caminhar muito para superar as mazelas do chamado desenvolvimento, e complementa: **“as vítimas dessas mazelas, em sua grande maioria, criam alternativas para sobreviver diante de um cenário de tanta desigualdade e exclusão”** (grifo nosso, p. 330).

Concluindo, a história de vida de Dona Ana e Ana Paula nos traz encantamento pela relação de amor com o crochê e pela resistência enquanto mulheres e cuidadoras de suas famílias. Inúmeras reflexões são suscitadas, sendo as principais: o modelo de desenvolvimento traz consigo impactos sociais significativos; o crochê é uma forma de subsistência, mas que alimenta a acumulação de riquezas de poucos; e o desenvolvimento da Capital Nacional do Crochê tem protagonistas, que nunca tiveram o reconhecimento social e econômico dentro dessa cadeia produtiva. Por fim, vale ressaltar que a Economia Solidária se mostra uma alternativa para as problemáticas aqui elencadas e precisa ser fortalecida por políticas públicas locais, devendo manter sólidos os princípios da prática, visando tanto a fortalecer o empreendimento solidário, quanto a cuidar para que ele não reproduza os problemas do capitalismo tradicional.

4.2 Mônadas: O crochê, a renda, o amor e o Grupo MOÇA

Nesta etapa, buscou-se conhecer mais sobre as mulheres do Grupo MOÇA e sobre a relação que suas participantes possuem com o crochê. Tal fase buscou a perspectiva mais ampla das crocheteiras, complementando o que não apareceu em suas histórias de vida. Mais uma vez, manteve-se a identidade das participantes desta pesquisa, pelos mesmos motivos explicados no item da história de vida. Aqui, por conta da escolha metodológica, as falas não são postas entre aspas e são intituladas com alguma frase que remeta ao seu conteúdo, dito por elas mesmas e,

assim como o conteúdo do texto que sucede o título, este último é visto como algo aberto e repleto de significado.

Como forma de contextualizar quem lê este trabalho, foram adicionadas notas explicativas, sobretudo quando são faladas especificidades da cidade. Vale mencionar que foram entrevistadas onze mulheres do grupo Moças.

Dessa forma, a seguir apresentam-se as mônadas das Moças, as quais foram divididas em três macro temas, de acordo com o proposto na entrevista semiestruturada (Apêndice B), sendo estes: significados do fazer crochê, os desafios do crochê e suas potencialidades.

Primeiramente, apresenta-se como elas aprenderam a fazer crochê, observa-se que o crochê está presente há muito tempo na vida delas, inclusive, muitas começaram a fazer ainda criança. Há, também, duas vertentes nessa etapa, a que mostra a renda como elemento central e a que expõe o amor pelo ofício de se fazer o crochê.

Meu pai ficou lá, morrendo de sede

Eu tinha sete anos. Um dia eu fui na roça com o meu pai (...) O pai falou “acabou a água, nossa, vai lá no vizinho buscar água”, quando eu cheguei lá, estava a mãe e as meninas tudo fazendo crochê, eu nunca tinha visto fazer crochê, quando eu vi elas com o crochê na mão, naquela correria, assim, eu fiquei tão encantada, que eu esqueci da água, e meu pai ficou lá, morrendo de sede, tadinho. E eu fiquei encantada de ver elas fazer o crochê, daí eu falei pra ela, a moça chamava Helena, você não ensina eu fazer crochê? (Rosana)

Dinheirinho...

Faço crochê desde que eu tinha uns 20 anos, 21, por aí. Foi a Regina lá no Boa Ventura⁸ que ensinou eu, era vizinha. Eu tinha vontade de fazer! Eu não fazia nada pra ganhar, pra ter um dinheirinho, falei: eu vou aprender a fazer crochê pra ter meu dinheirinho! (Maria Gomes).

No recreio

Eu aprendi na escola, no recreio a gente fazia, a gente levava as coisas pra fazer, tinha gente que fazia bordado, antes tinha muito isso... daí comecei a fazer assim, aprendendo na escola, tinha uns 8 anos! (Dona Lúcia).

⁸ Boa Ventura é um bairro rural na cidade de Inconfidentes.

Donas de Crochê aqui da cidade

Eu faço desde 2000, não sabia fazer crochê, minha vida inteira eu trabalhei na roça. Quando foi em 2000, eu trabalhava mais na roça na colheita de café, daí, quando não tinha a colheita do café, eu fazia crochê, aprendi com a Rosana, fiz muito tempo crochê aqui para as crocheteiras, para as Donas de crochê aqui da cidade (Dona Iracema).

Na mesma pergunta, questionava-se se elas repassaram o ofício a alguém. Observa-se que todas compartilharam seu conhecimento, indo contra a lógica do individualismo e da competição. Muitas vezes, ensinaram os filhos e as filhas, repassando o conhecimento da prática de geração em geração. É interessante observar que para elas o crochê não tinha gênero, mas a chance de permanência das mulheres na atividade era maior se comparada aos homens.

Meu filho sabia até fazer toalhinha

Meu filho sabia até fazer toalhinha, minhas irmãs, não foi preciso [eu] ensinar, elas aprenderam vendo eu fazer, era gostoso a gente sentava eu minhas irmãs as vezes vinha mais alguém de fora (Dona Ana).

Depois de mais formado, foi para a roça e não fez mais

O meu filho fez crochê também, ele era criança, começou, aprendeu também comigo, fazia saia de crochê, naquela época tinha muita roupa de crochê.... depois de mais formado foi para a roça e não fez mais, daí quando ele casou, ele continuou ajudando a esposa a fazer e até hoje ele disse que faz uns pontos de noite. A filha fez só crochê, não foi trabalhar na roça (Maria Gomes).

Ele não fazia de graça, não!

Eu ensinei meu filho a fazer crochê, ele fazia as rosinhas que eu colocava nos jogos, só que eu tinha que pagar pra ele, ele não fazia de graça, não. Ele estudava de manhã, e a tarde me ajudava, ele é único que sabe. A Maria, minha filha, aprendeu o crochê primeiro que eu (Dona Iracema).

Aquela mulherada tudo!

Já ensinei muita gente, a maior parte direiteiro⁹. Daí eu fiquei viúva, fui lá para Boa Vereda¹⁰, para a casa da minha mãe, eu ficava na casa da Dorva, irmã minha, nos Caetano¹¹, daí eu ensinei aquela mulherada tudo a fazer crochê, fazia colcha aquela época... Tinha uma grama bonita na casa da minha irmã, sentava a mulherada lá e eu ia ensinar todo mundo e ia fazendo o meu, pra eu ganhar também. Eu ensinei muita gente! (Dona Ilma).

Depois, foi questionado o que fazer crochê significava para elas. Observa-se uma relação muito forte com o crochê, muitas, inclusive, citam o crochê como uma forma de terapia, tendo em vista ser uma atividade que as mantem com a mente focada. Para além disso, houve uma manifestação de descontentamento com o ofício, motivada pela falta de valorização da mão de obra. Dessa forma, observa-se uma correlação do significado de fazer crochê com a vulnerabilidade social, criando-se uma contradição: ao mesmo tempo em que é uma necessidade de sobrevivência, é algo que elas amam fazer.

O marido dava o que comer na casa, o resto, tinha que se virar

A gente morava na roça, não tinha uma renda pra gente fazer, né?! Aí foi preciso fazer crochê pra ter renda, porque eu comprava as coisas para o Marlei, que era pequeno, e pra mim, o marido dava o que comer na casa, o resto tinha que se virar (Dona Ilma).

Mulheres sempre foram discriminadas

O crochê pra nós foi fonte de renda, foi também [diversão], a gente se divertia fazendo crochê, crochê é isso, a gente ganha dinheiro e tem o prazer de fazer, é muito prazeroso fazer, montar uma peça e ver ela ali prontinha, é tudo de bom! Se eu pudesse, eu fazia todo dia, mas por causa da coluna eu faço um pouco, levanto... O crochê foi a coisa melhor que aconteceu na nossa vida, porque as mulheres sempre foram discriminadas, né, a gente morava na roça, não podia ir para cidade estudar e trabalhar, quando a gente começou a ganhar um dinheirinho com o crochê, foi tudo de bom (Dona Ana).

Máquina para fazer crochê

Eu sinto orgulho de mim mesmo, a moça que veio junto com a mulher pegar meu crochê perguntou se era eu que fazia tudo isso, ficou boba de ver e falou que eu sou uma

⁹ Referindo-se a quem é destro, Dona Ilma, é canhota.

¹⁰ Bairro rural de Inconfidentes.

¹¹ Bairro rural de Inconfidentes.

máquina pra fazer crochê. Pior que eu sou, mesmo! Falei para a Dona Ilma, eu cuido da casa e ainda faço um monte de crochê. Eu mesmo me sinto orgulhosa de mim, do tanto que eu trabalho com o crochê. Eu amo fazer crochê, me sinto orgulhosa de mim mesma. Quanto eu estou aqui fazendo crochê, eu estou aqui pesquisando outros modelos, eu queria fazer pra mim, mas a gente não tem condição, ganho pouco, de comprar linha de fazer para gente (Eliana).

Comecei com um pontinho ali

O crochê pra mim é minha vida, porque eu não consigo pensar eu sem o crochê. Porque se vê às vezes eles falam assim “nossa, mas cê gosta tanto do crochê”, porque, aonde que eu vou, eu levo meu “coninho” de linha e minha agulha. [...] Ele me ajuda porque você estando fazendo o crochê, você começa a fazer o crochê pequenininho, então quando você forma o crochê, você olha, você fica admirada de ver o crochê que você fez, né, então você fala comecei com um pontinho ali, e agora eu fiz uma peça tão bonita, e ajuda também, você a distrair, você não fica pensando em coisas que não deve, né, ajuda pra cabeça, ajuda muito, tanto a renda quanto a mente (Rosana).

Mixaria

Eu desanimei do crochê! Não tem valor fazer pra ganhar mixaria. Pros outros eu não faço, às vezes, eu lido com os paninhos, uma irmã¹² compra, mas fazer por esse valor eu não faço, não! (Dona Claudia).

Quando as mulheres foram questionadas quanto à contribuição do crochê na vida delas, a maioria mencionou a renda. Muitas, inclusive, mencionam que conseguiram comprar muitas coisas com o dinheiro do crochê. Observa-se, também, que em dado momento a mão de obra era mais valorizada, observação trazida por elas em diversos momentos. Tal processo de desvalorização ocorre junto ao processo de mecanização da produção no município, sendo que Inconfidentes foi mais um território que teve sua produção modificada com o chamado “desenvolvimento industrial”, e foi posto em segundo plano o trabalho manual como o crochê. O caso de Inconfidentes é um reflexo da condição do artesanato na contemporaneidade. Segundo Keller (2014), com a hegemonia da produção de itens industrializados em larga escala, suprimindo o mercado de baixo custo, observa-se o grande declínio das oficinas artesanais, fazendo com que a produção artesanal, apesar de todos os elementos, como valores materiais e imateriais, torne-se uma atividade precária (p. 325).

¹² Refere-se à outras mulheres, que frequentam o mesmo espaço religioso.

Além disso, é novamente mencionado que o crochê contribui para a saúde mental das que o fazem, e que a prática as mantém distraídas, fato evidenciado na Mônada “Terapia Maravilhosa”, em que Dona Iracema cita: “Você senta aqui, fazendo crochê, você tá contando os pontos, você esquece dos problemas! Agora se eu sentar aqui, ficar aqui olhando pro mundo, só vêm lembranças ruins!”. Já na mônada “bastante dinheiro com o crochê” e também na mônada “naquela época era mais valorizado” é revelada uma época em que o crochê tenha sido mais valorizado, ainda que essa valorização não seja suficiente para a ascensão social das crocheteiras.

Comerem coxinha na escola

Contribuiu, papai nos ajudava, ajudava com o que ganhava na roça, tinha o sítio e ajudava ele no sítio, só que assim ele só dava as coisas pra nós quando vendia, vendia uma lavoura e fazia um dinheiro maior. Aí ele dava um sapato e um aparelho¹³ de roupa. Você podia escolher, mas era só isso! Então, pra outras coisinhas, era nós. Para as minhas irmãs estudar, eu fazia crochê, e elas queriam comer coxinha, e eu dava o dinheiro do crochê pra elas comerem coxinha na escola a noite [risos] e, assim, ajudava muito, foi uma fonte de renda que ajudava muito. Porque você vê, lá na casa da minha mãe até hoje, tem uma cozinha lá que eu coloquei azulejo e piso, foi com o crochê que eu consegui, sabe? Mas isso já foi passando anos, tem muita coisa que eu consegui, já cheguei a comprar uma moto com dinheiro do crochê, na época passada, então é outra coisa. E depois eu fui fazendo, até uns dois anos atrás eu fazia assim por necessidade mesmo (Rosângela).

Crochê é bom!

Muito, muita das vezes ajudou eu a comprar um leite para os meus filhos, que eu não tinha. Pedia dinheiro adiantado para as pessoas que davam para gente o crochê para fazer, para não deixar faltar pra eles. O crochê é bom (Ana Paula).

Naquela época que era mais valorizado

O crochê ajudou bastante naquela época assim que era mais valorizado. Naquela época que fazia, às vezes eu queria comprar alguma coisa, juntava, ia fazendo e vendia. Ajudou bastante, sim, comprei bastante coisa (Dona Claudia).

¹³ Regionalismo que é sinônimo de conjunto de roupa (calça e blusa, por exemplo).

Terapia maravilhosa

Contribuiu muito, muito... contribuiu e muito! Tanto no dinheiro, que a gente vai, ganha o dinheiro. E como na terapia, entendeu?! Você senta aqui, fazendo crochê, você tá contando os pontos, você esquece dos problemas! Agora se eu sentar aqui, ficar aqui olhando pro mundo, só vêm lembranças ruins [...]. Você acaba recordando as coisas tristes e fica triste, fica depressiva. No crochê, não, você tá aqui fazendo e fala “deixa eu levantar daqui, que tá na hora de eu arrumar o almoço”, ali você pelega e arruma o almoço, depois do almoço você tem que lavar a louça, daí faz mais um pouco (de crochê), quando vê, o dia já passou, é uma terapia maravilhosa o crochê! (Dona Iracema).

Bastante dinheiro com o crochê

Ai, nossa! Eu cheguei a ganhar bastante dinheiro com o crochê, hoje tá muito desvalorizado, né?! Mas na época nós ganhávamos bem, eu lembro que quando o menino meu tinha cinco anos, que ele era pequeno, meu marido comprou um pedaço de terra, e foi plantar o café, então como as coisas era muito difícil, não tinha dinheiro, eu mantinha a casa com o dinheiro do crochê, pra ele poder trabalhar no café, porque ele foi plantar o café pra gente, então como ele trabalhava pra nós, ele não tinha ganho! Eu fazia o crochê para poder manter a casa, eu fazia as despesas do mês com o dinheiro do crochê, coisa que hoje se for pra você fazer, hoje não consegue, mas na época eu fazia. Eu comprava a despesa do mês, e ainda comprava remédio, comprava bastante coisa... (Rosana).

A próxima pergunta versava sobre conciliar o crochê com outras atividades, incluindo as atividades do cuidado. Observa-se que o crochê facilitava essa conciliação, no entanto, o crochê e as atividades domésticos resultavam em duplas ou triplas jornadas de trabalho. Vê-se, também, que muitas delas não tiveram outras oportunidades de emprego, apesar de buscarem, como bem expressado na Mônada “Eu tentei”. Outra observação interessante, é a respeito dos papéis de gênero previamente impostos, de que a mulher cuida da casa e dos filhos, e o homem cuida das necessidades financeiras básicas. Ocorre que, mesmo quando há a necessidade de a mulher ajudar no papel do homem, o homem não contribui no papel de gênero da mulher, isso pode ser observado nas mônadas a seguir e, também, nas anteriores. A maioria das mulheres cita que o marido não ajudava nas tarefas domésticas, mas menciona que elas ajudavam nas necessidades financeiras da casa.

As crianças dormiam, e eu ia trabalhar

Conseguia fazer as coisas da casa e fazia o crochê! Acordava cedo e depois já pegava no crochê. E, também, pegava de noite e fazia bastante, porque daí as crianças dormiam, e eu ia trabalhar... Fazia tudo cedo, correndo, para pegar no crochê. Para sobrar tempo, né?! Porque o tempo a gente tem que tirar, se fizesse tudo enrolado, não dava tempo! (Dona Maria Gomes).

Olhando e cuidando

Não tinha outro serviço, não tinha outra coisa pra fazer! E era bom que a gente estava fazendo e estava ali olhando os filhos, podia fazer o crochezinho e ganhar o dinheiro, estava ali olhando e cuidando! (Dona Claudia).

Crochê em cima

Assim, eu nunca deixei de batalhar por alguma coisa que eu queria. Colocava meu menino no carrinho e ficava com o pé balançando-o, e o crochê em cima, crochê em cima! (Rosângela)

Colocação para fora

O que faz eu continuar no crochê, além de ser prazeroso, é eu não ter condições de arrumar uma colocação¹⁴ pra fora. Se eu tivesse [condições], arrumasse um serviço pra eu trabalhar pra fora, eu ia! Daí eu não ia fazer crochê, mas o crochê, além de ser gostoso, tem que gostar, se a pessoa não gosta, não adianta, você tem que gostar, daí, se não fosse isso, eu ia pegar outro serviço (Dona Iracema).

Eu tentei

É melhor, porque, eu trabalhando em casa, eu cuido do meu filho, agora se eu tivesse num emprego fora, seria diferente. Eu tentei, mas eu não tenho estudo, já trabalhei muitos anos de empregada também (Eliana).

O tempo todo do lado dele (e fazendo o crochê)

Sim, porque já está tudo dentro da casa! Na hora do almoço, você estava ali, o Wesley [filho] vinha da escola, eu podia ajudar ele a fazer a tarefa, fazia o serviço e fazia o crochê, então você não precisava sair. Eu nunca pensei em largar o meu filho pra outra pessoa, e eu

¹⁴ Regionalismo que é sinônimo de emprego.

acho que a pessoa quando tem um filho, você tem que criar o filho teu, não pode deixar nas mãos de outra pessoa, então o crochê ajudou muito eu. Porque daí eu o criava, estava o tempo todo do lado dele e fazendo o crochê! (Rosana).

Cuidar deles melhor

Tem muita facilidade, devido ao fato de eu ter os três filhos pequenos, eu posso cuidar deles melhor (Ana Paula).

De madrugada

Nessa época das crianças pequena eu só fazia crochê, porque eles eram pequenos. Para não judiar deles também, eu fazia crochê de madrugada [para que durante o dia ela tivesse mais tempo com os filhos] (Valdete).

Agora, finalizada a etapa em que se investigava o significado do fazer crochê, começou-se a investigar quais são os desafios. A primeira pergunta questiona o que falta para elas enquanto crocheteiras. Todas elas mencionaram a evidente desvalorização do trabalho e, também, os desafios de vender diretamente ao consumidor, quebrando a cadeia produtiva estabelecida e consolidada das vendas de crochê em Inconfidentes.

Acreditar

É acreditar... eles acreditarem! É igual a associação, pode ser que não tenha associação já¹⁵, mas as pessoas têm que acreditar, confiar e acreditar... (Dona Lúcia).

Oportunidade

Acho que falta uma oportunidade, o crochê ser mais valorizado, pra não acabar, do jeito que está indo, vai acabar (Valdete).

Vender

Fazer para vender aqui não vende, o maior desafio é a vender! (Dona Ilma).

¹⁵ Referência ao grupo Moça e a possível associação/cooperativa que as mesmas constituirão.

Um pouquinho só de dinheiro

Fazer o crochê barato, um crochê bonito, a gente faz dado para o povo das lojas, e isso é muito triste, aqui é a capital do crochê e as mulheres que fazem não têm valor. Você faz um crochê lindo e ganha um pouquinho só de dinheiro, isso é complicado (Dona Ana).

“Eu te dou cinquenta reais nesse tapete”

O desafio acho que é os grandes, eles, porque eles já estão encaminhados. O nosso grupo, o nosso grupo tá começando a engatinhar, e eles já estão encaminhados, então o desafio para nós é grande. A comercialização é o desafio maior. Por exemplo, eu faço meu crochê pra quem eu vou vender? Eu não tenho conhecimento de venda, se chegar um aqui e falar “eu te dou cinquenta reais nesse tapete”, eu falo “ah, leva!”, porque aonde eu vou vender isso? Se eu levar lá [nas lojas], eles vão pagar o que eles quiserem (Dona Iracema).

Em seguida, foram abordados os desafios das crocheteiras de Inconfidentes. Foram encontradas semelhanças com as respostas anteriores, sobretudo no que diz respeito à venda dos produtos e à valorização da mão de obra. Na mônada “Puxam meu tapete” fica evidente que a concorrência com as grandes lojas é um desafio vivido diariamente pelas crocheteiras, e que muitas vezes iniciativas que vão contra a lógica local são desmerecidas, nas palavras da autora da mônada, eles “puxam o tapete”.

Puxam meu tapete

Eu acho que é o preço baixo, e, também, se eles souberem que eu estou dando bem no crochê, eles puxam meu tapete¹⁶, esse também é um desafio que o pessoal enfrenta, eles acham que o mundo é deles. [...] Outra mania que eles têm de falar é que o crochê está ruim, no meu ver o crochê está bom, porque se estivesse ruim não estariam procurando crocheteiras para fazer, eu acho que isso é uma maneira que as pessoas fazem para não valorizar o crochê da gente (Rosângela).

Duzentos reais

Aqui em Inconfidentes, a gente não é valorizado, paga muito barato! Fazer para loja, o que que ganha hoje? É muito barato pra loja, eles vendem bem, pra gente eles pagam mixaria. Não, não estou fazendo mais não, parei, faz uns cinco ou seis meses que eu parei de fazer! [...] daí eu fazia o dela, falei vou parar, o dinheiro era pouco, fazia dois meses e não dava nem

¹⁶ Expressão que significa prejudicar.

duzentos reais. Tinha que fazer o mês inteiro, eles traziam o barbante e deixavam aqui... pegava o barbante e fazia, demora uns dois meses pra eu fazer tudo, ela vinha (pegar) e não dava nem duzentos. Uns 8 reais por um jogo de passadeira de três peças (Dona Maria Gomes).

Nós que fazemos

O maior desafio é valorizar o crochê aqui nessa cidade mesmo, porque é muito barato o crochê, e a gente não consegue ganhar quase nada! Tem que valorizar, tem que valorizar bastante as crocheteiras! Até porque somos nós que fazemos, quem tinha que ganhar todo o mérito somos nós, e não as empresas, porque nós que fazemos! (Ana Paula).

Buscando entender se as crocheteiras já haviam vivenciado outra experiência de trabalho que não fosse o crochê, foi perguntado a elas quais eram tais experiências. Nessa etapa, não são apresentadas mônadas, já que se tratam de breves respostas. A maioria delas viveu outras experiências que não fossem o crochê, mas se tratavam também de trabalhos informais e/ou temporários, e duas delas relataram que por serem outras experiências informais, elas optaram pelo crochê, uma vez que, com o crochê, elas poderiam ficar em casa, reduzindo gastos e cuidando dos filhos e atividades domésticas.

Finalizando o macro tema “desafios”, questionou-se se a produção de crochê tem aumentado ou diminuído nos últimos anos. A maioria disse que tem aumentado a oferta e diminuído a mão de obra, e que essa diminuição está diretamente relacionada à falta de valorização, visto que as futuras gerações buscam oportunidades que garantam mais direitos.

Terapia, lazer ou precisão

Aumentou na produção, tem muita gente que faz crochê, todas as pessoas fazem um pouquinho de crochê, mas não foi valorizado, não é valorizado! Você vai lá, o barbante subiu tanto, a linha subiu tanto, mas o crochê, não. Não aumenta, eles não estão nem aí para as crocheteiras, se elas estão fazendo por lazer, se ela tá fazendo por terapia, ou se ela tá fazendo por precisão, pra eles é a mesma coisa, tá fazendo lá e é aquilo mesmo. E outra coisa, tá tão difícil a situação que às vezes você fala: “eu não vou fazer isso a R\$ 5,00”, você não faz, mas tem outra que faz, que está mais necessitada, tá precisando, tem que achar alguma coisa pra ganhar um dinheirinho (Dona Iracema).

Uma loja de crochê

Eu toda vida tive crochê, nunca faltou crochê pra mim! Até muitos falam “tá faltando crochê pra mim”, pra mim, não, graças a Deus nunca fiquei sem crochê, toda vida eu tive

crochê. Então eu acho que aumentou muito, porque antes, em Inconfidentes, era uma loja de crochê, agora hoje você, em qualquer lugar, você encontra o crochê, né, eu acho que aumentou bastante! (Rosana)

Problema na coluna

Minha filha fazia, mas não gostava. A Amanda sabe fazer tapete, só que ela fala: “ah, não, mãe, é muito baratinho, eles pagam muita mixaria”, e outra, ela fala: “depois vai ficar aí com problema na coluna, com tendinite, com tanta coisa, com tanto problema, eu, não, ficar igual a senhora, sofrendo”. Eu tenho tendinite e problema da coluna. Eu faço um pouco, paro, se eu insisto, a agulha cai (Dona Claudia).

Não tem como tirar um salário

Diminuiu a mão de obra, minha filha sabe, mas não faz, por isso foi trabalhar fora. Se fosse hoje, hoje ela acha que vale a pena. Mas de mão de obra, mesmo, ela fala assim: “mãe, quanto a senhora ganha pra fazer esse parzinho? Ah, mãe, pelo amor de Deus! Eu não vou ficar o dia todo pra ganhar isso aqui, não!” E lá é o salário, você ganha de uma vez por mês de uma vez, com o crochê, não, você recebe de quinze em quinze dias, em uma semana. No crochê mesmo não tem como tirar um salário (Rosângela).

Após apresentados os desafios, buscou-se investigar as potencialidades e, nesse momento, viu-se o grupo MOÇA como a principal alternativa ao modelo de desenvolvimento do crochê atualmente em Inconfidentes. Dessa forma, questionou-se sobre a valorização que elas sentiam junto ao grupo, e as mônadas falam por si, todas elas se sentiram mais valorizadas.

As pessoas que eu gosto muito de conversar

Com certeza, eu aprendi muito também, aprendi o amigurumi¹⁷ (que eu não sabia) e a gente vai aprendendo uma com as outras. A parte econômica, como nós estamos no começo, é agora que nós vamos pegar firme, não dá muito dinheiro, não dá muita renda ainda, mas eu gosto de ir lá, porque lá estão as pessoas que eu gosto muito de conversar, de passar as horas e aprender cada dia mais (Ana Paula).

¹⁷ Técnica japonesa em que são feitos bonecos com o crochê, as mulheres do grupo Moça possuem aulas semanais sobre a técnica.

Até os oitenta anos

Senti mais valorizada lá, nossa! Eu acho que houve mudança, sim, porque agora a gente pode fazer pra gente vender. Agora eu tiro um dinheirinho a mais, creio que ainda vai melhorar muito. Gosto muito de estar participando lá. Senti que agora eles me valorizaram, porque até então a gente não tinha valor, né? Agora a gente tá sendo valorizada, mesmo depois da gente já estar de idade. Agora a gente tá animada, estou boa, graças a Deus, com força total! Eu acho que eu tô satisfeita de fazer o crochê! Eu acho que vou longe fazendo crochê agora, acho que vou até os oitenta anos, nós estamos aí! (Dona Maria Gomes).

É gostoso

Eu senti, senti, sim. Eu acho que vale a pena, eu torço muito para esse grupo que não pare, é gostoso! Eu falo para as pessoas, eu acho que valorizou muito, no meu caso, foi a maneira que eu encontrei para ser valorizada (Rosângela).

Benção de Deus

Me senti muito mais valorizada, muito mais! Aquele grupo lá foi uma benção de Deus! A gente vai lá, a gente sai da casa da gente, conversa, distrai, dá risada e faz crochê junto! E eu acho que esse grupo vai valorizar muito o crochê nosso, com a ajuda do poder público, então eu acho que vai ser muito mais valorizado, é muito gostoso, esse grupo é muito gostoso e eu pretendo nunca parar! (Rosana)

Senti firmeza

Senti, sim, mais valorizada, igual com essas feiras, depois que o grupo foi para Belo Horizonte, eu senti firmeza, que nós estamos sendo mais valorizadas, o nosso crochê. Nunca tinha feito crochê para mim, sempre eles davam o barbante e eu fazia mão de obra, nunca tinha vendido fora assim, tinha vontade, mas a gente não conseguia, não tinha como. Agora de segunda a sexta eu faço para as lojas, e sábado e domingo eu estou fazendo para o grupo (Eliana).

Muito bom a vida da gente assim

Tudo foi bom, né, nesse grupo de crochê, é bom a gente ter um dia lá pra encontrar todo mundo, é gostoso, é muito bom a vida da gente assim [se emocionou]! É muito gostoso, a gente faz, conversa, a gente não faz nada lá, mas resolve muita coisa, é muito gostoso. Antes

não era valorizada, porque para as lojas você faz barato. Mudou muita coisa, a gente foi viajar, vendeu pra todo mundo, às vezes não é pra todo mundo... (Dona Ilma).

Quem é essa crocheteira?

Com certeza, senti mais valorizada, acho que mais socialmente. Socialmente, muito melhor, todos as pessoas perguntam, “como que tá o crochê, como que vai? Vocês estão viajando? Vocês estão colocando feira?” Sabe? Muito bom! Quando eu fazia para as lojas eu não me sentia assim, não, sabe por quê? Porque você levava o barbante lá pra casa, levava pra casa e ia trabalhar, ia fazer, quando você tivesse pronto, você trazia, a moça que estava ali recebendo, ela olhava, revisava tudo, estava certinho, ela te pagava, se pegava mais um tanto de barbante e ia embora. Ali, ninguém, acho que ninguém sabia, quem fez aquele crochê, porque ali eles vendem, ali ninguém sabe quem fez, foi uma crocheteira, mas quem é essa crocheteira? Como que que é a vida dela? Como que ela vive? Ninguém sabe, entende? É isso! (Dona Iracema).

Fazia com aquela raiva

Por causa do valor eu era desanimada de fazer, fazia com aquela raiva... depois que eu comecei a ir lá (grupo) eu comecei a gostar, estou gostando. Quando a gente vê que não tem valor, a gente não tem ânimo, a gente fazendo pra gente mesmo, e vendo que dá certo, que a gente consegue um pouquinho a mais, a gente faz com aquele amor, com aquela vontade, com aquele ânimo. Ajuda até na parte psicológica da gente, faz bem pra gente, sim, eu estou sentindo, sim, que tá sendo bom pra mim, eu animei e comprei até barbante pra eu fazer, agora Deus que abençoar que sai (que venda)! Bom que ajuda, pra mim é uma terapia ir lá (grupo), meu marido falou: “nossa depois que você foi lá, você é outra pessoa”, e depois tem a questão que a gente ganha também. Eu, um pouquinho que eu ganho, eu fico feliz, eu fiquei tão feliz, porque eu não imaginava que ia vender o meu... eu fiquei tão feliz e pensei dá pra eu comprar barbante e fazer. Pra mim ajuda tanto na parte emocional quanto na renda! (Dona Claudia).

Pode não ser para mim

É um incentivo muito grande... aquilo ali tem tudo, se as pessoas tiverem a consciência da função que vai ser, quanto vai trazer bem pra cidade... Pode não ser para mim, pode ser pros mais novos! Então aquilo ali, a associação é uma coisa que, se as pessoas tiverem consciência do valor que vai agregar aqui em Inconfidentes... Vai ser bom pra tudo, financeiramente e também para a amizade que você faz (Dona Lúcia).

Aquelas poesias

A gente se sente bem, eu sinto bem junto com o grupo, troca de ideias, foi muito bom. É diferente, porque a gente trabalhava sozinha, em casa, quietinha, agora lá, não, a gente vai, tem as conversas, até no começo era mais legal ainda, porque a Cris (uma das coordenadoras do projeto) ia, lia aquelas poesias, aqueles textos, era muito bom! (Dona Ana).

Gosto muito

Senti mais valorizada. Eu gosto muito de fazer crochê, nas minhas horinhas eu pego o crochê, sabe? Porque hoje em dia o crochê não dá lucro mais, como dava antigamente, né? (Valdete).

Por fim, foi questionado o que as faziam permanecer fazendo crochê, e mais uma vez, encontrou-se a contradição do fazer por precisar e o fazer por ter vínculo emocional com ofício. Na mônada “aproveitar o tempo” fica evidente a relação de apego com prática, sobretudo por ter sido citado que nem aos domingos elas deixam de fazer crochê.

Já na mônada “renda que tenho”, o vínculo exposto é a necessidade de ter alguma renda, remetendo à hipótese que a mão de obra não valorizada do crochê é fruto de uma apropriação da vulnerabilidade das pessoas pelo capitalismo.

Renda que tenho

Pra mim, vou ser bem sincera, eu não sou muito fá de crochê, significa que é um meio de ganhar dinheiro. É porque o crochê, querendo ou não, a renda sendo pouca ou não, é a renda que eu tenho (Ana Paula).

Aproveitar o tempo

Se eu falar assim: “eu vou deitar hoje, não vou fazer crochê”, não consigo, nem no domingo eu fico sem fazer. Se eu ficar aqui o dia todo, eu tenho que estar com a agulha fazendo crochê, então não consigo, já acostumei, você vive daquilo. Crochê é tempo, não pode perder tempo, o dinheiro do crochê você ganha na perda de tempo, se não perde o tempo que você ganha. Você não vê lá no grupo mesmo, está lá escutando e crochê, daí chega em casa não tem resultado? Tenho, crochê está quase pronto, você só termina. Então crochê é aproveitar o tempo, ajuda muito (Rosângela).

Desenvolve a mente

Eu não consigo. Nem que for pra deixar o crochê ali parado, né? Você fica ali fazendo. O crochê é bom, né? Ajuda muito na mente da pessoa, desenvolve a mente! (Valdete).

Come a unha ou deita e dorme!

Não, não fico de jeito nenhum, nem no domingo. Às vezes, eu falo “ah não vou fazer crochê, não”, daí eu penso: “eu ficar o dia inteiro sem fazer nada?” Da comichão nas mãos, até! Se não fizer o crochê, ou você come a unha, ou deita e dorme. Eu gosto muito de fazer crochê, gosto de fazer o meu, de ensinar a fazer.

Ontem, que era dia santo, eu fiz

Eu tenho que trabalhar, é um ganho, meu sustento, é um emprego! É como se eu levantasse cedo e tivesse um serviço, um emprego fixo. Levanto cedinho e falo: “não eu tenho que fazer crochê, ganhar, pagar isso e pagar aquilo”. Incentiva eu levantar cedo, quanto mais eu faço mais eu quero fazer, é que nem eu falo: “a régua quem faz é a gente”, levanto às seis horas, e faço o dia todo (entre o cuidado com a casa e o filho). Não consigo ficar sem fazer crochê, até no domingo eu faço crochê, até ontem, que era dia santo, eu fiz, que é pecado! Eu não consigo ficar sem, mas eu não sei, parece um vício, uma coisa assim que você vicia, se você não estiver mexendo, não tá normal (Eliana).

Aprender e ensinar

A vida da gente é parecida com o crochê, tem dias de ponto alto, ponto baixo, acertamos e erramos o mais importante é aprender e ensinar (Dona Lucia).

Com saúde

Eu acho que não, não consigo, nossa! Esses dias eu parei, falei: “nossa, vou pegar crochê de novo, não dou conta de ficar sem!” Porque tem as horas da gente sentar e fazer. Gosto também de fazer, fiquei muito tempo fazendo, é tão gostoso, além do dinheiro, a gente tem que trabalhar, com saúde, tem que trabalhar! (Dona Maria Gomes).

Esquece muita coisa

Por causa do dinheiro, mas por prazer, também! Ajuda e é bom, é gostoso você sentar fazer um crochezinho, a gente esquece de muita coisa! (Dona Ana).

Promessa

De jeito nenhum, eu só não faço crochê no dia de Santa Luzia e no domingo, porque eu fiz uma promessa pra não fazer dia de domingo, porque eu acho que dia de domingo é o dia que você vai na missa, tirar o dia para Deus, então não precisa fazer crochê. Então eu fiz a promessa pra não fazer, porque eu fazia, só domingo eu descanso e dia de Santa Luzia, o resto, todos os dias (Rosana).

Vale colocar que se buscou não romantizar a relação das mulheres com o crochê e evidenciar que tal atividade é o sustento de muitas delas, até mesmo de suas famílias. Em diversas situações, a atividade artesanal é vista somente como um passatempo, no entanto, essa não é realidade das mulheres que aqui contaram sua história. Os relatos de duplas ou triplas jornadas evidenciam a afirmativa anterior e, também, dialogam com a questão da sustentabilidade da vida, pois o crochê pode ter sido uma imposição social e não uma escolha, tendo em vista ser uma atividade passível de ser conciliada com o cuidado, garantindo a subsistência de suas vidas e de suas famílias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entrelaçar os fios que envolvem as mulheres crocheteiras, o desenvolvimento e a percepção delas sobre o fazer crochê foi o principal objetivo desse trabalho - e um grande desafio. É inegável que a problemática desta pesquisa está atravessada historicamente pelas questões de gênero, mesmo que estes não sejam os únicos marcadores sociais presentes nestas hierarquias envolvendo a produção do crochê. Em *Inconfidentes*, temos dentro da categoria mulheres crocheteiras diversas realidades envolvendo mulheres brancas e negras, mulheres da zona urbana e zona rural, mulheres mais novas e mais velhas, aquelas que vivem inteiramente do crochê e aquelas que conciliam o crochê com outros trabalhos formais e informais, as que têm filhos e as que não têm, e uma série de outras distinções que estão presentes na forma como essas mulheres se movem dentro desta estrutura, nos acessos e nas oportunidades que têm, na mobilidade social que faz com que certas mulheres se tornem empresárias e outras, não.

A ascensão das mulheres empresárias não é definitivamente a ascensão das mulheres crocheteiras, visto que a mobilidade individual de uma mulher não é capaz de alterar toda a estrutura. Uma empresária em ascensão social pode, em um primeiro momento representar uma quebra na lógica normativa e patriarcal de gênero em que somente os homens teriam direito a este lugar. Ainda assim, tal pessoa continua em muitos outros lugares mantendo as hierarquias de opressão, marginalização e exploração. Como ensina a escritora Joice Berth (2019), o empoderamento não pode ser visto através de uma perspectiva individual, mas, sim, coletiva. Essa complexidade do poder e das formas de organização faz com que este trabalho parta das questões de gênero para avançar em uma série de outras distinções que nos permitam perceber como todas elas impactam no modelo de desenvolvimento.

As mulheres crocheteiras lutam por sobrevivência, assim como as demais mulheres artesãs espalhadas pelo Brasil e pela América Latina, que por função/lugar social assumiram a responsabilidade de garantir a subsistência de suas vidas e de suas famílias, com o trabalho não remunerado de cuidado e o trabalho, de fato, remunerado, aprenderam e transmitiram o ofício do artesanato, garantindo a reprodução da mão de obra, não apenas por amor, e, sim, por vezes, por necessidade e função/lugar social. Estas encontraram no artesanato a luta pela garantia da subsistência das suas vidas e de suas famílias. Nunca gozaram da possibilidade de não trabalhar, encontraram no crochê uma oportunidade, devido a vários fatores sociais, uma forma de garantir o cuidado e a geração de renda.

A pesquisa identificou a contradição a qual o artesanato em crochê está exposto: por um lado subsistência das crocheteiras e suas famílias, que produzem para viver, por outro, representa mão de obra barata, invisibilidade e desvalorização. Evidenciamos as mãos de mulheres que trabalham para sobreviver e alimentar suas famílias, diante de um trabalho que lhes exige rapidez, desgaste, produtividade e pouco reconhecimento. Refletir sobre tudo isso é refletir de que maneira o capitalismo se apropria da desigualdade do gênero, da mão de obra barata, subvertendo valores e troca os reconhecimentos. Não ganha quem produz, mas quem vende. Neste sentido, é preciso reconhecer, repensar e criar alternativas às políticas de “desenvolvimento” do setor.

Em Inconfidentes, observamos o resultado do modelo hegemônico de desenvolvimento, as ações e estratégias desenvolvidas visaram a alavancar a comercialização do crochê, pautada no crescimento econômico, como se este fosse suficiente para o desenvolvimento local pelo crochê, desconsiderando as relações e as desigualdades ali apresentadas, fato este que traz consigo consequências sociais e culturais. Se antes o desenvolvimento era tido apenas como crescimento econômico, agora passa a ser definido como uma relação mais próxima ao nível local, em que há participação democrática e efetiva dos indivíduos e grupos. Nesse sentido, também abrange as múltiplas dimensões das relações entre os desenvolvimentos econômico, social, ambiental e o humano, tendo como foco a centralidade da vida.

Os modelos de desenvolvimento local podem reforçar a reprodução da desigualdade, quando não pautados nos princípios descritos acima em sua horizontalidade. Observou-se que a dinâmica pela qual vem passando o município de Inconfidentes, em razão do crescimento e do destaque da atividade do crochê, na sua forma de comercialização hegemônica, não vem promovendo ações eficientes de processo e de conceito de desenvolvimento local descrito. O modelo de desenvolvimento do crochê no município não tem dado conta de promover articulação dos interesses e perspectivas entre todos os atores envolvidos neste território. Conclui-se que o desenvolvimento pelo crochê nesse município é pensado apenas pelo viés econômico e encontra-se concentrado, não dando conta de, por si só, promover a articulação dos interesses e perspectivas entre os atores envolvidos nesta cadeia produtiva e no mercado local. Os testemunhos e relatos elencados por meio das histórias de vidas e de mônadas revelam o mito do desenvolvimento e as dimensões do patriarcado nele integradas. O estudo permitiu constatar que são essenciais, no processo de desenvolvimento local pelo crochê, ações governamentais locais que valorizem socialmente e economicamente as mãos das grandes protagonistas do reconhecimento da cidade pelo crochê. Além de manter o título e grande parte

da economia da cidade, as crocheteiras são responsáveis pela sustentabilidade de suas famílias. Tal responsabilidade assume diversas dimensões (econômica, de cuidado, entre outras) fundamentais para a reprodução da vida.

Esta pesquisa aponta para a necessidade de alternativas ao desenvolvimento local, que levem em consideração as relações sociais, culturais, econômicas e de gênero. Para além disso, que atuem na solidarização do artesanato em uma perspectiva feminista e de sustentabilidade da vida, colocando o cuidado como condição para a vida humana. Contudo, se esse processo for conduzido de forma não coordenada e sem a participação de vários atores deste processo, configura-se um tipo de desenvolvimento que contempla apenas a esfera econômica e que favorece poucos que se apropriam e se beneficiam do excedente de capital, gerando concentração de poder.

Temos a consciência que, mesmo sendo um trabalho precário, sem garantias de direitos e baixa remuneração, o crochê sustentou as mulheres. É nítida em suas falas a importância que esse artesanato representou e representa na história e na vida delas: estas mulheres fazem deste ofício sua cultura, sua terapia, seu trabalho e sobrevivência. Contudo, estas mulheres não alcançaram e não conseguem fazer com que o crochê transforme sua realidade social, já que grande parte delas necessita de benefícios socioassistenciais para conseguir sobreviver, muitas sequer têm casa própria e não conseguiram dar continuidade aos seus estudos.

Neste sentido, o projeto MOÇA (Mulheres Organizadas Crochetando Autonomia) se mostrou como um importante disparador para o reconhecimento desta realidade complexa e desigual, influenciando, sobretudo, a necessidade de construção desta pesquisa. O projeto pode ser considerado como uma resposta contra as formas hegemônicas de desenvolvimento. Nele, as mulheres crocheteiras puderam experimentar uma outra cadeia produtiva, em que seu trabalho não passasse pela mão de empresas ou instituições para ser consumido. Outrossim, foi possível possibilitar o encontro de mulheres que tivessem técnicas diversas e pudessem compartilhar umas com as outras seus conhecimentos, influenciando novas criações e produções. Para além destes benefícios, o projeto também se propôs a abordar a vivência destas crocheteiras de forma crítica, colaborativa e construtiva, agindo coletivamente nas trocas sobre as realidades distintas que vivenciam, construindo pontos de reflexão importantes para o entendimento delas mesmas dentro desta estrutura.

No entanto, somente o projeto MOÇA não é capaz de alterar essa realidade histórica a qual elas estão submetidas. Dadas as condições as quais as mulheres continuam expostas, cabe ao poder público romper o ciclo vicioso de políticas que insistem em manter as desigualdades aqui elencadas, uma vez que seus resultados se manifestam diretamente na própria construção

da cidadania e da economia local. É preciso conhecer para reconhecer. Pensar na valorização do artesanato feminino é pensar no reconhecimento social e econômico das atividades que estão comprometidas com a sustentabilidade e cuidado da vida humana. É preciso partir para uma nova economia que tenha como base principalmente a solidariedade e a sustentabilidade da vida, e que o objetivo seja construir um sistema econômico que valorize as pautas de gênero e potencialidades antes invisibilizadas, a partir das bases comunitárias, orientadas por princípios diferentes dos que propagam o capitalismo (TEIXEIRA, 2018; ACOSTA, 2016).

Enquanto pesquisadora, construí essa pesquisa partindo de vários atravessamentos: da perspectiva de quem cresceu em meio ao crochê e pode vivenciar o crochê como sustento da família, da perspectiva de assistente social, que lida diariamente com as pautas e demandas as quais essas mulheres estão submetidas, da perspectiva de criadora e construtora do projeto MOÇA com outras profissionais que se dispuseram a repensar e alterar essa realidade, da perspectiva de mestranda, que buscou entender de que forma essa realidade poderia ser estudada, mapeada, sistematizada à luz de inúmeros referenciais teóricos que compuseram este trabalho.

Mapeando os poucos trabalhos já existentes sobre a realidade das mulheres crocheteiras no interior do Sul de Minas Gerais, é possível afirmar que esta pesquisa contribui academicamente e politicamente para dar visibilidade e possibilidade de que as mulheres crocheteiras ocupem o lugar de protagonismo que merecem, que possam ser sujeitas de direito das políticas públicas, que suas resistências sejam vistas sob a ótica de quem pode apontar caminhos para um outro desenvolvimento, para que suas mãos possam continuar tecendo outras histórias para além da dor, histórias essas de resistência, reconhecimento e sustentabilidade da vida.

Por fim, a seguir, apresenta-se a minha história, que justifica meu interesse pelas temáticas aqui relatadas e explica de que forma minha história se entrelaça com as das crocheteiras do grupo Moça. Apesar de ter maior extensão, utilizou-se a mesma metodologia do trabalho e é apresentada em formato de Mônoda.

Em meio aos fios e às peças: eu sabia que algo precisava ser feito

Caroline Silva Dantas

Cresci em meio aos fios e às peças de crochê. Sou neta e filha de crocheteira, aprendi esse ofício na infância. Meu pai se dedicava na torção, preparação dos fios, minha mãe, no desenvolvimento e produção das peças em crochê, ambos atuando na venda das peças. Minha

mãe aprendeu o ofício do crochê ainda jovem. O crochê era a sua única fonte de renda. Filha de produtores rurais, trabalhava na lavoura e nos afazeres domésticos, mas não recebia valor monetário pelo seu trabalho, o crochê nas horas vagas era a forma de ter sua autonomia financeira. Fazia para revendedores. O dinheiro era utilizado para comprar tecidos para roupas, materiais de higiene, doces para os irmãos e para dar continuidade nos estudos.

Com o passar dos anos, com a alta do crochê na moda, minha mãe foi se destacando e se tornou empresária no ramo do crochê. Foi convidada por um estilista para ir à França para aprender peças em roupa de crochê. Devido ao cuidado que eu ainda demandava enquanto criança, preferiu indicar outra pessoa que trabalhava com ela. Por meio desse contato, começaram as primeiras vendas internacionais: as peças foram produzidas em Inconfidentes e enviadas para a França. A partir disto, expandiram-se os modelos de peças produzidas no território.

Com o auxílio do meu pai, minha mãe percorria a região, principalmente a área rural, levando linhas, buscando crocheteiras e ensinando mulheres a fazer o crochê. Vendiam em larga escala para grandes marcas, como a Pernambucanas, C&A, Renner, Riachuelo. Eu acompanhava toda essa movimentação, ia nas casas das crocheteiras levar barbante, buscar crochê, acompanhava o trabalho de revisão das peças que tinham que atender as medidas solicitadas pelas empresas. Cresci pulando os tapetes e roupas de crochê. Já na adolescência, auxiliava o trabalho de revisão das peças, verificava a medida, dobrava, colocava as etiquetas dos preços e embalava. As peças chegavam prontas apenas para eles distribuírem para as lojas e colocarem nas prateleiras. Foi nesse momento que eu iniciei minha primeira indagação sobre a cadeia produtiva do crochê: por que o preço da etiqueta era tão alto, se eles pagavam tão pouco para os meus pais, e meus pais pagavam menos ainda as crocheteiras? Como meus pais passaram a ser revendedores, com a desvalorização do crochê, e com as novas possibilidades com a chegada das máquinas de produção têxtil, eles deixaram o crochê e iniciaram no ramo das malhas. Mas o crochê nunca saiu da minha mãe, até nos dias de hoje ainda desenvolve peças e detalhes de roupas utilizando o crochê.

Além da trajetória familiar, minha trajetória profissional como Assistente Social na Prefeitura de Inconfidentes me permitiu acompanhar de perto a realidade social de muitas mulheres que se dedicam ao ofício do crochê no município de Inconfidentes, e como seu papel é visivelmente marcado pela desvalorização. O contato direto com as mulheres crocheteiras me trouxe muitas inquietações, pois muitas mulheres crocheteiras dependiam de benefícios sociais para o sustento da família, como o Bolsa família, cestas básicas, entre outros. Apesar de se dedicarem ao trabalho com o crochê, recebiam muito pouco pela mão de obra. O município

investia cada vez mais no turismo de compras, na divulgação da cidade como forma de alavancar cada vez mais o comércio de crochê. No entanto, para essas mulheres, isso não alterava sua realidade, já que a quantidade que elas podiam fazer era limitada, por ser um trabalho manual. Nesse caso, as empresas buscam novas mulheres que exercem o ofício e assim atendem à demanda de vendas.

Eu sabia que algo precisava ser feito, eu reconhecia o potencial que o crochê tinha, mas não sabia como e nem por onde começar. Foi por meio do contato com a economia solidária e com amigues que também reconheciam esse potencial que iniciamos os primeiros pontos e começamos a tecer as peças que futuramente iriam se encaixar. Em 2019, surgiu a possibilidade de encaminhar um projeto social que dialogasse com a realidade das crocheteiras. Projeto realizado através de parcerias¹⁸, que resultou na formação do primeiro grupo organizado produtivo de mulheres crocheteiras de Inconfidentes, o MOÇA (Mulheres Organizadas Crochetando Autonomia). Tudo isso fez com que essa pesquisa começasse antes mesmo de ser iniciada de forma acadêmica. Analisando seus resultados, vejo que ela contribui de forma imensurável nesta luta coletiva pela sustentabilidade da vida, das mulheres e do crochê, e que a partir dela novas ações e enfrentamentos podem ser traçados. Este é um novo marco que me instiga a continuar e contribuir como quem fez e faz parte desta história.

¹⁸ Faz-se referência ao projeto de Formação Inicial Continuada (FIC), intitulado “Alfabetização e Capacitação de Mulheres Crocheteiras de Inconfidentes- MG” submetido e aprovado no Edital IFMULHER no ano de 2019, oferecido pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais. O projeto foi desenvolvido através dos subsídios do referido edital e com a parceria ativa do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS- Inconfidentes).

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Editora Elefante, 264 p. 2016.

ALBUQUERQUE, C.; BUNDE, A. ECONOMIA SOLIDÁRIA: A IMPORTÂNCIA DO ARTESANATO EM LÃ PARA O DESENVOLVIMENTO DE SANTANA DO LIVRAMENTO/RS. Anais do Salão Internacional de Ensino, **Pesquisa e Extensão**, v. 8, n. 2, 28 fev. 2020.

ALENCAR, Edgard. Introdução a metodologia de pesquisa social. UFLA, 1999.

ALVES, Zélia Mana Mendes Biasoli; SILVA, Maria Helena G. F. D. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. **Paidéia**, nº. 2, Ribeirão Preto-SP, 1992, p. 1-25.

ARAÚJO, Cláudio Márcio de; OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de; ROSSATO, Maristela. O Sujeito na Pesquisa Qualitativa: desafios da investigação dos processos de desenvolvimento. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 33, n. 1, p. 1-7, 12 mar. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e33316>.

ARAÚJO, Patrícia Oliveira. **Artesanato e economia solidária**. 2018. Disponível em: <https://casadurvalpaiva.org.br/artigos/266/artesanato-e-economia-solidaria>. Acesso em: 23 jun. 2022.

ARTESOL, Artesanato Solidário. **O que é artesanato**. 2022. Disponível em: <https://www.artesol.org.br/conteudos/visualizar/O-que-e-conceitos#:~:text=Artesanato%20%C3%A9%20a%20arte%20de,o%20principal%20instrumento%20de%20trabalho>. Acesso em: 22 jun. 2022.

ÁVILA, V. F.; CAMPOS, I. M. M; ROSA, M. W. C.; FERRO, R. F. F. C.; PAULITSCH, R. J. **Formação educacional em desenvolvimento local: relato de estudo em grupo e análise de conceitos**. Campo Grande: Editora UCDB, 2000.

BARBOSA, Vera Lucia.; D'ÁVILA, Maria Inácia. Mulheres e Artesanato: Um 'Ofício Feminino' no Povoado do Bichinho/Prados-MG. **Revista Ártemis**, [S. l.], v. 17, n. 1, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/18122>. Acesso em: 27 jun. 2021.

BARRAGÁN, Alba Margarita Aguinaga; LANG, Miriam; CHÁVEZ, DuniaMokrani; SANTILLANA, Alejandra. Pensar a partir do feminismo: críticas e alternativas ao desenvolvimento. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas Decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 217-239.

BARROSO, Hayeska Costa. Artesanato e divisão sexual do trabalho: considerações sobre o trabalho de mulheres artesãs no Ceará. In: Encontro Nacional De Pesquisadores em serviço Social. Vitória: ENPESS, 2018. v. 16, p. 01-16.

BARROSO, Hayeska Costa; FROTA, Maria Helena de Paula. A TRAMA DO TRABALHO ARTESANAL PARA MULHERES CEARENSES: DESVENDANDO CÓDIGOS DE GÊNERO. In: CONGRESSO MUNDOS DE MULHERES (MM), 5., 2010, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: CMM, 2017. p. 1-11.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão**. Ed e Trad. João Barreto. Belo

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Santa Catarina, v. 2, n. 1, p. 68-80, jun. 2005.

BORGES, Adélia. **Design + Artesanato: O caminho Brasileiro**. [S. l.]: Terceiro Nome, 2019. 240 p. E-book.

BRASIL, Rank. **Maior artesanato linear em crochê**. 2005. Disponível em: https://www.rankbrasil.com.br/Recordes/Materias/0Ldd/Maior_Artesanato_Linear_Em_Croche. Acesso em: 10 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Cultura. Secretaria da Economia da Cultura – 2017 - **Plano Setorial do Artesanato** – 2016-2025/Minc/SEC – Brasília-DF – 2017 40 p.

BRASIL.PORTARIA Nº 1.007-SEI, DE 11 DE JUNHO DE 2018. Institui o Programa do Artesanato Brasileiro, cria a Comissão Nacional do Artesanato e dispõe sobre a base conceitual do artesanato brasileiro. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/34932949/do1-2018-08-01-portaria-n-1-007-sei-de-11-de-junho-de-2018-34932930.

CANCLINI, Néstor G. As Culturas Populares no Capitalismo. Trad. Cláudio N. P. Coelho. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CARRASCO, Cristina. A Economia Feminista: um panorama sobre o conceito de reprodução. **Revista dos Pós-Graduandos em Ciências Sociais**, Campinas, v. 26, n. 52, p. 31-69, jun. 2018. Disponível em: <https://www.cesit.net.br/wp-content/uploads/2019/03/Dossi%c3%aa-economia-feminista.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2021.

CARRASCO, Cristina. **A sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres**. In: NOBRE, Miriam; FARIA, Nalu (org.). A produção do viver: ensaios de economia feminista. São Paulo: Sof, 2003. Cap. 1. p. 11-49.

CARRASCO, Cristina. **Estatísticas sob suspeita: proposta de novos indicadores com base na experiência das mulheres**. São Paulo: SOF Sempre-viva Organização Feminista, 2012. 160 p. Tradução José Valenzuela Perez. Disponível em: <http://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2015/07/Estatisticas.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2021.

CARVALHO, Daniel Santos de; BENDASSOLLI, Pedro. Processo de significação no trabalho para trabalhadores artesanais atuando em uma capital do nordeste brasileiro. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 31, n. 1, p. 01-16, fev. 2019.

CASSANDRE, Marcio Pascoal *et al.* Informalidade e Precarização no Trabalho: o caso dos Crocheteiros do Vale do Ivaí. In: SEMINÁRIO EM ADMINISTRAÇÃO, 13., 2010, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Semead, 2010. p. 1-17.

CAVALCANTI, C. Meio ambiente, Celso Furtado e o desenvolvimento como falácia. **Ambiente & Sociedade**, v. 5, n. 2, p.73-84, ago.-dez., 2002.

CEPAL, Comisión Económica para América Latina y el Caribe. La **autonomía de las mujeres en escenarios económicos cambiantes**, CEPAL:CRM, Santiago, 2019.

COSTA, Blanca Aparecida.; MOREIRA, Maria Amália. Sentidos e contradições do trabalho de mulheres artesãs na economia solidária: estudo de caso de uma feira em Viçosa, Minas Gerais, Brasil. **OtraEconomía**, v. 12, n. 22, p. 133-152, 27 nov. 2019.

DOWBOR, Ladislau. A era do capital improdutivo – a nova arquitetura do poder: dominação financeira, sequestro da democracia e destruição do planeta. São Paulo: Outras Palavras & Autonomia Literária, 2017.

DOWBOR, Ladislau. Além da Pandemia: uma convergência de crises. In: PASSOS, J. D. A Pandemia do Coronavírus. São Paulo: Paulinas, p. 25-48, 2020a.

DOWBOR, Ladislau. O que é Poder Local? Imperatriz: Ética, 110 p., 2016.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FIGUEIRA, Michel Costantino. Economia solidária, comércio e turismo os produtos artesanais à base de palmeiras de butiá em Santa Vitória do Palmar, RS, Brasil. **Revista Cultur**, Santa Cruz, v. 2, n. 11, p. 54-80, jun. 2017.

FIGUEIREDO, Marina Dantas de *et al.* Empreendedorismo Feminino no Artesanato: Uma Análise Crítica do Caso das Rendeiras dos Morros da Mariana. In: ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS,

8., 2014, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: Egepe, 2014. p. 1-14. Disponível em: <https://anegepe.org.br/wp-content/uploads/2021/09/246.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2022.

FRAGA, Laís Silveira; GONÇALVES JUNIOR, Oswaldo. O Sonho e o Pesadelo do desenvolvimento: um olhar a partir das desigualdades. **Outra Economia**, v. 13, n. 1, p. 28-46, jun. 2020.

FREITAS, Gabriella Rocha de; CRUZ, Mailane Junkes Raizer da; RADOMSKY, Guilherme F. W. Pós-desenvolvimento: a desconstrução do desenvolvimento. *In*: NIEDERLE, Paulo André; RADOMSKY, Guilherme Francisco Waterloo (org.). **Introdução às teorias do desenvolvimento**. Porto Alegre: UFRGS, 2016. Cap. 8. p. 95-103.

FURTADO, Celso. **O mito do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1974.

GAIGER, Luiz Inácio. **A economia solidária diante das desigualdades**. Revista Dados, n. 3, v. 50, 2007.

GARCIA JÚNIOR, Carlos Alberto Severo; VERDI, Marta Inês Machado. Interdisciplinaridade e complexidade: Uma Construção em Ciências Humanas. **Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis**, Florianópolis, v. 12, p. 1-17, jul. 2015.

GLOBO, Rede. **Alta procura por biquínis de crochê aquece economia em Inconfidentes**. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2015/01/alta-procura-por-biquinis-de-croche-aquece-economia-em-inconfidentes.html>. Acesso em: 10 maio 2021.

GLOBO, Rede. **Crochês de cenário de novela da Globo são feitos no Sul de Minas**. 2014. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/sp/eptv/noticia/2014/04/croches-de-cenario-de-novela-da-globo-sao-feito-em-inconfidentes-mg.html>. Acesso em: 10 maio 2021.

GONÇALVES, Juliana. **O Bem Viver e a radicalidade de pensar novos mundos**. 2018. Disponível em: <https://usinadevalores.org.br/o-bem-viver-e-a-radicalidade-de-sonhar-outros-mundos/>. Acesso em: 22 jun. 2022.

GUIMARÃES, Leyde Moraes. **Inconfidentes, a terra que me viu nascer: aspectos históricos gerais**. Inconfidentes: O Autor, 2010.

HIRATA, Helena. Divisão – relações sociais de sexo e do trabalho: contribuição à discussão sobre o conceito de trabalho. **Em Aberto**, Brasília, v. 65, n. 15, p. 39-49, mar. 1995.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniele. Novas Configurações do trabalho. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, v. 132, n. 37, p. 595-609, dez. 2007.

Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades: Inconfidentes**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/inconfidentes/panorama>> Acessado em: 24 maio 2021.

IBGE, INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/inconfidentes/panorama>> Acessado em: 23 out. 2019.

INCONFIDENTES, Prefeitura Municipal de. **Inconfidentes**. 2021. Disponível em: <https://inconfidentes.mg.gov.br/>. Acesso em: 21 nov. 2021.

KELLER, Paulo F. O artesão e a economia do artesanato na sociedade contemporânea. Revista de Ciências Sociais, n. 41, outubro de 2014, p. 323-347.

KRENAK, Aílton. Ailton Krenak, a voz da floresta. Entrevista concedida a IdjahreKadiwel, Ana Paula Simonaci e Sergio Cohn. Revista de Cultura, Rio de Janeiro, 2017.

KRENAK, Aílton. **O amanhã não está à venda**. Companhia das Letras. Edição do Kindle, 22p., 2020.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 128 p.4.

LEMES, Bianca Xavier. **O “SABER-FAZER” DO CROCHÊ: VALORES DO ARTÍFICE E DO PATRIMÔNIO IMATERIAL**. 2017. 131 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura, Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

LIMA, Márcia Maria Tait; VASCONCELLOS, Bruna Mendes; JALIL, Laetícia. Mulheres populares e a sustentabilidade da vida na América Latina: recontar histórico e importância na atualidade. **Revista Interstícios de La Política y La Cultura**, Córdoba, v. 19, n. 07, p. 1-23, jul. 2021.

LIMA, Ricardo Gomes. Artesanato e arte popular: duas faces de uma mesma moeda. Brasília: Ministério da Cultura - Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, 2009.

LIMA, Ricardo Gomes. Artesanato: Cinco pontos para discussão. Brasília: Ministério da Cultura - Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, 2005.

MARIMON, Alessandra Schwantes.; LIMA, Márcia Tait. Caminhos para a Sustentabilidade da vida: revisão teórica e diálogo com as práticas de mulheres coletoras da Rede de Sementes do Xingu, Brasil. **Otra Economía**, v. 12, n. 22, p. 220-237, 27 nov. 2019.

MARTINS, Djenane *et al.* **Mulheres da economia solidária no Brasil: estratégias para autonomia econômica e dignidade**. 2018. Disponível em: <http://portal.unisolbrasil.org.br/mulheres-da-economia-solidaria-no-brasil-estrategias-para-autonomia-economica-e-dignidade/>. Acesso em: 23 jun. 2022.

MARTINS, Rafael D'almeida; CALDAS, Eduardo de Lima. Visões do Desenvolvimento Local: uma análise comparada de experiências brasileiras. **Interações**, Campo Grande, v. 10, n. 2, p. 207-218, dez. 2009. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1518-70122009000200008>.

MARX, Karl. **A Lei Geral da Acumulação Capitalista**. Capítulo XXIII. In: MARX, K. O Capital. Crítica da Economia Política. O processo de produção do capital. Livro I, v. 2. São Paulo: Civilização Brasileira, 1998.

MIGNOLO, Walter D. COLONIALIDADE: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [s.l.], v. 32, n. 94, p. 01, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.17666/329402/2017>.

MINAS GERAIS, Estado de. **Lei Estadual nº22.896 de 2018**. Declara patrimônio cultural do Estado de Minas Gerais o modo de fazer crochê do município de Inconfidentes. Belo Horizonte: DOU, 2018.

OLIVEIRA, Ana Luisa Matos de; ABREU, Sergio Arcas de. Contribuições teóricas E práticas da economia feminista à economia solidária. **Cadernos Latino-Americano de Política e Sociada**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 25-40, fev. 2020.

OLIVEIRA, Francisco. **Aproximações ao enigma: que quer dizer desenvolvimento local?** São Paulo: Polis; Monografia. Programa Gestão Pública e Cidadania/ EAESP/FGV, 2001.

OLIVEIRA, Jaqueline Pereira de. Mulheres na economia solidária: possibilidade de reconhecimento e emancipação social. **Sociedade e Cultura**, Goiás, v. 11, n. 2, p. 325-332, 19 dez. 2008. Universidade Federal de Goiás. <http://dx.doi.org/10.5216/sec.v11i2.5290>.

OLIVEIRA, Rita de Cássia Magalhães de. (ENTRE)LINHAS DE UMA PESQUISA: o Diário de Campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (Auto)biográfica. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, Bahia, v. 2, n. 4, p. 70-87, jun. 2014.

QUEIROZ, D. T.; VALL, J.; SOUZA-ALVES, A. M.; VIEIRA, N. F. C. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. **Revista Enferm**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2., p. 276-283, abr./jun., 2007.

QUEIROZ, Maria Isaura de. Relatos Oraís: do "Indizível" ao "Dizível". In: QUEIROZ, Maria Isaura de *et al.* **Experimentos com História de Vida**. São Paulo: Vértice, 1988. p. 01-43.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p.

ROBERTO ROCHA C. PIRES. **Os efeitos sobre grupos sociais e territórios vulnerabilizados das medidas de enfrentamento à crise sanitária da covid-19: propostas para o aperfeiçoamento**. Brasília: Ipea, 2020. 11 p.

ROSA, Mara Heid Moreira. **Políticas públicas para o desenvolvimento do artesanato: o caso de Inconfidentes-MG**. 2019. 32 f. TCC (Graduação) - Curso de Administração Pública, Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2019.

SANTANA, Tatiana de Oliveira; SANTANA, Giovanna. Fontes orais e narrativas indígenas: as mônadas como possibilidade teórico-metodológica. **História Oral**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 320-339, jun. 2019.

SANTOS, B. de S.; RODRÍGUEZ-GARAVITO, C. A. **Introduction: expanding the economic canon and searching for alternatives to neoliberal globalization**. In: SANTOS, B. de S. (Org.). *Another production is possible - beyond the capitalist canon*. London: Verso, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. "**Refundación del Estado en América latina – Perspectivas desde una epistemología del Sur**", In: ACOSTA, Alberto e MARTÍNEZ, Esperanza (Orgs.). *Abya Yala*. Quito, 2010.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente: Contra o Desperdício da Experiência**. São Paulo: Editora Cortez, 2002.

SANTOS, Boaventura de Souza. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. 174 p.

SATRÚSTEGUI, Koldo Unceta. Desenvolvimento, subdesenvolvimento, mau-desenvolvimento e pós-desenvolvimento: um olhar transdisciplinar sobre o debate e suas implicações. **Revista Perspectivas do Desenvolvimento**, Brasília, v. 1, n. 1, 2013.

Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/perspectivasdodesenvolvimento/article/view/14373>.

Acesso em: 21 jun. 2022.

SCHOLZ, Trebor. **Cooperativismo de Plataforma**. São Paulo: Elefante, 2016. 98 p. Tradução de Rafael Zanatta.

SEBRAE. **O artesão Brasileiro**. Brasília: 2013. Disponível em: file:///C:/Users/user/Desktop/referencias%20escolhidas/06_-_pesquisa_-_artes_o_brasileiro.pdf. Acesso em: 1 jun. 2021.

SEN, Amarty. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho Científico – 23. Ed. rev. e atual – São Paulo- Cortez, 2007. 1941.. Impresso no Brasil – novembro de 2010. 299p. –23º edição revista e atualizada. 5ª reimpressão.**

SHIVA, Vandana. **Acabar com a pobreza**. Publicado em la **Revista do Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO)**, 2006. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/Costa_Rica/dei/20120710030554/ponerfin.pdf. Acesso em: 22 jun. 2022.

SILVA, Christiane Pimentel. **O método em Marx: a determinação ontológica da realidade social**. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 134, p. 34-51, jan./abr. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.164>

SILVA, M. L. L. da; SILVA, G. M. de O.; DANTAS, L. C. **O artesanato na perspectiva da economia solidária em Campina Grande- PB**. **Revista Extensão & Sociedade**, [s. l.], v. 4, n. 3, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/extensaoesociedade/article/view/1893>. Acesso em: 23 jun. 2022.

SILVA, Tânia Gonçalves. **“Uma Colônia Cosmopolita”: História, Memória e Cultura no Processo Migratório do Núcleo Colonial Agrícola Inconfidentes (1910-1930)**. 2019. Mestrado (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal de Lavras., [S. l.], 2019. Christiane Pimentel e Silva.

SOARES-JUNIOR, Glauber; CARVALHO, Angelita Alves de. **O artesanato doméstico no cotidiano da mulher**. **Research, Society And Development**, [s.l.], v. 10, n. 4, p. 1-15, 18 abr. 2021. Research, Society and Development. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i4.14277>.

SOUZA, Maria Deuselena; JUCÁ, Gisafran Nazareno. **Revelações da Arte do Bordado e do Crochê na Memória Social de Nova Russas**. **BrazilianJournalofDevelopment**, Curitiba, ano 7, v. 6, ed. 7, p. 50039-50052, julho 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/13746>. Acesso em: 4 maio 2021.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. **A classe operária tem dois sexos: trabalho e resistência**- 3. Ed. – São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Editora Expressão Popular, 2021. 304 p.

TEIXEIRA, Marilane Oliveira. A economia feminista e a crítica ao paradigma econômico predominante. **Temáticas**, Campinas, 26, (52), dezembro 2018, p. 135-166.

TORRES, Daniel Roberto Vega. Institucionalização do trabalho artesanal: classe social e identificação cultural em França e Brasil. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 40, n. 1, p. 103-120, fev. 2019.

TRIOLA, Mário F. **Introdução à estatística**. 12. ed. São Paulo: LTC, 2017. 836 p.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Tradução de Dias, Jamille Pinheiro; Camargo, Raquel. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

WILLIAM, Rodney. **Apropriação Cultural**. Editora Jandaíra, 2019.

Fontes orais

ALEXANDRE, Ana Paula [abril. 2022]. Entrevistadora: Caroline Silva Dantas. Inconfidentes, MG, 14 abril. 2022.

APARECIDA, Eliana da Silva [maio. 2022]. Entrevistadora: Caroline Silva Dantas. Inconfidentes, MG, 02 maio. 2022.

ARAUJO, Iracema Rosa [maio. 2022]. Entrevistadora: Caroline Silva Dantas. Inconfidentes, MG, 03 maio. 2022.

BRANDÃO, Rosângela [maio. 2022]. Entrevistadora: Caroline Silva Dantas. Inconfidentes, MG, 05 maio. 2022.

BUENO, Ana Maria [abril. 2022]. Entrevistadora: Caroline Silva Dantas. Inconfidentes, MG, 14 abril. 2022.

COSTA, Rosana Inês Brandão da Costa [maio. 2022]. Entrevistadora: Caroline Silva Dantas. Inconfidentes, MG, 05 maio. 2022.

COUTO, Valdete Borges Monteiro do [maio. 2022]. Entrevistadora: Caroline Silva Dantas. Inconfidentes, MG, 03 maio. 2022.

TEODORO, Ilma Maria de Jesus [maio. 2022]. Entrevistadora: Caroline Silva Dantas.
Inconfidentes, MG, 06 maio. 2022.

OLIVEIRA, Claudenise Antônio de [maio. 2022]. Entrevistadora: Caroline Silva Dantas.
Inconfidentes, MG, 05 maio. 2022.

OLIVEIRA, Regina Lúcia Rio Branco de [maio. 2022]. Entrevistadora: Caroline Silva
Dantas. Inconfidentes, MG, 04 maio. 2022.

CRUZ, Maria Gomes da [maio. 2022]. Entrevistadora: Caroline Silva Dantas.
Inconfidentes, MG, 06 maio. 2022.

APÊNDICES

Apêndice A - Roteiro a ser seguido na obtenção da história de vida

Roteiro- História de vida

Primeiramente, a crocheteira será informada que a entrevista será gravada e que não serão divulgadas suas informações pessoais. Dito isso, ela será informada que poderá desistir da entrevista a qualquer momento, bastando apenas a sinalização da interrupção da gravação.

Na história de vida, buscará identificar onde o crochê apareceu na vida da crocheteira e qual a importância da atividade dentro da sua história. Assim, duas perguntas serão feitas, sendo elas:

1. Conte um pouco sobre sua história. Partindo de onde você se sentir à vontade para começar e até os dias atuais.
2. Para você, onde o crochê entrou na sua vida, o que ele te trouxe de bom e de ruim?

Vale mencionar que as perguntas norteadoras poderão ser acrescidas de outras perguntas, como dúvidas da pesquisadora em determinado momento, entre outros. É importante mencionar que a ordem das perguntas acima deve ser feita da forma apresentada, como forma de evitar o efeito “*Müller-Lyer*”, (TRIOLA, 2017) em que a ordem da pergunta altera a resposta do entrevistado.

Apêndice B - Entrevista semiestruturada

SIGNIFICADO DE FAZER CROCHÊ

1. Há quanto tempo você faz crochê? Quem te ensinou? Você já ensinou outras pessoas?
2. O que significa o crochê para você?
3. Você acredita que o crochê contribui na sua vida? De que forma?
4. Você começou a fazer crochê pela facilidade de conciliar a prática com outras atividades? Quais atividades você consegue fazer ao mesmo tempo em que faz o crochê?

DESAFIOS

5. O que falta para você enquanto crocheteira? Oportunidades, apoio do poder público, valorização ou outros?
6. Quais são os desafios das crocheteiras de Inconfidentes?
7. Você já tentou outra atividade econômica que não fosse o crochê? Qual foi a sua experiência?
8. Você acha que a produção do crochê tem aumentado ou diminuído com o passar dos anos, por quê?

POTENCIALIDADES

9. Com a organização em grupo junto a outras crocheteiras, você se sente mais valorizada? Financeiramente? Socialmente? Conte o que o grupo mudou em sua vida enquanto uma crocheteira.
10. O que faz você permanecer fazendo crochê?